Jean-Jaques Marie



OS QUINZE PRIMEIROS ANOS DA QUARTA INTERNACIONAL

PalavrA

Jean-Jacques Marie

Os Quinze Os Primeiros Anos da IV Internacional

Palavra

Coordenação:
Vito e Letizia

Tradução:
Maria Cristina Leme Gonçalves

Revisão:
Luiz Antonio Novaes

Capa e Diagramação:
Carlos Souza Oliveira

Composição:
Bomtexto Estúdio e Arte, Fone: 289-9797
Edson

PALAVRA EDITORA LTDA.
Rua dos Tupinambás, 152, Paraíso, São Paulo, SP.
C.G.C.: 50.245.166/0001-46

Editado em 1978
por La Verité, Paris

Impresso:
Artur Pereira Filho
Rua dos Tupinambás, 152

Publicado em 1981
Impresso no Brasil - Printed in Brazil

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

3 de setembro de 1938: Conferência de fundação da IV Internacional. Conforme afirma J. J. Marie neste livro, dos onze participantes dessa conferência havia "*um delegado em nome da América latina*". Tratava-se de um brasileiro, Mário Pedrosa [1], que representava o POL (Partido Operário Leninista), organização criada em 1936 pelos que procuravam defender no Brasil os princípios do marxismo contra a degeneração stalinista da III Internacional.

Assim, depois de estarem presentes na IV Internacional desde seu inicio e de chegarem a ter uma presença reconhecida em acontecimentos importantes da luta de classes no Brasil, os trotskistas perdem terreno a partir do fim dos anos 40. Mais ainda, a partir de 1952 e até o inicio dos anos 70, os que se reivindicam do trotsquismo no Brasil parecem ter perdido contato com o passado do trotskismo em

seu próprio pais. Como foi possível ocorrer isso?

Com este livro J. J. Marie traz uma resposta, embora não se ocupe dos acontecimentos ocorridos no Brasil. Isto porque J. J. Marie dá aqui uma contribuição teórica que, ao mostrar as raízes e as características da crise sofrida pela IV Internacional a partir dos anos 50, torna compreensíveis as descontinuidades do movimento trotsquista. E traz o conhecimento de fatos importantes do movimento operário internacional, fatos que tiveram implicações diretas no Brasil.

[1] *Pernambucano, filho do senador Pedro Pedrosa, desperta para as questões sociais quando estudante de direito no Rio de Janeiro. Filia-se ao PCB em 1926. Em 1927, com a decretação da Lei Aníbal Toledo (declarando ilegal o comunismo) e com a repressão que se segue. Pedrosa é chamado a Silo Paulo e assume a direção do Socorro vermelho. (organismo de ajuda material e moral aos presos políticos) No ano seguinte, a direção do PCB resolve mandá-lo pata a Escola leninista de Moscou (um organismo para a educação de quadros políticos). Ao chegar à Alemanha, no entanto, adoece, ficando sem condições de seguir imediatamente pare a Rússia. Estagia em Berlim, militando no PC alemão e participa dos combates de rua contra os nazistas. Vai a Paris onde trava contato com Péret, Pierre Naville e com escritores do grupo surrealista. De volta a Berlim corresponde-se com Naville (então diretor da revista "Clarté") a liga-se aos oposicionistas alemães. Tomando o partido de Trotsky, resolve abandonar definitivamente o projeto de estudar em Moscou. (Extraído da Biografia de Mário Pedrosa te visada pelo mesmo.).*

A Crise da IV Internacional e a Luta de Classes Atual

Os quinze primeiros anos da IV Internacional vão de sua fundação até sua crise, aberta em 1951-53. São anos cruciais, que se concluíram com a cisão da IV Internacional em 1953.

A importância dessa crise corresponde à importância da IV Internacional e de seu programa para a classe operaria.

O aguçamento dos sintomas que expressam o declínio do sistema capitalista provoca sofrimentos cada vez maiores para as massas exploradas e oprimidas do mundo inteiro. Nesse sentido, a perspectiva do socialismo é uma necessidade histórica, colocada pelo desenvolvimento das forças produtivas e pelo posterior bloqueio desse desenvolvimento a partir da decadência do sistema. O proletariado é a única força capaz de dar uma solução aos gigantescos problemas acumulados pelo declínio capitalista e, através da revolução, impedir que a humanidade retroceda para a barbárie.

Mas afirmar que o socialismo é uma necessidade decorrente do próprio desenvolvimento das contradições do capitalismo não permite concluir que a realização do socialismo é uma fatalidade. É a luta de classes o instrumento fundamental de transformação da sociedade. O que significa que a organização do proletariado como classe na luta por seus interesses históricos, a organização do partido revolucionário da classe operária, coloca se como uma necessidade fundamental para o futuro da humanidade.

A acentuação dos sintomas da crise do sistema capitalista no atual período histórico traz conseqüências que vão além do aumento dos sofrimentos das massas exploradas e oprimidas; traz conseqüências que atingem também o processo de

organização da classe operária. Noutros termos: a luta para quebrar as forças reacionárias desencadeadas pelo capitalismo decadente tem como parte integrante a luta pela defesa e pelo desenvolvimento da organização do proletariado como classe.

A fundação da IV Internacional recolocou para o proletariado a mesma tarefa colocada por Marx ao construir a I Internacional; a unificação do proletariado em sua luta contra a burguesia através do partido revolucionário mundial. Porém, a fundação da IV Internacional deu-se em condições incomparavelmente mais difíceis. Isto porque a traição da II Internacional e posteriormente a stalinização da III se transformaram em novas barreiras contra a unificação do proletariado num partido revolucionário mundial. Em particular a stalinização da III Internacional significou a criação de uma barreira gigantesca, na medida em que tinha à sua disposição os recursos do estado operário burocrático, o que lhe permitiu sustentar uma falsificação monstruosa da Revolução de Outubro e de toda a história do movimento operário.

A luta pela IV Internacional não se dá no momento atual nas mesmas condições que em 1938. Em 1938 Hitler havia esmagado o proletariado alemão apoiando-se na política de divisão do movimento operário praticada pelo stalinismo; em 1938 as Frentes Populares da Espanha e da França conduziram o proletariado a derrotas terríveis. E. mesmo em tais condições extremamente difíceis, a criação da IV Internacional tinha uma importância enorme porque abria um caminho à criação de uma nova direção revolucionária sobre os escombros das velhas direções tornadas contra-revolu-

cionárias. Hoje as condições são outras. O movimento das massas exploradas e oprimidas está em ascenso. O imperialismo sofre as conseqüências de sua derrota no Vietnã. Aprofunda-se rapidamente a crise das burocracias parasitárias e do aparelho stalinista internacional, crise cuja manifestação mais aguda se mostra hoje na Polônia.

Contudo, as tarefas da IV Internacional, em 1938 e hoje, são as mesmas. E são gigantescas. E implicam a mesma luta contra as burocracias parasitárias aliadas ao imperialismo. E a crise da IV Internacional, aberta ao fim dos quinze anos analisados no presente livro, ocorreu precisamente em função da revisão de seus princípios fundamentais, particularmente a análise da burocracia do Kremlin e de seu papel na luta de classes.

Mas o mesmo ascenso revolucionário que desagrega a ordem burguesa e provoca a crise das burocracias parasitárias, abre o caminho para o reagrupamento dos trotskistas em torno dos princípios sobre os quais foi fundada a IV Internacional. A derrubada de Somoza pelas massas na Nicarágua em 1979 ofereceu a ocasião para que novamente se apresentassem para os que se reivindicaram do trotskismo as mesmas questões cruciais em torno das quais se deu a cisão de 1953. A partir desse acontecimento deu-se uma verdadeira virada na luta pela IV Internacional, uma virada que permitiu, já em 1979, a constituição do Comitê Paritário pela Reorganização (Reconstrução) da IV Internacional, agrupando a maioria das forças que se reivindicam do trotskismo no mundo inteiro; e permitiu que em 1980 essas forças realizassem a Conferência mundial aberta que constituiu a IV Internacional - Comitê internacional, estabelecendo assim um novo marco no processo de superação da crise da IV Internacional em sua luta pela construção do partido

revolucionário mundial do proletariado.

A Crise da IV Internacional e o Movimento Operário no Brasil

A retomada do impulso do movimento trotskista ocorrida no Brasil nos últimos anos é resultado direto desse avanço no processo de reconstrução da IV Internacional.

Uma rápida olhada na história do trotskismo no Brasil mostra como a luta pela organização revolucionária do proletariado, a luta contra o stalinismo, teve seu desenvolvimento truncado pela crise da 1V Internacional. Mas mesmo esse desenvolvimento truncado é suficientemente rico para fazer saltar à vista as possibilidades enormes que se abriam para o proletariado no Brasil com a criação de uma organização trotskista nos anos 30; e demonstram também indiretamente, pelo retrocesso ocorrido na organização do proletariado como classe, a gravidade do golpe sofrido pelo proletariado no Brasil com a crise da IV Internacional.

Bem cedo o movimento operário brasileiro esteve ligado às lutas dos oposicionistas de esquerda da III Internacional contra a direção stalinista.

Em 1928 ocorre uma crise no PCB que culminaria com o desligamento de 48 militantes, quase todos signatários, dias antes, de um documento exigindo a convocação imediata de uma conferência nacional. Surgem dessa cisão os pioneiros do movimento trotskista no Brasil.

Essa crise representava a confluência, num desfecho único, de duas linhas de

discordância dentro do PCB. Uma das correntes, liberada por Joaquim Barbosa [1], rompe com a direção pela falta de democracia interna e pela linha sindical sectária. Para compreender tais divergências é preciso lembrar que em 1928 a III Internacional adotava a linha ultra-sectária chamada “*do terceiro período*” por Trotsky. As posições defendidas pela facção liderada por J. Barbosa (conhecida como Oposição sindical) sensibilizam vários comitês regionais do PCB, servindo como estopim para a cristalização de outra corrente de oposição, integrada, entre outros, por Rodolfo Coutinho [2], Lívio Xavier, Hilcar Leite e Aristides Lobo [3], que, além daquelas críticas, apresentam divergências mais amplas. Estes, conhecendo (se bem que de forma incompleta) as lutas dos oposicionistas de esquerda da III Internacional na Europa, criticam duramente a visão estreitamente nacional de revolução socialista que começava a ganhar corpo no PCB e opõem-se à pretendida aliança com Luis Carlos Prestes, então no exílio.

É Mário Pedrosa que, retornando de estadia na Europa de 1928 a 1929 (enviado pelo PCB), traz consigo o programa dos oposicionistas de esquerda da III Internacional. Enquanto R. Coutinho e L. Xavier lutavam, no Brasil, para manter ativa a pequena oposição à direção do PCB, Pedrosa conhecia Souvarine e outros comunistas expulsos por direções obedientes a Moscou. Voltando ao Brasil em fins de 1929, é expulso do PCB devido àquelas ligações e começa imediatamente a trabalhar para

[1] *Joaquim Barbosa fora transferido, no II Congresso do PCB (1925), da função de tesoureiro para a de secretário sindical do partido. Em 1927 era eleito secretário da Federação sindical do Rio de Janeiro — uma organização regional dentro da estratégia para a criação de uma central sindical. Começam os problemas com a direção do PCB, que conduz uma política sectária frente às diferentes correntes operárias. Em 1928 Barbosa demite-se do cargo de secretário sindical e redige uma carta aberta da Comissão contrai executiva do PCB, passando a liderar a facção conhecida como Oposição sindical. Pouco tempo depois Barbosa e sua célula (a 4R), com cerca de 40 componentes, abandonam o partido. (Cf. F. Dulles: "Anarquistas e Comunistas". página 226.)*

[2] *Rodolfo Coutinho, advogado pernambucano, em 1919 organizou (junto com seu primo Cristiano Cordeiro) o Círculo marxista de Recife e fez parte do grupo fundador do PCB em 1922 Embora não tenha sido eleito delegado para o 1 Congresso do PCB, foi eleito para ser um dos cinco suplentes do Comitê central executivo do partido. Passa os anos de 1924 a 1927 na Europa, enviado pelo partido, primeiramente em Moscou, como delegado do PCB para o V Congresso da III Internacional, e, em seguida na Alemanha. Nesse período entra em contato com os oposicionistas de esquerda da III Internacional. De volta ao Brasil, integra-se novamente à Comissão central,executiva do PCB. É encarregado da organização dos trabalhadores rurais do Rio de Janeiro e escreve no jornal 'A Nação", controlada pelo PCB. (Extraído de F. Dulles, p.4g. 134.)*

[3] *A crise atingiu a Juventude comunista, com a passagem de Aristides Lobo - que trabalhava pela organização da Juventude comunista em São Paulo - para o lado da oposição, e também devido à influência que exercia sobre ela R. Coutinho. Quatro membros do Comitê contraem executivo da Juventude comunista rompem com a direção, entre os quais Hilcar Leite, que tinha então apenas 16 anos. Mais tarde H. Leite seria conhecido por sua luta pela IV Internacional, sendo que na Conferência de fundação da IV Internacional foi lançado um apelo internacional pela libertação do militante preso pela policia de Vargas. (Vide nota da página VIII.)*

estabelecer vínculos entre a oposição brasileira (que contava com cerca de 50 militantes [1] e o movimento oposicionista europeu e chileno, especialmente o grupo de David Rouset na França. Resulta daí o Grupo bolchevique Lenine (também conhecido como Grupo comunista Lenine) que, em 8 de maio de 1930 lança o primeiro número de seu periódico "*Lucta de classe*". (Este parágrafo é uma transcrição livre de um trecho de "*Anarquistas e Comunistas no Brasil*" ,de F. Dulles).

Nesse mesmo ano circulava o "*Bulletin Internacional*" (dos oposicionistas de esquerda da III Internacional) apresentando a adesão de 17 organizações de diferentes países à convocação de um encontro que lançaria a Oposição internacional. Entre estas figurava o grupo brasileiro.

Por essa época Aristides Lobo e, depois, M. Pedrosa, foram enviados a entrevistar-se com Luís Carlos Prestes para discutirem a fundação de um "*partido socialista revolucionário*", mas a idéia é repelida, pois Pedrosa e seus camaradas não concordam em esvaziar o PCB, o qual consideram ainda possível de ser recuperado (conforme entrevista com Mário Pedrosa de 29.4.1980).

O GBL transforma-se, em 21 de janeiro de 1931, na Liga comunista internacionalista, secção brasileira da Oposição internacional de esquerda, formalizando a adesão à organização internacional que ajudara a construir. No ato de fundação estavam presentes Aristides Lobo, João Mateus, Manuel Medeiros, Mário Pedrosa, Benjamim Peret, Lívio Xavier, entre outros. Logo esse quadro é ampliado com a instalação de uma secção no Rio de Janeiro, que contará com a

participação de Rodolfo Coutinho, João dalla Dea, Octávio du Pin Galvão e José Neves.

O primeiro número do periódico do GBL - o "*Boletim da Oposição*" - apresenta novas análises da revolução de 30 e sobre o movimento comunista internacional. Fiel aos princípios da Oposição, declara-se em luta pela regeneração do PCB. Seus militantes precisam defender-se, no entanto, de um lado da violenta campanha anti-trotskistas movida pelo Kremlin e aplicada diligentemente pelo PCB, e, de outro, das perseguições da polícia de Getúlio Vargas.

Mesmo enfrentando condições tão adversas os trotskistas desenvolvem intensa atividade sindical, principalmente entre os gráficos do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde chegam a dirigir, durante dois anos, a importante União dos Trabalhadores Gráficos.

Atacando a linha do PCB, a Liga define sua política sindical com base nos seguintes pontos: "*Em primeiro lugar, denunciar aos operários do Partido em particular, e à classe trabalhadora em geral, os crimes que vem sendo cometidos contra seus interesses pela burocracia que dirige, desgraçadamente, sua organização revolucionária. Em segundo lugar, militar no movimento sindical denunciando aos trabalhadores todas as capitulações das direções anarquistas em seus sindicatos e, paralelamente, as traições da direção stalinista de seu partido de classe. Em terceiro e último lugar, procurar imprimir aos sindicatos uma orientação revolucionária justa, arrastando-os à luta intransigente e implacável contra a classe capitalista.*"

[1] *Esse núcleo é composto por militantes da antiga célula 4R do PCB (composta por gráficos do jornal "*O Pais*"), com outros oposicionistas relacionados com a crise de 1928, inclusive alguns ex-militantes da Juventude comunista.*

Além dos gráficos, a Liga estende sua atuação, através da Federação dos Sindicatos, aos marceneiros, metalúrgicos, comerciários, ferroviários e tecelões.

Procurando ampliar as bases teóricas do movimento operário, criam a Editora Unitas, que lançará a primeira coleção de textos marxistas no Brasil, além de traduções de textos de Trotsky.

Em São Paulo, durante a greve de maio e, depois, durante o movimento constitucionalista de 1932, vários militantes da Liga foram presos, entre eles, Mano Pedrosa.

Na luta contra o integralismo, a versão brasileira do fascismo, os trotskistas tiveram um papel relevante. Um dos momentos mais significativos dessa luta deu-se no 1º de Maio de 1934, segundo Mário Pedrosa:

"*Foi organizado pela Liga comunista internacionalista, pelo Partido socialista, que acabava de ser fundado, e pelos anarquistas, e pretendia se transformar numa grande manifestação pública contra os integralistas. Mas havia dificuldades porque a polícia sempre proibia e reprimia. Começamos a publicar em panfletos e no jornal da UTG (União dos Trabalhadores Gráficos) que realizaríamos a manifestação no 1º de Maio. No final, a polícia concordou com a manifestação, mas ela deveria ser feita no Departamento do Trabalho de São Paulo, que tinha sido criado fazia pouco tempo como representação do movimento sindical oficial e que era dirigido por Jorge*

Street. A comissão da manifestação aceitou a exigência e o comício acabou se realizando. Nós dissemos tudo o que queríamos, falamos da luta de classes, da luta contra os integralistas, do que representava o 1º de Maio. Eu cheguei a chamar o local de “espelunca do trabalho”, o que deixou o velho Street muito irritado. Naquele dia eu lancei, pela primeira vez no Brasil, o slogan da necessidade da construção da IV Internacional. Os comunistas internacionalistas sentiram que era o momento de se propagandear essa necessidade, devido à capitulação do PC alemão, que tinha aberto o caminho a Hitler.

Já naquela época eles (os integralistas) apareciam nas ruas espancando as pessoas. Nós fomos os primeiros a denunciá-los. Para concretizar a frente antIfascista, a campanha contra os integralistas que se desenrolou durante o ano de 1934, a LCI, os anarquistas e os socialistas lançaram um jornal chamado “Homem livre”. O PCB não participava da frente-única, preferia levar a campanha à parte. Somente participou da grande luta contra os integralistas a 7 de outubro de 1934 na Praça da Sé. Toda a esquerda se uniu contra a manifestação integralista que seria realizada naquele dia. O objetivo dos integralistas era atacar a organização da classe operária, a sede da Federação sindical de São Paulo e os sindicatos que se localizavam no edifício Santa Helena, em frente ao qual tinham planejado um desfile. Nós lutamos contra os fascistas e impedimos a realização da manifestação. O movimento realizado a 7 de outubro foi uma das conseqüências da luta contra o fascismo proposta naquele 1º de Maio.”

Ainda em 1934, a LCI, a Federação dos Sindicatos e o Partido Socialista resolveram lançar uma plataforma visando à ação conjunta na Constituinte estadual e nas eleições para a Câmara federal. Forma-se assim a chamada Coligação das Esquerdas. O PCB, também convidado, prefere lançar-se sozinho.

A LCI apresenta para essa frente um programa de 42 pontos, dividido em três partes: reivindicações políticas e democráticas (extensão do voto, milícias anti-fascistas, instituição do divórcio, reconhecimento da URSS, etc.); reivindicações

econômicas imediatas (redução da jornada de trabalho, alterações na legislação trabalhista, aumentos de salários, salário mínimo com base em escala móvel, etc.); reivindicações econômicas em benefício das massas em geral e dos camponeses (nacionalizações, extinção da dívida externa, organização de fazendas-modelo geridas pelos sindicatos rurais, etc.) A Frente conseguiu, em São Paulo, oito mil votos, superando inclusive o PCB.

Com a quartelada stalinista de novembro de 1935, conhecida como “*Intentona comunista*”, o movimento operário sofre brutal repressão, e a LCI é quase toda desbaratada. Os quadros remanescentes, procurando articular-se, fundam em 1936, no Rio de Janeiro, o POL (Partido Operário Leninista) que, no entanto, jamais chegará a se consolidar. Mesmo assim, em julho é lançada a revista “*Sob nova Bandeira*.”

Com a instalação da ditadura do Estado novo (outubro de 1937) Pedrosa segue para a França por decisão de sua organização. Sua esposa e vários militantes são presos [1]. Em Paris Pedrosa trabalha pela fundação da IV Internacional, especialmente junto a Klement, que secretaria o Comitê de organização da Oposição

e com quem divide o alojamento, até que o militante alemão é barbaramente assassinado pela GPU, a policia de Stálin. Participa da Conferência de fundação da IV Internacional (sob o nome de "*Lebrum*") e é indicado para integrar o Comitê executivo da nova organização como representante da América latina. Nesse mesmo ano segue para os EUA acompanhando a transferência da sede do Secretariado da IV Internacional em decorrência da guerra.

No Brasil, em função da política da III Internacional de associar-se à burguesia (as frentes populares) e do oportunismo e golpismo da direção do PCB, ocorre uma cisão no Comitê central provisório do PCB, que acaba se cristalizando nas eleições presidenciais de 1937: a orientação da III Internacional era apoiar José Américo de Almeida (representante de Vargas e do tenentismo). Porém um grupo defende o lançamento de uma candidatura que surja como conseqüência de mobilizações de massas. Esse grupo sai do partido com uma maioria liderada por Hermínio Sachetta, um dos principais redatores de "*A Classe operária*" - órgão oficial do PCB - e dirigentes do Comitê regional de São Paulo. Sachetta sai no final de uma prolongada crise que envolve todo o Comitê regional de São Paulo e é expulso do PCB em setembro de 1938. Lança documentos em que critica duramente a política de colaboração de classes da direção do PCB e o oportunismo da linha seguida por alguns dirigentes.

O grupo de Sachetta, a Dissidência pró-Reagrupamento da Vanguarda, formada por militantes do Comitê regional do PCB de São Paulo, junta-se ao POL, formando

[1] *Durante a Conferência de fundação da IV Internacional, em 1938, é aprovado um "Apelo em favor dos Prisioneiros e das Vítimas da Luta de Classes" Entre os atingidos pela repressão em todo o mundo, contam os militantes trotskistas brasileiros:*" ... *No Brasil, um jovem trabalhador e militante bolchevique-leninista, Hilcar Leite, doente. torturado, condenado a quatro anos e meio de prisão, ameaçado de nova condenação ainda mais feroz, não fraqueja. mas, ao contrário, juntamente com seus camaradas de cárcere, reafirma sua inquebrantável fé na vitória de nossa causa e não espera sua libertação senão dos triunfos da IV Internacional." ("Les Congrês de la IV Internacionale, A. Prager (org.). v. 1, pág. 209.)*

com ele o Comitê pró-Reagrupamento da Vanguarda revolucionária do Brasil. A fusão será realizada em agosto de 1939, na 1ª Conferência de militantes da IV Internacional, sendo constituído o PSR (Partido Socialista Revolucionário).

Durante a crise da secção norte-americana da IV Internacional, em 1939, decorrente de divergências em relação à defesa incondicional da URSS (era a época da invasão da Finlândia pela URSS) assumida pela maioria da direção, Pedrosa alinha-se com a fração, que termina por abandonar o partido norte-americano (o SWP). Na reorganização do Secretariado da IV Internacional operada por Trotsky no ano seguinte, Pedrosa é excluído.

Pedrosa, influenciado pelas idéias do social-democrata norte-americano N. Thomas volta ao Brasil em 1941, disposto a organizar um partido socialista independente e, junto com outros ex-militantes da LCI, já desligados do trotskismo, funda o periódico "*Vanguarda socialista*".

Em 1943 o PSR reata relações com a IV Internacional e começa a editar o periódico "*Orientação socialista*" Em 1946, durante o Congresso sindical de setembro, os delegados vinculados ao PSR batem-se pela independência dos

sindicatos em relação ao estado, contra a política de subordinação ao Ministério do Trabalho defendida pelo PCB. O PSR participa também das eleições para a Assembléia constituinte através da Coligação democrática radical, lançando um programa de reivindicações classistas.

Em 1952 o PSR afasta-se da IV Internacional em função de divergências com a orientação de M. Pablo, então principal dirigente da IV Internacional, e acaba por dissolver-se, restando apenas um núcleo em São Paulo, que toma o nome de Liga socialista independente.

A partir de uma iniciativa do Birô latino-americano da IV Internacional (já cindida), dirigido por J. Posadas, cria-se em 1953 o POR (Partido operário revolucionário), que lança o periódico "*Frente operária*" e que, durante anos, vai apresentar-se como "*representante da IV Internacional*" no Brasil.

A dissolução do PSR, a quebra de continuidade dos laços internacionais dos trotskistas no Brasil é, portanto, resultado direto da crise que atingiu o centro dirigente da IV Internacional em 1951-53.

Nos últimos anos, os avanços da luta de classes mundial deram ao trotskismo um novo impulso no Brasil. Esse novo impulso é um dos elementos que compõem o atual momento do processo de reconstrução da IV Internacional. E. de certo modo, pode-se afirmar que é uma comprovação da justeza da análise que faz J. J. Marie do primeiro período de vida da IV Internacional.

Os Editores
(com a colaboração de Carlos Régis Leme Gonçalves e Dainis Karepovs)

INTRODUÇÃO

A 3 de setembro de 1938, num subúrbio parisiense, foi realizada a Conferência de fundação da IV Internacional. Dez seções - mais um delegado em nome da América Latina - estiveram nela representados: URSS, Grã Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia, Holanda, Bélgica e Estados Unidos. Em um dia, a Conferência proclamou a nova Internacional e adotou seu programa ("*A Agonia do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional*", com o subtítulo de "*A mobilização das massas em torno das reivindicações transitórias como preparação para a tomada do poder*"), chamado sumariamente de Programa de Transição. Aprovou também um

Manifesto aos trabalhadores do mundo inteiro, que lançava "*um apelo urgente, num momento em que um grande perigo ameaçava as massas do mundo inteiro*", às vésperas dos "*horrores de uma nova guerra imperialista mundial*", suscitada pela agonia do mundo capitalista, que "*exala os venenos do fascismo e da guerra totalitária*".

A fundação da IV Internacional suscitou, desde o primeiro dia, vivas polêmicas, que ainda não se extinguiram. A conclusão do "*Programa de Transição*", por outro lado, se refere a elas com precisão:

"*Os céticos perguntam: mas já é chegado o momento de criar uma nova Internacional? É impossível, dizem, criar uma Internacional "artificialmente": só grandes acontecimentos podem fazê-la surgir, etc. (...)*

A IV Internacional já surgiu de grandes acontecimentos: as maiores derrotas do proletariado na História. A causa destas derrotas é a degeneração e a traição da antiga direção. A luta de classes não tolera interrupção. A III Internacional, após a II, está morta para a revolução. Viva a IV Internacional!

Mas os céticos não se calam: 'É agora o momento de proclamá-la?" A IV Internacional, respondemos, não tem necessidade de ser "proclamada". ELA EXISTE E LUTA. Ela é fraca? Sim, suas fileiras são ainda pouco numerosas, pois ainda é jovem. Consiste, até o momento, sobretudo de quadros. Mas, estes quadros são a única garantia do futuro. Fora destes quadros, não existe, neste planeta, uma única corrente revolucionária que mereça realmente este nome. Se a nossa Internacional é ainda fraca em número, ela é forte pela doutrina, pelo programa, pela tradição, pela têmpera incomparável de seus quadros."

Alguns dias mais tarde, Trotsky, saudando a Conferência, apoiou-se na criação do *"Socialist Workers Party"* nos Estados Unidos para afirmar: "*Desde agora, a IV Internacional colocou-se frente às tarefas de um movimento de massas*", e, em 19 de outubro de 1938, na mensagem que ele envia ao comício de Nova York em comemoração à fundação da IV Internacional, ele previu:

"*Durante os próximos dez anos, o programa da IV Internacional tornar-se-á um guia para milhões de homens, e estes milhões de revolucionários saberão convulsionar a terra e o céu.*"

I

“A LUTA DE CLASSES NÃO SOFRE INTERRUPÇÃO”

Este prognóstico não se realizou, se tomarmos a frase ao pé-da-letra.

Dez ou vinte anos mais tarde, o programa da IV Internacional não havia ganho para si os milhões de trabalhadores e suas seções nacionais não haviam ultrapassado o estágio de pequenas organizações. E, desde aquela data, o abismo não parecia imenso em relação aos objetivos que se havia fixado a Oposição de Esquerda quando definiu em 1933 a perspectiva da construção da nova Internacional? As forças reunidas em 1938, sensivelmente, não ultrapassavam aquelas que se reuniram em 1933, das quais três quartos haviam rompido com o trotskismo. A proclamação da IV Internacional baseou-se, então, em um prognóstico errado?

É o que pensaram aqueles que tinham a reputação de simpatizar com o trotskismo como, por exemplo, Daniel Guérin, do PSOP [1], ou os antecessores do atual grupo Luta Operária, a União Comunista [2] é o que afirma ainda hoje em dia um antigo militante deste grupo, Jacques Roussel, que resume muitíssimo bem seus diversos argumentos quando escreve, em “*Os Filhos do Profeta*”:

“*Não é artificial fundar uma Internacional em pleno período de naufrágio do movimento operário internacional? As Internacionais precedentes constituiram-se em torno de um partido dinâmico profundamente implantado nas massas...). A IV Internacional não agrupava senão minúsculos grupos lutando contra a corrente (...). Homens como Victor Serge, Isaac Deutscher, achavam que esta tentativa era insensata e artificial.*”

[1] *Partido Socialista Operário-Camponês, surgido de uma cisão do Partido Socialista Francês em 1938.*

[2] *Organização política francesa que se reivindicava da luta contra o stalinismo e que não aderiu à IV Internacional.*

De fato, Victor Serge - que aconselhava a classe operária francesa, em julho de 1938, a exercer “*uma pressão suficiente sobre a Frente Popular*”, e preconizava com relação a esta última, que abria caminho para os governos reacionários de Daladier e Pétain, o “*apoio*”, a “*crítica*” e a “*denúncia*” [1] harmoniosamente ligados – era, todavia, hostil à decisão tomada. E Deutscher, que proclamava uma fé inquebrável na auto-reforma do stalismo, em sua autodestruição - poder-se-ia até dizer em sua auto-civilização pelo desenvolvimento das ciências, das técnicas e das forças produtivas - via nisto “*um gesto vazio de significado*” e uma “*loucura*” [2].

“*Trotsky decidiu fundar a nova Internacional num momento em que, como os poloneses o haviam advertido, este ato não podia ter nenhuma espécie de impacto.*”

Ele conclui com uma forma muito jornalística... Como se o impacto (Sobre o quê? Sobre quem?) fosse o critério decisivo!

Coisa aparentemente muito espantosa, encontramos hoje em dia uma posição, no fundo muito semelhante, nos escritos da Liga Comunista Revolucionária, seção

francesa do "*Secretariado Unificado da IV Internacional*".

Em sua brochura "*O que é o OCI*", três de seus membros afirmam:

"*Quando Leon Trotsky fundou a IV Internacional em 1938, ele estava convencido de que a II Guerra Mundial teria os mesmos efeitos sobre o movimento operário, dominado pelo stalinismo, que a I Guerra Mundial teve sobre o movimento operário, controlado pela sócia-democracia.*"

Logo, acrescentam:

"*Contrariamente ao prognóstico de Trotsky, o ascenso revolucionário dos anos 1943-1947, comparado com os de 1917-1923. mostrou-se relativamente limitado.*" (p. 13).

O prognóstico político de Trotsky estaria, pois, errado, falso, ou pelo menos exageradamente otimista. E também as conclusões que ele tirou deste prognóstico! A começar, evidentemente, pela proclamação da IV Internacional.

Os autores desta brochura não o dizem abertamente. Mas eles atribuem a responsabilidade do erro de julgamento que eles denunciam nas apreciações e na política da época dos dirigentes da IV Internacional a um pretenso erro de prognóstico de Trotsky.

"*Um dos elementos essenciais que caracterizaram então a análise dos trotskistas foi uma profunda incompreensão da defasagem entre o prognóstico de Trotsky, tal qual ele o formulava freqüentemente (sic), e a realidade objetiva do após-guerra.*" (p. 13).

"*Defasagem*" é um termo muito gentil. E a precisão "*tal qual ele formulava freqüentemente*", sugere que o próprio Trotsky não acreditava muito, no fundo, ou, em todo caso, nem sempre!

[1] *Victor Serge e Leon Troksky*: La Lutte Contre e Stalinisme. *p.97, Maspero ed.*
[2] *Deutscher: Trotsky,* Le Prophête Hors da Loi. *pp. 562-563.*

Um Prognóstico Integralmente Verificado pela História

Um prognóstico, longe de ser uma previsão ou uma profecia, visa apenas evidenciar as tendências profundas da luta de classes e da correlação de forças entre elas, colocar a nó sua evolução e o sentido no qual ela se efetua. O prognóstico é, com efeito, um MEIO DE AÇÃO. Mas a história da luta de classes não é o desenvolvimento mecânico do conflito objetivo entre forças cegas. Q prognóstico tem como fim servir às forças em luta, que ele não pode substituir. O prognóstico estabelecido por Trotsky e sobre o qual repousa a fundação da IV Internacional, a saber, a perspectiva das convulsões revolucionárias contidas em germe pela II Guerra Mundial que se aproximava, foi integralmente verificado pela história.

Mas o prognóstico da abertura de um período revolucionário não significa automaticamente a vitória da revolução proletária. A vitória, para os marxistas, é

evidentemente condicional. Como a guerra, a revolução é o enfrentamento levado ao extremo de forças vivas, o choque entre a burguesia e o proletariado, em torno dos quais gravitam as outras categorias ou classes sociais. Nada está resolvido de antemão. Levantar a perspectiva da vitória da revolução proletária significa atuar politicamente para esta vitória, determinar as condições para a vitória e combater para que elas sejam realizadas. O prognóstico que Trotsky formulava e a perspectiva que ele abria, no inicio da II Guerra Mundial, ocorreram inteiramente, como aquele que Lênin formulara e apontara no início da I Guerra Mundial. A revolução proletária, é verdade, só foi vitoriosa na Rússia, nos dias posteriores a I Guerra Mundial. E, isolada naquele país atrasado e arruinado, ela degenerou.

Lugar-tenente da burguesia no seio da classe operária, a social-democracia internacional, e principalmente européia, pôde, na ausência de uma Internacional Comunista, conter, após 1917, a formidável vaga revolucionária engendrada pela guerra e fazê-la refluir. O imperialismo e a burocracia stalinista prepararam-se para enfrentar uma situação idêntica com muitíssimo mais cuidado que os governos burgueses de 1917-1918. Desde a vitória de Stalingrado, que marcou a virada da situação na Europa e no mundo, eles prepararam um acordo político contra a revolução que avançava: Yalta e depois Potsdam, materializaram esta Santa Aliança contra-revolucionária entre a burguesia e sua sombra projetada no seio da Rússia Soviética, a burocracia, que reúnem o conjunto de suas forças para impedir a classe operária de destruir os Estados burgueses e expulsar a burocracia.

Apesar do poderio formidável que o desmoronamento dos imperialismos rivais concentrou nas mãos do imperialismo americano, apesar da aura e o prestígio que a burocracia stalinista do Kremlin adquiriu junto às massas após a vitória da URSS contra o nazismo, os aliados de Yalta e de Potsdam, estiveram longe de atingir seus objetivos. Na véspera e no início da II Guerra Mundial, o proletariado da Europa, que jogou um papel central na luta de classes mundial, viu destruídas suas conquistas, resultado de mais de um século de luta de classe, e esmagadas suas organizações; ele sucumbiu sob a bota fascista. O ataque do imperialismo alemão contra a URSS colocou em causa uma das mais importantes e determinantes conquistas do proletariado mundial, que subsiste a despeito da ditadura stalinista: as relações de produção nascidas da revolução de Outubro.

Nos países imperialistas ditos *“democráticos”, a* militarização e *a* subordinação do proletariado aos esforços de guerra - com o acordo e a participação dos aparelhos do movimento operário - colocaram em causa as conquistas da classe operária, *a* existência das liberdades democráticas elementares.

Mas, no final e após *a* guerra, na Europa Ocidental, a vaga revolucionária, mesmo onde ela foi contida e apesar da divisão da Alemanha em duas, centro nervoso do velho continente - permitiu ao proletariado, não somente reconquistar as posições perdidas, mas conquistar novas posições, adquirir uma força social e política sem precedentes.

Os velhos impérios coloniais se desagregaram e a revolução chinesa expropriou o capital e o imperialismo em um país de 600 milhões de homens. Não somente as relações de produção nascidas da revolução de outubro foram preservadas. Mais do que isso, o equilíbrio instável dos países ditos *“democracias populares”* na Europa do Leste se rompeu e, contra a vontade inicial da burocracia do Kremlin, o capital aí foi

explorado e a burguesia liquidada.

Jamais o Fio de Continuidade se Rompeu

A perspectiva histórica sobre a qual se baseava a proclamação da IV Internacional, repetimos, se realizou. A necessidade de sua proclamação, visando forjar em todo o mundo uma legião compacta de quadros revolucionários que expressasse a continuidade da herança política do bolchevismo, liquidado pela III Internacional stalinizada, não poderia ser contestada sem, de uma só vez, colocar em causa a Revolução de Outubro e a proclamação da III Internacional. Em uma outra escala de forças, mas em situações similares, o mesmo problema estava colocado: as forças do velho mundo e seus agentes no seio do movimento operário tiveram muitos recursos, devido às próprias fraquezas da organização das massas exploradas, para limitar e conter a ofensiva dos trabalhadores.

A análise do desenvolvimento da luta de classes ensinava aos bolcheviques -leninistas que a degeneração da revolução russa, do Partido Bolchevique, da III Internacional, e a emergência da burocracia do Kremlim, não poderiam ser atribuídas pura e simplesmente *a* causas objetivas. O isolamento da revolução russa e o esgotamento do proletariado resultaram da derrota das revoluções que se sucederam na Europa ao final da I Guerra Mundial, notadamente da revolução alemã, e do aborto de crises e situações revolucionárias. Mas, por sua vez, estas derrotas e estes abortos, eram conseqüências da ausência de partidos revolucionários, de direções comparáveis à do Partido Bolchevique e sua direção, assim como a degeneração da Internacional Comunista.

Com efeito, o Partido Bolchevique e sua direção tiveram naturalmente que assumir a direção e a construção da Internacional Comunista. Na ausência de direção comparável à do Partido Bolchevique e de autênticos partidos comunistas em outros países se encontra a origem das derrotas, que isolaram a URSS e concorreram para o esgotamento do proletariado soviético e a burocratização. Elas lançaram obrigatoriamente, com todas as conseqüências, as melhores e as piores, o peso da direção da

Internacional Comunista nas mãos da direção do Partido Bolchevique. Certamente, o encadeamento de circunstâncias históricas não permitiu que isso ocorresse de outro modo. Desde setembro de 1914, Lenin afirmava a necessidade do combate pela III Internacional e se engajou nesta luta, como também na construção de novos partidos nacionais. Mas no momento em que *a* revolução eclodia na Rússia e o Partido Bolchevique tomava o poder, a III Internacional não existia ainda, e muito menos autênticos partidos comunistas, além do Partido Bolchevique.

As lições da história da III Internacional e de sua degeneração reforçaram o ensinamento de Lênin que, uma vez constatada a falência da II Internacional, engajara desde 1914 o combate pela III Internacional. Assim, desde 1933, Trotsky deu início ao combate pela constituição da IV Internacional.

O Balanço de Uma Vanguarda Que Jamais Deixou de Combater

O partido, a Internacional, não se constroem na critica de um movimento revolucionário. A luta por sua construção não cessou desde a criação da Liga dos Comunistas [1]. Por mais tênue que fosse em certos momentos, jamais o fio de continuidade se rompeu. Lênin e o Partido Bolchevique assumiram esta continuidade em 1914. Trotsky e os bolcheviques-leninistas o assumiram a partir de 1933. A revolução marca um salto qualitativo na luta de classes do proletariado, concentrando-a. Mas ela própria é produto de todo o desenvolvimento anterior da luta de classe do proletariado, que ela integra, e sobre a qual se apóia. A revolução proletária mundial cobre toda uma época histórica, feita de avanços e recuos, de derrotas e de vitórias, que contém diferentes períodos. Como evidencia o Programa de Transição, *"a luta de classes não sofre interrupção"* logo, a luta pela construção do partido revolucionário e da Internacional, que faz parte da luta de classes, ao mesmo tempo que a concentra, também não se interrompe. Conseqüentemente, não seria preciso esperar *"a revolução"* para construir o partido revolucionário e a Internacional. Entretanto, uma vez mais, era necessário proclamar a IV Internacional em 1938?

A IV Internacional surgiu dos acontecimentos gigantescos que marcaram os vinte anos que precederam na fundação. Como o escreve Stéphane Just em *"Em Defesa do Trotskismo"* (1ª parte):

"Todo o período entre as duas guerras imperialistas manifestava o impasse do capitalismo, colocava na ordem-do-dia a revolução proletária no mundo inteiro; este período abria a era das guerras e das revoluções. Ele terminava, precisamente em 7938, após gigantescas lutas revolucionárias que, inauguradas pela revolução russa, terminaram todas, com exceção desta, em derrotas. Ele mostrava a profunda unidade dialética da luta de classes mundial e colocava todos os problemas da revolução socialista: o

[1] Organização de operários e artesãos da Europa central emigrados na França, fundada em Paris em 1847.

papel decisivo da direção revolucionária, dos partidos e da Internacional revolucionária. agindo a partir de uma concepção única, em escala mundial, da revolução socialista; os problemas da revolução nos países economicamente desenvolvidos, bastiões do imperialismo, como os da revolução nos países economicamente atrasados, dominados pelo imperialismo; os problemas de uma revolução vitoriosa mas isolada em um país economicamente atrasado e sua degeneração; os problemas do futuro da humanidade, prefigurado pelo histlerismo, caso o proletariado não conseguisse concretizar a revolução socialista; mas colocava também as imensas possibilidades de desenvolvimento econômico e cultural que abriria a sociedade socialista, organizando em escala mundial as forças produtivas e liberando a humanidade como um todo do humilhante constrangimento da obsessão de satisfazer as necessidades cotidianas; os problemas da estratégia e da tática da revolução proletária mundial. Este período foi uma espécie de ensaio

geral da revolução proletária."

Já em 1936 Trostsky queria que a IV Internacional fosse fundada. A Conferência de Fundação da IV Internacional foi convocada para Outubro de 1937. Mas as circunstâncias não permitiram que ela ocorresse nesta data. Em 1938, quando o período evocado logo acima terminava, o proletariado dos vários países capitalistas, tendo sofrido terríveis derrotas - e a II Guerra Mundial tornara-se inevitável - não era mais possível postergar a fundação da IV Internacional. Era preciso sintetizar a prodigiosa experiência da primeira revolução proletária, aberta com a revolução russa, para assegurar-lhe a continuidade política necessária. Na medida em que ela cumpria esta tarefa pela adoção de seu programa e sua proclamação nesta perspectiva, a IV Internacional, apesar de sua ausência de implantação nas massas, vivia e lutava. Todos aqueles, sem a mínima exceção, que se colocaram contra sua fundação em setembro de 1938 tornaram-se, depois de algum tempo, almas mortas. Há muito tempo cessaram de viver e de lutar.

E, se o balanço da IV Internacional, quarenta anos após sua fundação, é um balanço doloroso, de problemas mal resolvidos ou em vias de resolver-se, de cisões e rupturas, dentre as quais a mais grave é aquela que a fez explodir como Internacional em 1952, trata-se em todo caso do balanço de uma vanguarda que não cessou de combater, quaisquer que tenham sido os problemas e as dificuldades, pela expropriação do capital, pela revolução proletária, para permitir ás massas abater a burguesia e a burocracia stalinista, para realizar a junção do movimento das massas que tende na direção da revolução social a Oeste e da revolução política a Leste, e permitirás massas, cujos assaltos sacodem regimes burgueses e regimes burocráticos, instaurar a república universal dos conselhos operários.

É nesta medida, e a partir deste referencial, que se deve debruçar sobre este passado de quarenta anos. Ë necessário dizer que é a única medida válida? Os partidos stalinistas reúnem em todo o mundo milhões de trabalhadores, de quem utilizam a força para manter os Estados burgueses, para propor um programa comum a Videla ou para manter a dominação da *"democracia" (tão pouco) cristã"* corrompida na Itália. Os trotskistas não reúnem senão algumas dezenas de milhares de trabalhadores manuais e intelectuais, mas esta força, jamais foi mobilizada - mais uma vez quaisquer que tenham sido os problemas e as dificuldades - a não ser na perspectiva da emancipação das massas. Todo exame que esqueça este ponto de partida é nulo e inaceitável.

II

TROTSKY E A CONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

Trotsky e a Construção da IV Internacional

O sentido da proclamação da IV Internacional foi definido precisamente nas primeiras páginas do programa adotado na Conferência de fundação. Ele se inicia por estas palavras: *"A situação política mundial em seu conjunto se caracteriza antes de tudo pela crise histórica da direção do proletariado."*

Quer dizer que a passagem das direções tradicionais do proletariado (social-democratas e stalinistas) para o lado da defesa da ordem burguesa impede o movimento revolucionário do proletariado, como evidenciam mais uma vez a França e a Espanha, de atingir seu objetivo, a tomada do poder. *O "Programa de Transição"* se baseia, pois sobre esta condição subjetiva não realizada da revolução. Pois ai está o ponto essencial dos problemas. Após o que, o programa define as condições objetivas sobre as quais se assenta esta crise histórica:

"A premissa econômica da revolução proletária atingiu, desde há muito tempo. o ponto mais elevado que pode ser atingido sob o capitalismo. As forças produtivas pararam de crescer (. .). As premissas objetivas da revolução proletária não somente estão maduras: elas começam inclusive a apodrecer. Sem revolução socialista, e isto no próximo período histórico, a civilização humana como um todo está ameaçada de ser arrastada para uma catástrofe."

Enfim, nada mais estranho ao *"Programa de Transição"* que o objetivismo que coloca a solução para a crise da humanidade no desenvolvimento automático das condições objetivas: *"a crise histórica da humanidade se reduz à crise da direção revolucionária".*

Concluindo, o *"Programa de Transição"* define o objetivo a ser atingido a partir desta contradição entre a maturidade (excessiva até) das condições objetivas e o atraso (unicamente devido à traição de seus dirigentes) do proletariado em relação a estas condições:

"A tarefa estratégica do próximo período - período pré-revolucionário de agitação, de propaganda e de organização - consiste em ultrapassar a contradição entre a maturidade das condições objetivas da revolução e a imaturidade do proletariado e de sua vanguarda (confusão e desencorajamento da velha geração, falta de experiência da jovem). É preciso ajudar as massas, no processo de suas lutas quotidianas, a encontrar a ponte entre suas reivindicações atuais e o programa da revolução socialista. Esta ponte deve consistir em um sistema de reivindicações transitórias partindo das condições atuais e da consciência atual de amplas camadas

da classe operária e conduzindo invariavelmente a uma única e mesma conclusão: a conquista do poder pelo proletariado.”

Programa e Partido

Mas um programa não é somente um conjunto de idéias nem um catálogo de palavras-de-ordem; as *“idéias”* que ele exprime correspondem a forças materiais, que de vem ganhar corpo de maneira organizada; um programa sem partido, quer dizer sem organização, é um carro sem motor. Um programa sem partido, não é mais um meio de agir sobre o real, mas, na melhor das hipóteses, um comentário sobre o real e, ao inverso, um partido sem programa não é senão uma horda, um grupo de pressão. Partido e programa são as duas faces indissolúveis de uma mesma realidade e de uma mesma necessidade.

Isto não é senão a simples tradução do axioma do marxismo segundo o qual teoria e prática são inseparáveis. Quando elas estão separadas, a *“teoria”* transforma-se em ideologia, e a *“prática”* em ativismo.

E isto que materializa o fato da Conferência Internacional, em um mesmo movimento, em um único dia, fundara IV Internacional e adotar seu programa.

A Conferência proclamou a constituição POLÍTICA da IV Internacional e adotou seu programa POLÍTICO que definiu seu fundamento, suas tarefas e seus objetivos. Mas a IV Internacional não se criou como se fosse uma organização acabada que se constituiu no partido mundial da revolução, quer dizer a direção mundial do proletariado já formada, que era suficiente desenvolver e ampliar. Stéphane Just nota a este propósito:

“A partir de uma base programática comum, organizações que tenham importantes divergências podem, segundo a concepção de Trotsky, cohabitar no seio da Internacional (...). A capacidade da direção da Internacional deveria se manifestar não pela aplicação autoritária e mecânica das decisões dos “congressos mundiais”, mas por sua capacidade em fazer progredir as organizações aderentes à Internacional através de sua participação na luta de classes.”

Eis o que não compreenderam os dirigentes da Internacional após a morte de Trotsky. A guerra acabada, eles convocaram o segundo *“Congresso Mundial”* da Internacional, considerada como construída enquanto partido mundial e dotada de sua autêntica direção, igualmente mundial. Era afirmar a Internacional construída como partido mundial e colocá-la como *“direção”* internacional alternativa.

O Sentido da Discussão com o PSOP

O próprio Trotsky, empenhou-se em colocar na prática sua concepção. Assim, ele se dirigiu às organizações que romperam com o stalinismo e a social-democracia para lhes propor, nesta perspectiva, uma confrontação.

Seu artigo *"O trotskismo e o Partido Socialista Operário e Camponês"* de 25 de julho de 1939, define com uma grande nitidez o sentido que ele atribuiu à fundação da IV Internacional e a maneira como ele concebeu sua edificação.

"Victar Serge exclama: 'Não se pode construir a seu bel-prazer uma Internacional digna deste nome.' Que frase cheia de futilidade e ao mesmo tempo vazia de significado! É de supor que Serge tenha no bolso todas as medidas de uma Internacional como os de uma calça. Mas um partido nacional "dignos deste nome" podemos construí-lo 'à sua maneira'? (...) As pessoas que abordam a questão com tais critérios superficiais mostram muito simplesmente que para elas uma Internacional é uma instituição vitoriosa e faustosa, uma espécie de templo. Quando o suntuoso edifício tiver sido concluído (por quem? Como?), então elas passarão sob suas abóbadas. Nós vemos a coisa de outra maneira. Para nós, a Internacional é um instrumento do qual o proletariado tem necessidade, do mesmo modo que tem necessidade de um partido nacional. É preciso criar este instrumento, melhorá-lo, afiná-lo. É isto que nós fazemos. Nós não esperamos que alguém o faça por nós. Nós convidamos todos os revolucionários a colocar mãos à obra desde agora, imediatamente, sem perder um minuto."

Trotsky se opõe aí com toda clareza à concepção objetivista de uma Internacional - processo. A proclamação da Internacional é uma decisão consciente, determinada não pelo fato de que as condições objetivas são favoráveis, mas sim pela necessidade política - no momento em que se encerra o per rodo aberto pela revolução russa - de colocar a ponte indispensável que una, no terreno da consciência, a herança destes vinte anos ao novo período. Uma herança política não poderia ser "*literária";* ela toma a forma de um programa, e um programa sem partido não é mais que um discurso. Esperar que as condições objetivas tornem-se por si próprias *"favoráveis",* é submeter-se a suas forças cegas, é ser objeto e não mais sujeito da luta de classes,é sofrer a lei dos aparelhos.

Foi exatamente a tentativa de Lênin, quando ele proclamou a 1º de novembro de 1914, num momento em que as condições objetivas eram altamente desfavoráveis, onde as massas aterrorizadas se massacravam mutuamente sob as ordens dos generais-açougueiros, com a benção dos dirigentes social-democratas, e em que os bolcheviques se contavam, na melhor das hipóteses, por dezenas.

"A II Internacional está morta (...). Viva a III Internacional. À III Internacional cabe a tarefa de organizar as forças do proletariado com vistas ao assalto revolucionário contra os governos capitalistas, para a guerra civil contra a burguesia de todos os países, para o poder político, para a vitória do socialismo."

A III Internacional devia assumir a continuidade política da tarefa revolucionária cumprida na sua época pela I, depois pela II, que seus dirigentes acabavam de condenar à morte.

Tal era o objetivo de Lênin desde a proclamação da necessidade da III Internacional. O atraso – inevitável, na ausência de partidos nacionais revolucionários como o Partido do Bolchevique - foi uma das razões fundamentais do refluxo da vaga revolucionária após 1917. Como destaca Trotsky no mesmo artigo:

"Só a continuidade das idéias cria a tradição revolucionária sem a qual um

partido político é tão instável quanto um caniço ao vento."

Mas a IV Internacional não era, entretanto, o quadro já construído e acabado do partido mundial da revolução. Eis porque, no final deste mesmo artigo, Trotsky faz a Marceau Pivert a seguinte proposição, que este último não aceitará, na medida em que ele não havia rompido o cordão umbilical com a social-democracia:

"Eis concretamente a proposição que me permito fazer "de fora": empreender imediatamente o exame e o detalhamento de um programa internacional do proletariado e editar uma revista que, no plano internacional, será especialmente consagrada à discussão desta questão. Proponho que coloquemos na base desta discussão o programa da IV Internacional: A Agonia do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional. Mas é certo que nossa Internacional está pronta a aceitar como base de discussão inclusive um outro projeto, se ele for apresentado. Pivert e seus amigos talvez aceitem nossa proposição. Ela nos fará sem dúvida alguma, ir adiante."

Concepção aberta, pois, da construção da Internacional proclamada. Mas esta concepção aberta nada tem a ver com o "*partido amplo"* em que irão se perder, em intervalos regulares, as correntes que romperão com a IV Internacional, a começar pelos "direitistas" *de 1947-1948* na França: a discussão mais ampla à qual Trotsky se refere aqui não tem nada a ver com o abandono do programa que militantes e dirigentes trotskistas em dissidência considerarão como a condição, o pré-requisito e o próprio sinal da abertura e da ampliação - a amplitude, nesse sentido, consiste muito simplesmente em passar a outras posições, esquerdistas, stalinistas, social-democratas, até mesmo diretamente burguesas.

"É preciso, conclui Trotsky, parar de se alimentar das fórmulas vazias do passado. É preciso empreender séria e honestamente a discussão do programa e da estratégia da nova Internacional."

Assim, para construir a IV Internacional fundada, Trotsky não propõe que o *"Programa de Transição"* seja apresentado como um ultimato, como a condição prévia da participação na tarefa à qual ele convida *"todos os revolucionários a colocarem mãos à obra desde agora",* mas é igualmente evidente que nesta confrontação construtiva os trotskistas defendem seu programa, expressão da continuidade política do bolchevismo.

Trotsky dá um exemplo concreto deste método nas discussões que ele engajou com o PSOP e Marceau Pivert, e durante a discussão que, algumas semanas mais tarde, explodirá no Socialist Workers Party. Assim ele escreve a Pivert a 22 de dezembro de 1938, para apoiar a proposição de uma unificação imediata do PSOP e do POI [1], precisando:

"O que pode salvar a situação na França é a criação de uma verdadeira vanguarda revolucionária de alguns milhares de homens que compreendam claramente a situação, completamente libertos da influência da opinião pública burguesa e pequeno-burguesa ("socialista , comunistas , anarco-sindicalistas", etc.) e disposta a ir até o fim (...) Só não se quebra nem se desmorona, o que foi soldado pelas idéias revolucionárias claras, precisas, intransigentes."

E ele entende dar a Pivert o sentimento do papel que ele pode jogar se ele se

engajar nessa via:

"Você carrega uma grande responsabilidade, camarada Pivert, muitíssimo semelhante àquela que pesava sobre Andrés Nin nos primeiros anos da revolução espanhola. Você pode dar aos acontecimentos um grande impulso para adiante. Mas você pode também desempenhar um papel fatal de freio. Nos momentos de crise política aguda, a iniciativa pessoal é capaz de exercer uma grande influência sobre a marcha dos acontecimentos. É necessário somente se decidir firmemente por uma coisa: ir até o fim."

Trotsky não diz: é preciso que se filie ao programa da IV Internacional, e este *"silêncio"* não é uma manobra que, neste caso, seria bem grosseira. Ele propõe a Pivert escolher uma orientação política geral sobre a qual se poderia efetuar a colaboração política no seio de seu partido com os militantes da IV Internacional. Que esta escolha orienta rumo à IV Internacional o partido que a fizer, não há nenhuma dúvida, mas de toda maneira trata-se de uma batalha política a travar.

Marceau Pivert, desejoso de manter o elo com seus amigos pacifistas e social-democratas, recusou-a... e seguindo uma tradição já bem estável - que não se perdeu - , respondeu sobre os *"métodos", "os métodos sectários (...), esses métodos que constituem em violar e violentar a inteligência revolucionária dos militantes", "esses métodos que tendem a uma colonização operada do exterior de ditar ao movimento operário atitudes ou reações que não surgem das profundezas de sua inteligência coletiva".* Malgrado isto, Trotsky pensa ainda, em abril de 1939:

"Nós podemos ganhar o PSOP e dar um grande salto adiante (...) O PSOP conta com vários milhares de membros. Para uma revolução, a diferença não é enorme, mas, para o trabalho de preparação da vanguarda, ela é considerável."

Sobre um Frágil Barco, no Meio de uma Correnteza Terrível

Em abril de 1939, seis meses após a fundação da IV Internacional, Trotsky, em uma discussão com o historiador e militante negro americano C.L.R. James, deteve-se na questão: *"Por que nós não progredimos em função do valor de nossas idéias?",*

[1] Partido operário internacionalista fundado na França em 1936 e que foi a seção francesa da IV Internacional até 1939.

com a preocupação de dar a isto, não uma explicação histórica, mas uma resposta destinada a armar os militantes mergulhados na luta quotidiana. Tratava-se de explicar para saber como agir.

"Nós não progredimos politicamente. Este fato, diz ele, é a expressão do recuo geral do movimento operário nos últimos quinze anos. Quando o movimento revolucionário declina de maneira geral, quando a uma derrota se segue outra derrota, quando o fascismo se estende pelo mundo todo, quando o marxismo oficial se encarna na mais formidável máquina de enganar os trabalhadores, é evidente que os revolucionários não podem trabalhar senão contra a corrente histórica geral. E isto, mesmo quando suas idéias selam tão inteligentes e exatas, quanto se possa desejar. É que as massas não fazem sua educação através de prognósticos ou concepções teóricas, mas através da experiência geral de sua vida. Eis a explicação

global: o conjunto da situação esta contra nós. É preciso que se produza uma virada na tomada de consciência de classe, nas reações e sentimentos das massas, uma virada que nos dará a possibilidade de obter um grande sucesso político."

"*"O conjunto da situação está contra nós."* Os revolucionários nada podem fazer, mas eles devem se preparar para o momento em que se produzirá a *"virada na tomada de consciência de classe..."* O procedimento de todos os grupos e correntes que rompem e romperão com a IV Internacional, em particular o de sua maioria pablista em 1951-1952, consiste precisamente no inverso: já que a situação (em seu conjunto ou parcialmente) está (ou parece estar) contra nós, trata-se de condições *"novas" para* as quais é preciso idéias *"novas",* um programa *"novo",* novos *"métodos",* etc. Esta adaptação ao *"objetivo"* impede toda ação revolucionária real.

É de bom tom zombar das cisões e rupturas que ocorreram na IV Internacional. São sinais e elementos dolorosos de uma história difícil, a história de uma organização reduzida em número e todavia submetida às pressões fantásticas de forças sociais e políticas extremamente poderosas. Mas qual é, pois o balanço daqueles que partiram, para se sentirem à vontade, para longe dos acontecimentos? E o balanço daqueles aos quais se uniram?

Trotsky continua. para formar a têmpera dos quadros cuja reunião ele dá como missão à IV Internacional:

"Depois de 1917, nós conhecemos uma longa seqüência de derrotas. Nós somos como pessoas que tentassem escalar uma montanha e que recebessem sempre e sempre avalanches de pedras e de neve. Criou-se nas massas, na Ásia e na Europa, um sentimento novo de desespero (...). Elas estão agora profundamente desencorajadas. É o sentimento que prevalece entre os trabalhadores, e é a razão global de nossas próprias fraquezas."

O papel dos revolucionários, é, sem se iludir sobre a situação, de não ceder a este desencorajamento. Face a isso, escreve Trotsky:

"Nossa situação é incomparavelmente mais difícil do que a de qualquer outra organização em qualquer época. Nós temos que suportar o peso terrível da traição da Internacional Comunista, que se erguera, justamente, contra a traição da II Internacional. A degeneração da III Internacional completou-se tão rapidamente que é a mesma geração, a qual outrora anunciamos sua formação, que está ainda lá para nos ouvir hoje denunciar sua traição. E estes homens se lembram de que eles já ouviram uma vez tudo isso."

É pois normal que haja perplexidade e dúvida no coração desta geração, após vinte anos de derrotas e de recuos. Assim, uma das tarefas da IV Internacional é a de formar os quadros que possam transmitir a herança política para a nova geração e organizá-la.

Aliás, pesam sobre a IV Internacional as condições de sua origem: ela nasceu da Oposição de Esquerda soviética que foi inteiramente esmagada; sua destruição quase total foi proporcional ao seu lugar e seu papel na história. Seus inimigos não se enganam a respeito disso:

"É preciso ter em conta também a importância da derrota da Oposição de Esquerda na Rússia. Pois a IV Internacional, devido a seu nascimento, está ligada à

Oposição de Esquerda russa, e as massas, por outro lado, nos chamam de "trotskistas" (...). Não há nada no mundo que seja mais convincente que o sucesso, e nada mais repulsivo, sobretudo para as amplas massas, que uma derrota. É preciso pois ajuntar a degeneração da Internacional Comunista de um lado e, de outro, a terrível derrota da Oposição de Esquerda na Rússia, seguida de sua exterminação. Estes fatos são mil ' vezes mais convincentes para a classe operária que nosso pobre e pequeno jornal..."

Mas não é sobre esses fatos que deve se alinhar a vanguarda sob pena de se deixar levar pela correnteza.

Ela deve se alinhar na perspectiva da próxima reviravolta a fim de melhor se preparar e, nesta medida, de melhor prepará-la.

"Nós estamos sobre um frágil barco, no meio de uma correnteza terrível. Entre cinco ou seis barcos, um naufraga e se diz imediatamente que a culpa é do piloto. Mas a verdadeira razão é esta. A verdade é que a correnteza era muito forte."

Com Um Realismo Sem Igual

Para os objetivistas, seria preciso se adaptar à corrente - que não poderia no fundo jamais mudar de direção - batizando-a de *"novo período".* Aqueles que recusam esta "*adaptação"* formam os quadros revolucionários. Mas eles estão profundamente marcados por este estado de coisas:

"Este ambiente marca todos os grupos que se agrupam em torno de nossa bandeira.

'Há elementos corajosos que não querem ir no sentido da corrente: é seu caráter.

Há pessoas inteligentes que têm mal caráter, jamais foram disciplinadas, e sempre procuraram uma tendência mais radical ou mais independente: elas encontraram a nossa. Mas tanto uns quanto outros são sempre mais ou menos exteriores em relação à corrente geral do movimento operário. Seu grande valor tem evidentemente seu lado negativo, pois aquele que nada contra a corrente não pode estar ligado às massas. Daí o número importante de intelectuais e de emigrados... eles também mais ou menos exteriores. A composição social de um movimento revolucionário que começa a se construir não tem predominância operária (...). Nós devemos criticar a composição social de nossa organização e modificá-la, mas nós devemos também compreender que ela não caiu do céu, que ela é determinada, pelo contrário, tanto pela situação objetiva como pelo caráter de nossa missão histórica neste período."

Assim, é com os olhos bem abertos, com um realismo sem igual, que Leon Trotsky bateu-se desde 1936 para que a IV Internacional fosse proclamada. Nenhuma ilusão, absolutamente nenhuma ilusão, sobre o que a IV Internacional representava do ponto de vista de sua influência sobre as massas, sobre o material militante que compunha a maior parte de suas seções, sobre os imensos obstáculos que se erguia diante dela.

O frio realismo de Trotsky, que gostava de citar Spinoza: *"Não rir, nem chorar, mas compreender"* - e, em seu caso pessoal, é preciso apreciar o que significava esta fórmula - se manifesta justamente no combate que, após 1936, ele engajara

para que fosse rapidamente fundada a IV Internacional. Um período da revolução proletária terminava com horripilantes derrotas, destruições sem precedentes no seio do movimento operário; não somente o fascismo estendia sua sombra sobre a Europa, como também a burocracia stalinista esmagava, assassinava a geração de Outubro e todas as tendências revolucionárias. No seio das novas gerações, ela havia transformado a III Internacional em uma arma afinada da contra-revolução. Preparava-se a segunda guerra imperialista, diante da qual, como pensava Trotsky, a primeira não passaria de um simples prefácio.

Mas o que previa ainda Trotsky, em razão de imensas convulsões que ela iria implicar, era a abertura de um novo período da revolução proletária.

A continuidade da luta histórica pela construção do partido mundial da revolução proletária, assegurada através da I, II e III Internacionais, de suas aquisições teóricas e políticas, enriquecidas da luta que a Oposição de Esquerda levara contra a degeneração da III Internacional e, em seguida pelo movimento pela IV Internacional, não podia ser mantida senão pela proclamação da IV Internacional. Em qualquer hipótese, a bandeira do internacionalismo proletário devia tremular, quaisquer que fossem as vicissitudes, no momento em que iria se desdobrar em todo seu horror a histeria da guerra imperialista. A partir do fato de que seu programa sintetizava todas as aquisições do combate secular do proletariado por sua emancipação, a fundação da IV Internacional em 1938 era indispensável para o prosseguimento da luta consciente pela construção do partido mundial da revolução proletária. O programa de fundação da IV Internacional termina assim:

“A crise atual da civilização humana é a crise da direção do proletariado. Os operários avançados, reunidos no seio da IV Internacional, mostram à sua classe o caminho para sair da crise. Propõem-lhe um programa baseado na experiência internacional da luta emancipadora do proletariado e de todos os oprimidos do mundo. Prapõem-lhe uma bandeira sem mancha alguma. Operárias e operárias de todos os países, organizem-se sob a bandeira da IV Internacional! É a bandeira *de sua próxima vitória.”*

Essas não são frases redundantes, nem ôcas.

III

O "MANIFESTO DE ALARME" DA IV INTERNACIONAL

Não, não se trata de frases redundantes, nem ôcas. Quaisquer que tenham Sido as fraquezas, as contradições, as influências e as crises da IV Internacional, sua proclamação fez tremular alto, no curso desses anos terríveis, a bandeira do internacionalismo proletário a bandeira de Marx, Engels, Rosa Luxemburgo, Lênin e Trotsky.

No momento em que a máquina de guerra do imperialismo alemão esmagava a do imperialismo francês - e, logo a bota nazista iria esmagar a Europa inteira - uma conferência das seções da IV Internacional, que puderam se reunir na França, adotava, em 26 de maio de 1940, um manifesto: *"A guerra imperialista e a revolução proletária",* que Trotsky havia redigido e que levaria o nome de *"Manifesto de alarme".* É indispensável deter-se um momento nessa análise penetrante das causas e dos desenvolvimentos previsíveis da II Guerra Mundial, assim como sobre a posição de internacionalismo proletário rigoroso que define este manifesto.

De todas as organizações, a IV Internacional foi a única que colocou a nú as causas da guerra. As causas fundamentais:

"Em primeiro de novembro de 1914, no início da primeira guerra imperialista, Lênin escrevia: "O imperialismo colocou em jogo o destino da civilização européia. Se após esta guerra, uma série de revoluções vitoriosas não ocorrerem, muitas outras

guerras viria. O conto de fadas da "guerra para acabar com as guerras 'é um sonho vazio e pemicioso' Trabalhadores, lembrem-se desta predição! A presente guerra - a segunda guerra imperialista - não é um acidente. Ela não resulta da vontade de tal ou tal ditador. Ela fora prevista muito antes. Sua origem deriva inexoravelmente das contradições que engendram os interesses capitalistas internacionais. Contrariamente às fábulas oficiais forjadas para drogar as pessoas, a causa principal da guerra, como de todos os outros males sociais - desemprego, custo elevado da

vida, fascismo, opressio colonial - reside na propriedade privada dos meios de produção e no Estado burguês que repousa sobre esses fundamentos (...).

Com o nível atual da tecnologia e a qualificação atingida pelos trabalhadores, é perfeitamente possível criar condições próprias para o desenvolvimento material e espiritual de toda a humanidade. Seria preciso apenas organizar a vida econômica em cada país e em todo o planeta, corretamente, cientificamente e racionalmente, conforme um plano geral. Mas enquanto as principais forças produtivas da sociedade forem possuídas pelos trustes, quer dizer por diques capitalistas isoladas, a luta pelos mercados, pelas fontes de matérias primas, pela administração do mundo, deve inevitavelmente tomar um caráter cada vez mais destrutivo. O poder do Estado e a dominaçâo sobre a economia só podem ser arrancados das mãos dessas cliques imperialistas ávidas pela classe operária revolucionária. Tal é o significado da advertência de Lênin, a saber que "sem uma série de revoluções vitoriosas", uma nova guerra imperialista se seguiria inevitavelmente. As diferentes predições e promessas que foram feitas, foram colocadas à prova dos acontecimentos. O conto de fadas de "uma guerra para acabar com as guerras" se mostrou como uma mentira. A predição de Lênin é hoje uma trágica verdade.

As Causas Imediatas da Guerra

A causa imediata da guerra atual é a rivalidade entre os impérios coloniais antigos e ricos: Grã-Bretanha e França, e os espoliadores imperialistas atrasados: Alemanha e Itália.

O século XIX foi uma época de hegemonia incontestável para o poder capitalista mais antigo, a Grã-Bretanha. É mais ou menos certo que, de 1815 a 1914, tenha reinado a "paz britânica" não sem algumas explosões militares isoladas A frota britânica - a mais poderosa do mundo - desempenhou um papel de gendarme dos mares. Todavia, essa época pertence ao passado. Desde o fim do último século, a Alemanha, armada da técnica moderna, começou a avançar rumo ao primeiro lugar na Europa. Além-mar, um país mais poderoso, um antiga colônia britânica, emergiu. A contradição econômica mais poderosa que conduziu à guerra de 1914-1918 foi a rivalidade entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. A participação dos Estados Unidos na guerra foi uma medida preventiva. Não foi permitido à Alemanha subjulgar o continente europeu (...).

Apoiando-se na força da inércia, a Inglaterra tentou ainda desempenhar o papel dirigente na arena mundial em todos os primeiros anos que se seguiram à vitória. Os conflitos que a opunham aos Estados Unidos começaram a tomar um caráter amea-

çador. Parecia mesmo que a próxima guerra eclodiria entre os dois aspirantes anglo-saxões á dominação mundial. Todavia, a Inglaterra se convenceu rapidamente de que seu peso econômico específico não a tornava capaz de combater o colosso de além-mar. O acôrdo de paridade naval que ela concluiu com os Estados Unidos significou uma renúncia formal à hegemonia naval já perdida de fato. A substituição do livre comércio pelas tarifas aduaneiras significou que a Grã-Bretanha admitia abertamente a derrota de sua indústria no mercado colonial. Sua renúncia à política

do “esplêndido isolamento” acarretou a introdução do serviço militar obrigatório. Assim, todas as tradições sacrossantas foram varridas para longe.

A França também manifesta, em menor escala, a mesma falta de proporção entre seu peso econômico e sua posição mundial. Sua hegemonia sobre a Europa repousava sobre uma conjuntura temporária de circunstâncias criadas pela aniquilação da Alemanha e as combinações artificiais do tratado de Versailes. O volume de sua população e os fundamentos econômicos desta hegemonia se revelaram muitíssimo inadequados. Quando a hipnose da vitória se dissipou e as relações de forças reais foram colocadas à luz, a França verificou que ela era muito mais fraca do que aparentava ser, não somente a seus amigos, mas também a seus inimigos. Procurando uma proteção, ela tornou-se essencialmente o mais recente “dominion”da Grã-Bretanha (...).

A iniciativa de empreender uma nova partilha do mundo, hoje como em 1914, pertencia naturalmente ao imperialismo alemão. Surpreso, o governo britânico tentou de início comprar uma solução que excluísse a guerra por concessões às expresas de outrem (Áustria, Tchecoslováquia). Mas esta política tem fôlego curto. A “amizade” com a Grã-Bretanha não era para Hitler senão uma breve fase tática. Londres havia já concedido à Hitler mais do que este havia calculado poder obter. O acordo de Munique, através do qual Chamberlain esperava selar uma longa amizade com a Alemanha, conduziu do contrário, à aceleração da ruptura. Hitler não podia esperar mais nada de Londres, uma expansão posterior da Alemanha ameaçaria as linhas vitais da própria Grã-Bretanha. Assim, a “nova época de paz” proclamada por Chamberlain em 1938, conduziu em poucos meses à mais terrível de todas as guerras (...).

Enquanto que a Grã-Bretanha empregou cada um de seus esforços desde os primeiros meses da guerra para bloquear as posições deixadas pela Alemanha no mercado colonial, os Estados Unidos expeliram daí, quase que automaticamente, a Grã-Bretanha. Os dois terços do ouro mundial concentraram-se nos subterrâneos americanos. O terço restante navega rumo aos mesmos locais. O papel de banqueiro do mundo que desempenhara a Inglaterra ficou no passado. E a coisa não vai melhor em outros domínios. Enquanto que a frota inglesa e sua marinha mercante sofreram grándes perdas, os estaleiros americanos constrõem navios em uma escala colossal com a vontade de assegurar a predominância da frota americana sobre a da Inglaterra e do Japão. Os Estados Unidos estão evidentemente se preparando para adotar o princípio da dupla potência (possuir uma frota mais potente que as frotas reunidas das duas mais fortes potências). O novo programa da frota aérea se propõe a assegurar a superioridade dos Estados Unidos sobre o resto do mundo (...).

Uma vitória potencial da Alemanha sobre os Aliados estaria supensa como um pesadelo sobre Washington. Tendo a posse do continente europeu e recursos das colônias deste último como base de ação, tendo à sua disposição as indústrias de

armamentos e os arsenais europeus, a Alemanha, sobretudo se ela agisse de acordo com o Japão no Oriente, constituiria um perigo mortal para o imperialismo americano. As batalhas titânicas que se desenvolvem agora nos campos da Europa não constituem neste sentido senão episódios preparatórios para a luta entre a Alemanha e a América. A França e a Grã-Bretanha não são senão bastiões do

capitalismo americano além-Atlântico. Se a fronteira da Inglaterra se encontrava no Reno, como afirma o primeiro ministro inglês, então o imperialismo americano pode muito bem afirmar que a fronteira dos Estados Unidos se encontra no Tâmisa. Na preparação febril da opinião pública para a guerra que se aproxima, Washington não se priva absolutamente de uma nobre indignação sobre o destino da Finlândia, Dinamarca, Holanda, Bélgica. Com a ocupação da Dinamarca, a Groelândia torna-se, contra toda previsão, um fragmento geológico do hemisfério ocidental e se verifica casualmente que contém depósitos de criolite indispensáveis à produção do alumínio. Certamente, Washington não domina a China subjugada, as Filipinas sem apoio, as Índias holandesas órfãs, não mais que as rotas do mar livre! É assim que simpatias filantrópicas por nações oprimidas e mesmo considerações geológicas contribuem para arrastar os Estados Unidos à guerra.

As forças armadas americanas não poderiam intervir com sucesso a não ser enquanto a França e as Ilhas Britânicas permanecessem para elas sólidas bases de apoio. A França seria ocupada e os exércitos alemães apareceram nas margens do Tâmisa, a relação de forças se modificaria inteiramente em detrimento dos Estados Unidos. São estas considerações que obrigam os Estados Unidos a se apressarem mas também os obriga a se colocar a questão:iá não passou o momento oportuno?

Contra a atitude oficial da Casa Branca se levantam protestos ruidosos do isolacionismo americano, que não constitui ele próprio senão uma outra variedade do mesmo imperialismo. A fração de capitalistas, cujos interesses estão particularmente engajados no continente americano e na Austrália, calcula que no caso de uma derrota dos Aliados, os Estados Unidos adquiririam automaticamente o monopólio em seu próprio proveito, não somente na América Latina, mas também no Canadá, na Austrália e na Nova Zelândia. Quanto à China, às Indias neerlandesas e ao Oriente em geral, é convicção da classe governante inteira que uma guerra com o Japão é, em todo caso, inevitável em um futuro próximo. Sob a cor do isolacionismo e do pacifismo, uma influente fração da burguesia trabalha para levantar um programa para a expansão continental dos Estados Unidos e a se preparar para a luta contra o Japão; a guerra contra a Alemanha pela dominação mundial, aliás de acordo com tal plano, não está senão adiada; quanto aos pacifistas pequeno-burqueses, do gênero de Norman Thomas e seus amigos, não são senão inocentes úteis de um dos clãs impenialistas (...).

Para compensar a submissão dos povos. Hitler promete estabelecer uma “paz germânica” na Europa por um período de vários séculos. Miragens vazias: a paz britânica que se seguiu à vitória sobre Napoleão só conseguiu durar um século (e não um milhões de anos!) porque a Grã-Bretanha foi a pioneira de uma nova técnica e de um sistema de produção progressista. Malgrado a potência de sua indústria, a Alemanha atual, como seus inimigos, é a representante típica de um sistema socialcondenado. A vitória de Hitler não significaria na realidade a paz, mas sim o começo de uma nova série de conflitos sangrentos em escala mundial. Ao derrubar o império britânico, ao

reduzir a França ao estado em que se encontra hoje em dia a Boêmia e a Morávia, ao apoiar-se no continente europeu e suas colônias, a Alemanha tornar-se-ia indubitavelmente a primeira potência do mundo. Por seu lado, a Itália poderá, na melhor das hipóteses, mas não por muito tempo, apossar-se do controle da bacia mediterrânea. Mas ser a primeira potência do mundo não significa ser a única

potência. A luta pelo “espaço vital” entraria somente em uma nova fase.

A “ordem nova” que o Japão se prepara para estabelecer, apoiando-se sobre a vitória alemã, tem como perspectiva a extensão da dominação japonesa sobre a maior parte do continente asiático. A União Soviética encontrar-se-ia cercada entre uma Europa germanizada e uma Ásia niponizada. As três américas, como também a Austrália, a Nova Zelândia, cairiam sob a direção dos Estados Unidos. Se nós computarmos além disso o. império italiano, de caráter pro vinciano, o mundo seria dividido temporariamente em cinco “espaços vitais” Mas o imperialismo, por sua própria natureza, tem horror a toda partilha do poder. Para assegurar sua liberdade de manobra contra a América, Hitler deveria antes ajustar suas contas de maneira sangrenta com seus amigos de ontem, Stálin e Mussolini. O Japão e os Estados Unidos não permaneceriam como observadores desinteressados nessa nova luta.”

Uma análise não é uma espécie de relatório dos acontecimentos do futuro. Estas referências que Trotsky faz, em nome da IV Iinternacional, das causas fundamentais e imediatas da II Guerra Mundial, das forças em movimento e de suas relações, que condicionam o desenvolvimento da guerra, testemunham de maneira esmagadora, contra aqueles que colocam em dúvida o método e a perspectiva que determinaram Trotsky a combater pela proclamação da IV Internacional desde 1936. Toda a trama da guerra entre imperialismos rivais e da guerra contra a URSS é colocada às claras. Para acompanhar os acontecimentos, orientá-los e neles intervir, é preciso integrar à análise os resultados imprevisíveis da conjunção das forças vivas em ação, segundo o mesmo método, e lhes acrescentar, consequentemente, os ajustamentos necessários. Em maio de 1940, na análise do *“Manifesto de Alarme” da* IV Internacional, a alternativa da submissão da Europa ao imperialismo alemão, a inelutável guerra da Alemanha contra a URSS como prelúdio da guerra entre a Alemanha e os Estados Unidos e entre os Estados Unidos e o Japão, estão escritas. Todos estes aspectos combinaram-se e concentraram-se no curso da II Guerra Mundial.

Da Guerra Imperialista Sairá a Revolução

Mas a IV Internacional se fundamenta na luta de classes do proletariado. Em maio de 1940, o desmoronamento do exército do imperialismo francês e o pacto Hitler-Stálin deram os meios a Hitler para submeter toda a Europa. Neste momento, o *“Manifesto de Alarme”* da IV Internacional reafirma a perspectiva da revolução surgindo da guerra.

“As condições fundamentais para a vitória de uma revolução proletária, foram estabelecidas pela experiência histórica e esclarecidas pela teoria: 1) o impasse burguês e a confusão resultante da classe governante; 2) o descontentamento agudo e os esforços

por uma mudança decisiva nas fileiras da pequena burguesia, sem o apoio da qual a grande burguesia não pode se manter; 3) a consciência de uma situação intolerável e a preparaçao para uma ação revolucionária nas fileiras do proletariado; 4) um programa claro e uma direção firme da vanguarda proletária; tais são as quatro

condições necessárias para a vitória de uma revolução proletária. A principal razão das derrotas de numerosas revoluções tem sua raiz no fato de que estas condições raramente atingem ao mesmo tempo o grau de maturidade necessária. No curso da história, a guerra foi frequentemente a mãe da revolução, precisamente porque ela sacudiu regimes ultrapassados, enfraqueceu as classes e acelerou o crescimento da indignação revolucionária entre as classes oprimidas.

Hoje, a desorientação da burguesia, os alarmes e o descontentamento das massas populares já são intensos, não somente nos países beligerantes, mas também entre os neutros; estes fenômenos se intensificarão a cada mês no transcorrer da guerra. No curso dos últimos vinte anos, é verdade, o proletariado sofreu uma derrota após outra, cada uma mais grave que a precedente; ele foi decepcionado por seus velhos partidos, e chegou à guerra, indiscutivelmente, deprimido. Não se superestimará todavia a estabilidade e as possibilidades da permanência de tais disposições. Os acontecimentos as criarão, os acontecimentos as dissiparão.

A guerra, como a revolução, é feita, antes de tudo, pela geração mais jovem. Milhões de jovens incapazes de encontrar emprego começam sua vida como desempregados e, por causa disso, permanecem à margem da vida política. Hoje, eles aíencontram seu lugar, ou então o encontrarão amanhã: o Estado os organiza em regimentos e por isso mesmo fornece uma excelente ocasião à possibilidade, para eles, de uma unificação revolucionária; sem nenhuma dúvida, a guerra sacudirá igualmente a apatia das gerações mais velhas".

O *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional não podia *"prever",* em maio de 1940, as condições e as formas precisas da vaga revolucionária, cujo primeiro fluxo começará no início de 1943. Bastou que ele tivesse previsto e orientado todas as organizações da IV Internacional nessa perspectiva. Como bastou que ele reafirmasse os princípios da política revolucionária e sua linha geral no curso dessa guerra. Isto, só a IV Internacional o fez:

"Ao mesmo tempo, não esqueçamos um só instante que esta guerra não é nossa guerra. Em oposição à II e III Internacionais, a IV Internacional edifica sua política não sobre o acaso dos pontos de vista militar dos Estados capitalistas, mas na transformação da guerra imperialista em guerra civil dos operá rios contra os capitalistas, na derrubada das classes governantes de todos os países, na revolução socialista mundial. As derrotas no front, a destruição dos capitais nacionais, a ocupação de territórios, a ruína dos Estados individuais não representam deste ponto de vista senão episódios trágicos na via que leva à reconstrução da sociedade moderna.

Independentemente do curso da guerra, nós cumprimos nossa tarefa fundamental; nós explicamos aos operários a oposição irreconciliável entre seus interesses e os interesses do capitalismo sedento de sangue; nós mobilizamos os explorados contra o imperialismo; nós trabalhamos pela união dos operá rios de todos os países beligerantes e neutros; nós chamamos à confraternização dos operários e os soldados em cada país, como também à confraternização dos soldados com os soldados do lado oposto do

front; nós mobilizamos as mulheres e as crianças contra a guerra; nós realizamos uma separação constante, persistente, infatigável, da revolução nas fábricas, nas manufaturas, nas aldeias, nos quartéis, no front e na frota de guerra.

Tal é o nosso programa. Proletários do mundo, não há outra via senão a da união sob a bandeira da IV Internacional !”

“Nada de Divisões Estanques Entre Países Atrasados e Desenvolvidos”

Do mesmo modo, a IV Internacional, desde o início da II Guerra imperialista mundial, associou estreitamente a situação revolucionária nascida da guerra nos países imperialistas à luta revolucionária de emancipação dos povos coloniais:

“Ao criar dificuldades e perigos enormes nos centros metropolitamos dos imperialismos, a guerra cria vastas possibilidades aos povos oprimidos. O estrondo do canhão na Europa anuncia a hora próxima de sua libertação.

Se um programa de transformação social pacífica é utópico no que se refere aos países capitalistas avançados, com mais forte razão um programa de libertação pacífica para as colônias é absolutamente utópico. Por outro lado, os últimos países atrasados semilivres foram subjulgados às nossas vistas. (Etiópia, Albânia, China). A guerra atual como um todo é uma guerra pelas colônias. Alguns pretendendo sua conquista, outros pretendendo conservá-las e recusando-se a cedê-las. Mas nem de um lado, nem de outro, existe a mínima intenção de libertá-las voluntariamente. Os centros metropolitanos em declínio são forçados a explorar o máximo possível suas colônias, e lhes conceder em troca o mínimo possível. Só a luta revolucionária e direta dos povos subjulgados poderá aclarar a via de sua emancipação.

Nos países coloniais e semicoloniais, a luta levada por seu estado nacional independente, e consequentemente “a defesa da pátria”, é diferente da dos países imperialistas. O proletariado revolucionário do mundo inteiro concede um apoio incondicional à luta da China ou da India por sua independência nacional, pois a luta, “ao arrancar os povos trasados do sistema asiático, do particularismo e das cadeias estrangeiras, dá golpes poderosos nos imperialismos” (A IV Internacional e a guerra).

Ao mesmo tempo, a IV Internacional sabe e adverte abertamente às nações atra sadas que seus Estados nacionais retardatários não podem contar muito tempo com um desenvolvimento democrático independente. Cercada por um capitalismo decadente e estrangulada por contradições imperialistas, a independência de um Estado atrasado só pode ser, inevitavelmente, meio fictícia, e seu regime político, sob influência das contradições de classe internas e da pressão exterior, cairá inevitavelmente em uma ditadura dirigida contra o povo, análoga ao regime do “Partido do povo” na Turquia ou do Kuomitang; o mesmo ocorrerá amanhã para o regime de Ghandi, na India; a luta pela independência nacional das colônias não é, do ponto de vista do proletariado revolucionário, senão uma etapa transitória na via que leva os países atrasados rumo à revolução socialista internacional.

A IV Internacional não ergue divisões estanques entre os países atrasados e os países adiantados, entre as revoluções democráticas e socialistas. Ela as combina e as

subordina à luta mundial dos oprimidos contra os opressores. Do mesmo modo que a única força revolucionária de nossa época é o proletariado internacional, também o

único programa de liquidar toda a opressão social e nacional é o programa da revolução permanente (...).

É *somente sob sua própria direção revolucionária que o proletariado das colônias e das semicolônias poderá estabelecer uma colaboração invencível com o proletariado dos centros metropolitanos e com a classe operária mundial em seu conjunto. Só esta colaboração pode conduzir os povos oprimidos rumo a uma emancipa çao completa e definitiva pela derrubada do imperialismo no mundo inteiro. Uma vitória do proletariado internacional libertará os países coloniais da tarefa longa, penosa e retarda tária do desenvolvimento capitalista, ao, lhes abrir a possibilidade de atingir o socialismo em íntima colaboração com o proletariado dos países avançados.*

A perspectiva da revolução permanente não significa em nenhum caso que os países atrasados devam esperar o sinal dos países avançados, ou que os povos coloniais devam pacientemente esperar que o proletariado dos centros metropolitanos os liberte. A ajuda vem a quem se ajuda a si próprio. Os operários devem desenvolver a luta revolucionária em cada país colonial ou imperialista, onde as condições favoráveis se encontram estabelecidas e, através disso, dar um exemplo aos operários de outros países. Somente a iniciativa e a atividade, a resolução e a audácia, podem realmente materializar a palavra-de-ordem: "Operários de todo o mundo, uní-vosl"

A Defesa da URSS

Ao mesmo tempo em que o *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional afirmou o derrotismo revolucionário nos países imperialistas, a linha de transformação da guerra imperialista em guerra civil, em revolução proletária, que tomou posição pelas guerras de independência nacional dos povos coloniais, que colocou às claras a indissolúvel unidade entre a revolução proletária e a luta pela unidade e independência dos povos coloniais ou semicoloniais, essa linha reafirmou a necessidade da defesa da URSS no curso de uma guerra entre ela e um país ou um grupo de países imperialistas.

"Foi extremamente eloqüente em sua unanimidade e sua fúria, a campanha que lançou a burguesia mundial por ocasição da guerra fino-soviética; nem a perfídia, nem a violência, anterior a esta guerra, excitaram a indignação da burguesia, pois toda a história da política mundial foi escrita em termos da perfídia e da violência. Seu medo e sua indignação despertaram diante da perspectiva de uma reviravolta social na Finlândia, idêntica à provocada pelo Exército Vermelho na Polônia Oriental. O que foi colocado em questão, foi uma nova ameaça para a propriedade capitalista. A campanha anti-soviética, que tinha em todos os pontos um caráter de classe, revelou uma vez mais que a URSS, em virtude dos fundamentos sociais colocados pela revolução de Outubro, dos quais depende, em última análise, a existência da própria burocracia, continua sendo ainda um Estado operário que apavora a burguesia no mundo inteiro. Os acordos episódicos entre a burguesia e a URSS não mudam o fato de que, 'tomada

em escala histórica, a contradição que existe entre o imperialismo e a União Soviética é infinitamente mais profunda que os antagonismos que opõem os países imperialistas uns aos outros' (A IV Internacional e a guerra).

Numerosos radicais pequeno-burgueses que ainda ontem estavam prestes a considerar a União Soviética como o eixo das forças "democráticas" contra o fascismo, descobriram, assim que suas próprias pátrias foram ameaçadas por Hitler, que Mascou não vinha em seu socorro, e que este seguia uma política imperialista e que não há nenhuma diferença entre a URSS e os países fascistas.

Mentira! Responderá todo operário consciente. Há uma diferença. A burguesia aprecia esta diferença social melhor e mais profundamente que estes cataventos radicais. Certamente, a nacionalização dos meios de produção em um só país, e sobretudo em um país atrasado como a URSS, não assegura ainda a construção do socialismo. Mas ela é capaz de favorecer a aquisição das condições elementares do socialismo, a saber, o desenvolvimento planificado das forças produtivas. Dar as costas à nacionalização dos meios de produção sob o pretexto de que ela não assegura o bem estar das massas equivale a condenar à destruição uma fundação de granito sob o pretexto de que é impossível viver sem parede e teto. O operário consciente sabe que uma luta vitoriosa pela emancipação total é inconcebível se não se defende as conquistas já adquiridas, por mais modestas que elas possam ser. Tanto mais é preciso defender uma conquista tão colossal como a economia planificada, contra a restauração das relações de produção capitalistas. Aqueles que não podem defender as antigas posições jamais conquistarão novas posições.

A IV Internacional não pode defender a URSS senão pelos métodos da luta de classes revolucionária. Ensinar aos operários a compreender corretamente o caráter de classe do Estado, imperialista, colonial, operário, e as relações mútuas que existem entre eles como também as contradições internas que contêm cada um deles, tornará os operários capazes de tirar conclusões práticas corretas para cada situação dada, travando ao mesmo tempo uma luta incansável contra a oligarquia de Mascou. A IV Internacional rejeita completamente toda política suscep tível de ajudar o imperialismo contra a URSS.

A defesa da URSS coincide em principio com a preparação da revolução proletária mundial. Nós rejeitamos absolutamente a teoria do socialismo em um só país, esse produto cerebral do stalinisrno ignorante e reacionário. Só a revolução mundial pode salvar a URSS para o socialismo. Mas a revolução mundial conduzirá inevitavelmente à expulsão da oligarquia do Kremlin".

A Confirmação dos Princípios, da Análise e da Linha Política da IV Internacional Durante a Guerra

A extraordinária força dos princípios sobre os quais se fundamentou o *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional, de sua análise e da linha política que efe traçou deve ser evidenciada à luz dos acontecimentos ulteriores à guerra e à vaga revolucionária que ela levantou. A defesa da URSS não era, e não é uma manobra de

Trotsky e da IV Internacional, sentimentalmente ligados às lembranças ultrapassadas da revolução russa. No curso da II Guerra Mundial, a defesa da URSS revelou ser um dos fundamentos da estratégia da revolução proletária mundial, um de seus componentes essenciais, inseparável dos outros componentes, que são a independência absoluta do proletariado em relação às burguesias dos países imperialistas, quer fossem, elas derrotas, ou se apresentassem sob as cores do antifascismo e da democracia, e ainda o apoio incondicional às lutas dos povos coloniais por sua independência, a suas guerras nacionais, e à independência de classe dos proletariados destes países.

A derrota do imperialismo alemão e a escalada da vaga revolucionária a partir de 1943, dependeram diretamente da defesa, na URSS, pelos operários e camponeses soviéticos, das relações de produção nascidas da revolução, últimos bastiões que restaram das conquistas seculares dos proletariados da Europa continental, arrasados pelas bordas nazistas. É se apoiando sobre esses bastiões que, após a vitória de Stalingrado, ao utilizar mais ou menos espontaneamente as contradições interimperialistas, as massas proletárias e oprimidas colocaram-se em movimento, e mudaram radicalmente a seu favor as relações de força entre as classes.

Por sua vez, esse movimento das massas permitiu ao proletariado da Europa Ocidental reconquistar suas antigas posições, conquistar novas posições, reconstruir e recuperar suas organizações. Isso está na origem da expropriação do capital no leste da Europa, do desmoronamento dos velhos impérios coloniais, como previa o *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional. Isso é indissociável das condições que levaram ao desmoronamento de Tchang Kai-Chek, à expropriação do capital e do imperialismo na China, à vitória da revolução chinesa e das guerras revolucionárias do povo vietnamita.

O *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional evidenciava que *"a defesa da URSS coincide em princípio com a preparação da revolução proletária mundial".*

O fim da II Guerra Mundial deu uma nova prova magnífica disso: o poder da vasa revolucionária mundial protegeu a URSS de uma nova guerra levada por todos os meios de que dispunha o imperialismo americano e talvez de uma reviravolta de alianças - o imperialismo norte americano fazendo a *"paz"* com uma Alemanha imperialista enfraquecida e reduzida a sua mercê e se voltando contra a URSS. Atacar a URSS desta maneira precipitaria a revolução crescente na Europa. Atacar a URSS supunha que o proletariado norte americano fardado aceitasse essa nova guerra e não era o caso. O imperialismo norte americano devia, ao contrário, apoiar-se inteiramente na burocracia do Krêmlin e seu aparelho internacional para conter a vaga revolucionária crescente, separar artificialmente em dois o proletariado alemão e os proletariados da Europa, reconstruir os Estados burgueses da Europa Ocidental.

Desmoronamento de Setores Inteiros do Sistema Imperialista

O fim da guerra e o imediato pós-guerra confirmaram ainda de outra maneira os princípios, a análise e a linha política do *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional. Retomemos aqui a eventualidade teórica da qual fala o *"Programa de Transição":*

"De todos os partidos e organizações que se apoiam nos operários e camponeses e falam em seu nome, nós exigimos que eles rompam pofiticamen te com a burguesia e entrem na via da luta pelo governo operário e camponês. Nesta via, nós lhe prome te1 mos um apoio completo contra a reação capitalista. Ao mesmo tempo, nós desenvolvemos uma agitação incansável em torno de reivindica ções transitó rias que deverão, segundo nossa opinião, constituir o programa do "governo operário e camponês".

É possível a criação de um tal governo pelas organizações operá rias tradicionais? A experiência anterior nos mostra, como já dissemos, que isso é pelo menos pouco provável. É impossível, entretanto, negar categoriamente de antemão a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação totalmente excepcional de circunstâncias (guerra, derrota, "crack" financeiro, ofensiva revolucionária das massas, etc.) partidos pequeno-burgueses, inclusive stalinistas, possam ir mais longe do que eles próprios queiram na via da ruptura com a burguesia. Em todo o caso, uma coisa está fora de dúvida: mesmo se esta variante, pouco provável, se realizar um dia em alguma parte, e que algum "governo operário e camponês", no sentido indicado logo acima, se estabelecer de fato, ele não representará senão um curto episódio no caminho da verdadeira ditadura do proletariado."

A crise do sistema imperialista, atingiu um tal grau que setores inteiros se decompuseram e se desmoronaram literalmente, de tal maneira que esta eventualidade concretizou-se na Iugoslávia, na China e no Vietnã, onde, em ruptura com a burocracia do Krêmlin, os PCs burocratizados destes países foram levados a assumir e dirigir guerras recolucionárias vitoriosas contra o imperialismo e suas agências burguesas. Da mesma maneira, se realizou em uma vasta escala na Europa do Leste aquilo que o *"Manifesto de Alarme"* da IV Internacional evidenciava após 1940, a propósito da Polônia:

"A submissão da Polônia oriental, garantia da aliança com Hitler, e garantia contra esse mesmo Hitler, é acompanhada da nacionalização da propriedade semifeudal e capitalista na Ucrânia ocidental e na Bielorússia ocidental. Sem essa medida, o Krêmlin não poderia incorporar á URSS os territórios ocupados. A revolução de Outrubro estrangulada e profanada fazia saber por isto que ela ainda estava viva."

As circunstâncias não eram idênticas. O desmoronamento da máquina de guerra nazista levava ao desmoronamento dos aparelhos de Estado desses países que os exércitos do Krêmlin ocupavam, à decomposição das burguesias e das classes dominantes autóctones, e a um poderoso impulso das massas que participavam da vaga revolucionária na Europa. A burocracia do Krêmlin fez de tudo para quebrar o elan revolucionário das massas, consolidar os destroços da burguesia e dos aparelhos de Estado. Todavia, se a ocupação da Europa do Leste era o *"Senhor" da* aliança de Stálin com o imperialismo norte americano contra o proletariado, ela era também uma *"garantia"* contra o imperialismo.

A burocracia do Krêmlin, após haver contido e feito as massas recuarem, pode retomar e concluir aquilo que o desmoronamento da máquina de guerra nazista e o movimento das massas haviam iniciado sem concluí-lo: a destruição dos Estados

hurgueses, a formação de aparelhos de Estado como prolongamentos do Krêmlin, integrando por outro lado partes inteiras dos antigos aparelhos de Estado burgueses. e a expropriação da burguesia, utilizando-se, bem entendido, dos meios e dos méto-

dos militares burocráticos da burocracia da URSS, e procedendo a uma sangrenta depuração dos PCs nacionais e de todo aquele que, ao lado do movimento operário, da classe operária e das massas, supostamente pudesse se opor a isso.

Mas, assim como na Europa Oriental, na Iusgoslávia, na China, e posteriormente no Vietnã, o proletariado não conquistou e nem exerceu o poder. A ruptura política desses PCs com o Krêmlin não muda nada no laço histórico que os liga à existência da burocracia da URSS. Os aparelhos de Estado que eles contituíram são, àsua imagem, burocráticos desde a origem. Esses PCs, como os aparelhos de Estado que eles constituiram, dependem da manutenção de um equilíbrio político nacional e internacional entre as classes no qual a burocracia do Krêmlin e seu aparelho internacional desempenham um papel insubstituível.

Do mesmo modo, as conquistas da classe operária nos países capitalistas avançados da Europa não puderam ir até a derrubada dos Estados burgueses, que estavam muito abalados, até a expropriação da burguesia. Exatamente ao contrário, com a ajuda política da burocracia do Krêmlin, de seu aparelho internacional, dos POs, dos aparelhos social-democratas e dos sindicatos, com o apoio económico do imperialismo dos Estados Unidos e sob seu impulso, estes Estados foram reconstruldos e uma nova divisão internacional do trabalho e um mercado mundial se reconstituiram.

Um Formidável Armamento Político ...

A vaga revolucionária do fim e do imediato pós-guerra e seus limites, não fazem senão confirmar os princípios, a análise e a linha política do *“Manifesto de Alarme”* da IV Internacional. A única razão dos limites dessa vaga revolucionária está na ausência de organizações da IV Internacional suficientemente poderosas, suficientemente enraizadas nas massas para conduzi-las à tomada do poder e à vitória final sobre a burguesia, como também sobre as burocracias parasitárias e contra-revolucionárias. Em outros termos, como o afirma o programa de fundação da IV Internacional, *“a crise da humanidade se concentra na crise da direção revolucionária’*

Sem dúvida, alguns dizem que se a burocracia do Krêmlin, seu aparelho internacional e as burocracias social-democratas e sindicais puderam salvar o imperialismo, salvaram-se a si próprias, contribuir decisivamente para estabelecer um novo equiiíbrio mundial entre as classes no final da II Guerra Mundial, a razão disso estaria no fato de que, longe de enfraquecer-se no curso da guerra e no imediato pós-guerra, sua influência reforçou-se consideravelmente. E dizem que este fenômeno está em contradição com os prognósticos de Trotsky e da IV Internacional que nós lembramos aqui:

“Atualmente, não é mais questão, como foi o caso durante o século XIX, de assegurar um desenvolvimento mais rápido e mais são da vida econômica, trata-se hoje do problema histórico que faz desaparecer o chão sob os pés dos partidos

oportunistas. Ao contrário, o partido da revolução encontra uma fonte de poder inesgotável na consciência de que está realizando urna inexorável necessidade histórica.

Por outro lado, não é permitido colocar em um mesmo plano a vanguarda revolu-

cionária atual e os internacionalistas que elevaram sua voz no momento tourou a última guerra. Somente o Partido Bolchevique russo representa força revolucionária. Mas mesmo ele, em sua esmagadora maioria e com exceção de um pequeno grupo imigrado ligado a Lênin, não conseguiu se desvincular de um quadro nacional estreito e se elevar à perspectiva da revolução mundial.

A IV Internacional, numericamente e sobretudo graças à sua preparação, ocupa um lugar infinitamente mais vantajoso que seus predecessores no início da guerra. A IV Internacional é a herdeira direta do bolchevismo em toda a sua força. A IV Internacional assinalou a tradição da revolução de Outubro e transformou em teoria as experiências do período histórico mais rico transcorrido entre as duas guerras imperialistas. Ela tem fé em si mesma e em seu futuro.

A guerra, relembremos uma vez mais, acelera enormemente o desenvolvimento político. As tarefas grandiosas que ontem pareciam ainda mais distantes vários anos, até mesmo decênios, podem surgir diante de nós nos próximos dois ou três e mesmo antes. Os programas que se basearam nas condições ordinárias dos tempos de paz cesarão inevitavelmente de corresponder à realidade. Por outro lado, o programa de reivindicações transitórias da IV Internacional, que parecia tão "irreal" aos políticos de visão curta, manifestará seu pleno significado no curso do processo de mobilização das massas pela conquista do poder de Estado."

Aqueles que pretendem isso demonstrarão simplesmente que tém uma visão superficial. O *"Manifesto de Alarme",* precisava:

"Resta examinar a questão da direção. A revolução não será traída uma vez mais devido ao fato de que existem duas Internacionais a serviço do imperialismo, enquanto que os elementos verdadeiramente revolucionários constituem uma ínfima minoria? Em outros termos, conseguiremos formar a tempo um partido capaz de dirigir a revolução proletária? Para responder a esta questão corretamente, é necessário colocá-la corretamente. Naturalmente, tal ou tal sublevação pode terminar e certamente terminará por uma derrota devido à falta de maturidade da direção revolucionária. Mas não se trata de uma simples sublevação. Trata-se de toda uma época revolucionária.

O mundo capitalista não tem mais saída, a menos que se considere como tal a agonia prolongada da morte. É *necessário preparar-se para longos anos, senão decênios de guerras, e para novas sublevações. Um jovem partido revolucionário deve tomar por base uma tal perspectiva. A história lher fornecerá muitas ocasiões e possibilidades de colocar-se à prova, de acumular experiências e de amadurecer. Quanto mais depressa as fileiras da vanguarda se unirem, mais se encurtará a época das convulsões sangrentas, menos nosso planeta sofrerá destruições. Mas o grande problema revolucionário não estará resolvido enquanto um partido revolucionário não se colocar à frente do proletariado. A questão do tempo e dos intervalos de tempo é de uma enorme importância. Mas ela não muda nem a perspectiva histórica geral, nem a direção de nossa política. A conclusão é simples: é necessário cumprir com uma energia decuplicada a tarefa de educação e de*

organização da vanguarda proletária. É pecisamente nisto que reside a tarefa da IV Internacional."

É verdade que Trotsky escrevera em uma mensagem a um comício do SWP, ocorrido em Nova York, em 1938:

"Durante os próximos dez anos, o programa da IV Internacional tornar-se-á

um guia para milhões de homens, e este milhões de revolucionários saberão como revirar a terra e o céu."

Em 1948, a IV Internacional e suas organizações estavam bem longe de influenciar milhões de revolucionários. Todavia, esta afirmação indicava o bom caminho. Não dez anos mais tarde, mas quinze anos após a fundação da IV Internacional, seu programa, assim como a necessidade de sua fundação em 1938 receberam uma magnífica confirmação. Pela primeira vez, as massas se levantaram abertamente contra a burocracia do Krêmlin e seu aparelho internacional; com o movimento revolucionário do proletariado da Alemanha do Leste em junho de 1953 escrevia-se o primeiro capítulo da história das revoluções políticas contra a burocracia do Krêmlin e as burocracias parasitárias e contra-evolucionárias; conjuntamente, o proletariado francês engajava contra a vontadedos aparelhos stalinistas e reformistas a greve geral de agosto de 1953; alguns meses mais tarde, era a derrota do imperialismo francês em Dien Bien Phu.

A marcha da revolução proletária não é certamente programável como o é o funcionamento de um computador. A vaga revolucionária nascida da guerra foi contida pelas velhas organizações stalinistas e social-democratas que, num primeiro momento as reforçou. O fortalecimento político da burocracia do Krêmlin e de seu aparelho internacional no final e logo após a guerra se explica pelo desenvolvimento da guerra que, de um lado, enaltecia a burocracia e seu aparelho internacional com o prestígio da vitória que as massas da URSS haviam levado sobre o nazismo, e, do outro, esgotava uma vez mais o proletariado da URSS até a última gota de sangue (20 milhões de mortos). Mas, no fundo, essa vaga revolucionária arruinava os aparelhos contra-revolucionários. Fundamentalmente, ela se opunha e entrava em conflito com eles. O conflito aberto se declarava em 1953. Chegava a hora da IV Internacional. Milhares de proletários procuravam uma bandeira, um programa, que não podia ser senão o da IV Internacional. Mas a direção de então da IV Internacional traiu sua bandeira e seu programa.

O programa, a fundação da IV Internacional, a reafirmação dos princípios, as peispectivas e a linha política geral da IV Internacional durante a guerra, definidas pelo *"Manifesto de Alarme"* não têm nenhuma responsabilidade nessa traição. Muito pelo contrário, quaisquer que tenham sido os erros e as fraquezas, cujas conseqüências foram desastrosas para a IV Internacional, para suas seções e para a revolução, foi a proclamação da IV Internacional, com base em seu programa, a reafirmação dos princípios, das perspectivas da IV Internacional e de sua linha política no curso da II Guerra Mundial que asseguraram a permanência do combate pela revolução proletária mundial e pelo internacionalismo proletário.

IV

O SWP NA LINHA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO E DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

Baseado nisso, nos Estados Unidos, o Socialist Workers Party manterá firme, no coração da metrópole imperialista, sua oposição revolucionária à segunda guerra imperialista. Desde outubro de 1940, por iniciativa do deputado democrata da Califórnia, Jerry Voorhis, o Congresso do Estados Unidos adotou uma lei que proibia a cooperação internacional entre organizações socialistas e operárias. A lei Voorhis implicava em que toda organização ou grupo filiado diretamente ou indiretamente a um governo estrangeiro, um partido político de um pais estrangeiro ou uma organização política internacional, *"fosse colocado sob controle governamental"* Toda organização suspeita de ter tais relações devia fornecer ao governo uma lista de seus membros e daqueles que a sustentavam financeiramente, com seus endereços. Essa lista seria publicada pelo governo. O Estado assumia o controle dessas organizações, e seus membros, assim como simpatizantes, eram separados da sociedade. Toda infração à lei podia ser punida com cinco anos de prisão e 10.000 dólares de multa. O SWP teve que desligar-se formal e oficialmente da IV Internacional. Mas ele o fez em termos que firmavam a continuidade de sua posição.

A resolução que a Convenção nacional do S.W.P. adotou em 21 de dezembro de 1940 diz expressamente:

“Nós asseguramos aos nossos companheiros de idéia dos outros países que, em nossa decisffo de nos conformarmos com esta legislação arbitrária e discrimina tória, nada altera nossa simpatia em relação à sua própria luta pelo socialismo.”

45

Com os “Teamsters” de Minneapolis

A repressão contra o SWP foi logo organizada. O sindicato dos caminhoneiros de Minneapolis (“Teamsters” local 544) filiado a AFL, era dirigido por membros do SWP, notadamente os irmãos Dunne. Por iniciativa de Tobin, presidente da “International Brother of Teamsters” (a Federação sindical dos caminhoneiros), interveio um Comitê dito *“dos 100”* que pôs em causa a legitimidade da direção do local 544.

Tobin convocou os dirigentes do local 544 a uma reunião que devia se realizar em Chicago, a 8 de abril, no decorrer da qual ele lhes informaria sobre as acusações feitas contra eles, e onde um representante da federação tomaria o controle da direção do local 544. Mas os dirigentes dos sindicatos convocaram para 4 de abril uma reunião dos delegados sindicais, que os apoiaram inteiramente. Na reunião de Chicago, Tobin recuou para melhor saltar. No início de junho de 1941, ele convocou o comitê do local 544 em Washington: devia responder à acusação de *“radicalismo”* que o “Teamsters International Executive Board” formulava contra ele. Tobin exigiu que o local 544 aceitasse a direção de um representante do buró executivo que dispusesse de todos os poderes. O “diktat” foi rejeitado. Em 9 de junho realizou-se um comício dos membros do sindicato, que reuniu 4.000 sindicalizados, onde foi tomada a decisão de romper com a AFL a aderir à CIO, assumindo o sindicato o nome de “Motor Transport and Allied Workers Industrial Union. local 544-CIO” (Sindicato Industrial dos Caminhoneiros e dos Operários dos Transportes Motorizados). Imediatamente. Tobin apelou a Roosevelt.

Roosevelt ordenou incursões do FBI para investigar não somente a sede do local 544, como também a sede local do SWP. Em 15 de julho, o grande júri federal de Saint Paul acusava 29 militantes de *“conspiração sediciosa”.* Os acusados eram importantes dirigentes do movimento operário de Minneapolis e lideres nacionais e locais do SWP, entre os quais JP. Cannon. Farrell Dobs, Felix Morrow, Albert Goldman, etc.

Eis o texto redigido por James P. Canrton, que responde à acusação de 29 membros do SWP e do sindicato dos “teamsters” de Minneapolis *“local 544-CIO”,* que *“The Militant”* publicou a 26 de julho de 1941.

“Porque Nós Fomos Acusados”

“Franklin ‘Duplo Jogo’ Roosevelt tem sistematicamente mentido ao povo americano. Ele traiu promessa após promessa. Atualmente, os campos de treinamento do exército transbordam de ressentimento contra a última traição de suas promessas: seu “pacto” solene com os recrutas, segundo o qual o recrutamento seria limitado a duração de um ano. E por que procura ele recuar

indefinidamente este limite? Para trair sua palavra solene de novembro último de que nenhum soldado americano iria combater em terra estrangeira.

Comparem com essa traição o uso que Roosevelt faz das tropas para quebrar as greves, a utilização terrorista do FBI e outras agências governamentais de repressão contra os sindicatos da CIO e o Socialist Workers Party, e terão uma imagem clara dos planos ignóbeis de Roosevelt. Através de uma combinação de força e de mentira, ele se propõe a forçar as massas americanas a fazer uma guerra que elas não querem e a favor da qual elas não votariam jamais.

A combinação típica da força e da mentira de Roosevelt apareceu com evidência nas acusações decididas pelo seu departamento de 'justiça" contra os responsáveis do Socialist Workers Party. O motivo fundamental dessas acusações foi indicado a 28 de junho pelo procurador geral - Francis Biddle, quando ele procurou justificar as incursões do estilo da Gestapo do FBI contra os locais do SWP em Saint Paul e em Minneapolis. Biddle citou então as seções contra a guerra da declaração de princípio adotada pela Convenção do SWP em 1938.

Mas um estrategista qualquer do partido da guerra de Roosevelt se apercebeu, depois, que seria muito impopular perseguir nosso partido, por causa de suas posições contra a guerra. Assim, os assistentes de Biddle prepararam hoje contra nós acusações que não fazem absolutamente referência às seções contra a guerra de nossa declaração de princípios de 1938 - de fato, a palavra "guerra" sequer aí figura!

Mas qualquer que tenha sido a prudência com a qual eles prepararam este ato de acusação, os agentes de Roosevelt não conseguiram todavia apagar as indicações reveladoras dos motivos reais dessa perseguição. Eles se traem no documento de acusação nº 4, que nos reprova por dizer, aconselhar, persuadir os operários e os camponeses de que "o governo dos Estados Unidos é imperialista".

Sim, nós explicamos e continuaremos a explicar aos operários e camponeses que o governo Roosevelt é imperialista em cada um de seus atos.

O imperialismo é a força motriz de todos os planos de guerra de Roosevelt. Como Hitler, ele queria ser senhor do mundo inteiro. Hitler procura esta dominação enquantó agente político dos banqueiros alemães. Roosevelt procura esta dominação enquanto agente político das "sessenta famílias" americanas, os Dupont, os Morgan, os Rockefeller.

Com essa combinação típica de força e de mentira, Roosevelt manobra para transformar èm bucha de canhão e em bestas de carga as massas da América Central e América do Sul. Em seguida, será Dakar - quer dizer as massas negras da África. Pela corrupção e pressão sobre Tchang Kai-chek, Roosevelt procura transformar a guerra chinesa de libertação em uma guerra a serviço do imperialismo americano.

Mas, antes de poder realizar esses planos gigantescos de carnificina e de conquista mundial, Roosevelt terá que submeter os operários e camponeses americanos à sua vontade. Tal é o objetivo de todas suas mentiras, suas farsas,

suas promessas não cumpridas. Tal é o objetivo de suas violências contra o movimento operário.

Com um despudor sem precedentes na história americana, Roosevelt interveio ao lado de Daniel J. Tobin para tentar destruir o "Motor Transport and Allied Workers Union" (Sindicato Industrial dos Caminhoneiros e dos Operários dos Transportes Motorizados), cujos 16 membros foram acusados ao mesmo tempo que os membros do Socialist Workers Party. Assim Roosevelt paga sua dívida a um de seus agentes mais servis.

47

Mas, tem algo mais. Tobin é um dos responsáveis por uma verdadeira empreitada, "Combate pela liberdade", que reivindica em altos brados a guerra aberta. Os responsáveis do sindicato "local 544" são opositores resolutos da guerra. Acusando o sindicato "local 544-CIO", o partido da guerra de Roosevelt dá um golpe em todas as forças opostas à guerra no movimento sindical.

Como ele se precipita no caminho da guerra total, Roosevelt gostaria de destruir toda direção e toda direcão em potencial das forças opostas à guerra: Roosevelt e seu partido da guerra compreendem perfeitamente que um partido operário honesto como o nosso, com princípios firmes e quadros forjados e temperados na luta de classes, pode tornar-se amanhã o porta-voz reconhecido de amplas massas na luta pelo fim da guerra. O partido da guerra de Roosevelt gostaria de nos destruir antes que isso aconteça, amanhã.

Nós mantivemos nossa tradição bolchevique de luta contra a guerra desde 1917, como sabe cada pessoa que conhece um pouco de política. Mas desde os famosos ataques de Palmer em 1920, não se encontrou um responsável governamental que julgasse que pudéssemos ser processados por causa disso. Somente hoje, sob Roosevelt, no momento em que Roosevelt tornou-se aliado de Stálin, e que o Partido Comunista tornou-se o sustentáculo mais barulhento de Roosevelt na preparação da guerra – só agora é que nossa defesa do bolchevismo contra o stalinismo tornou-se um motivo de acusação.

Os estrategistas "inteligentes" do partido da guerra de Roosevelt pensam:

'Não vamos cometer o mesmo erro que o czar. Em novembro de 1916, o partido de Lênin era pequeno e não tinha aparentemente nenhuma influência. Todavia, um ano mais tarde, graças à sua oposição irredutível à guerra imperialista, ele havia coo quistado a maioria entre os operários e camponeses. Não repitamos o erro do czar. Destruamos o partido de Trotsky antes que ele consiga a maioria entre os operários e camponeses dos Estados Unidos'.

"Esta estratégia "inteligente" do partido da guerra de Roosevelt é, na realidade idêntica àquela do czar. Ele perseguiu impiedosamente o partido de Lênin, exibo, aprisionou, executou, torturou seus membros. A crueldade do czar tornou-se proverbial no mundo civilizado. E todavia, isto não impediu que amplas massas abolissem a autocracia czarista.

Nós não temos medo da repressão de Roosevelt, tanto quanto Lênin não tinha medo da repressão czarista. A guerra na qual Roosevelt mergulha o país será um braseiro ardente no qual milhões e milhões de operários e camponeses americanos sarau temperados pela luta anti-imperialista. Para cada combatente arrancado de nossas fileiras pelo inimigo de classe, dezenas se levantarão, e, no próprio curso da luta entre nós e o partido da guerra de Roosevelt, aprenderão que todo combatente

firme na luta contra a guerra imperia/ista tem seu lugar no Socialist Workers Party.

Nós não somos pacifistas. Nós, os trotskistas, mostramos na China, na Espanha republicana, no Exército Vermelho, que nós estamos dispostos a nos bater por uma causa justa. Mas a guerra de Roosevelt é uma guerra imperialista e nós nos opomos a isto, e nada nos impedirá.

Nós não somos pacifistas. Nós não oferecemos a face esquerda aos ataques de Roosevelt contra nosso partido. Ao contrário, nós faremos de modo que cada operário,

cada camponês desse país conheça nossas posições, e saiba como Roosevelt montou esta vil maquinação contra nós. Nosso processo será julgado pelo governo em um sala de tribunal em Minneapolis, e aí apresentaremos nossa defesa. E, o que é muito mais importante, nós apresentaremos nossa defesa diante daqueles que são os verdadeiros juízes: os operários e os camponeses deste país. Acima de tudo, é o seu veredito que nos importa.

E nós temos confiança em seu veredito, uma vez que nós quebraremos a mentira e o engano, graças aos quais, o partido da guerra de Roosevelt gostaria de camuflar seu objetivo real. O Socialist Workers Party é o partido que luta contra a guerra. Os operários e camponeses não têm nenhum interesse nesta guerra. Elés não a querem de nenhuma maneira. O partido que luta contra a guerra e as dezenas de milhões de homens que se opõem à guerra se unirão no curso de nosso combate para libertar os29 que se defendem contra a Gestapo de Roosevelt."

"Porque Nós Seguimos o Fio Condutor de Lênin..."

Certamente, J. P. Cannon evitou ao máximo cair nas armadilhas da provocação, mas ele afirmou clara e firmemente a posição internacionalista, anti-imperialista e revolucionária do SWP. Doze acusados, entre eles Cannon, foram condenados a dezesseis meses de prisão e seis a um ano. O veredito do processo de Minneapolis foi pronunciado a 8 de dezembro de 1941, logo após o ataque de Pearl Harbour pelos japoneses e nõ dia em que .o congresso americano declarou a guerra. Evitando ao máximo abrir o flanco à repressão, a direção do SWP decidiu reafirmar suas posições face à II Guerra Mundial e à entrada dos Estados Unidos na guerra, sob a forma de uma nova declaração de J. P. Cannon, a 22 de dezembro de 1941.:

"As considerações que ditaram nossa atitude frente à guerra até a abertura das hostilidades entre os Estados Unidos e os países do Eixo conservam toda sua validade nesta nova situação.

Nós definimos a guerra sob o ponto de vista de todas as potências capitalistas que nela estavam implicadas - Alemanha, França, Itália e Grã Bretanha - como uma guerra imperialista.

A caraterização da guerra decorria para nós da natureza dos Estados em guerra:

todos eram Estados imperialistas - oprimindo outras nações ou povos - ou Estados satélites de potências imperialistas. A extensão da guerra no Oceano Pacífico e a entrada oficial dos Estados Unidos e do Japão não mudam em nada esta análise fundamental.

Porque nós seguimos o fio condutor de Lênin, não muda em nada para nós se-bermor qual bandido imperialista atirou primeiro: cada potência imperialista. durante um quarto de século, não cessou de “atacar” todas as outras potências imperialistas, por meios econômicos e políticos; o recurso às armas não é senão o ponto culminante desse processo que durará enquanto durar o capitalismo.

Essa caracterização da guerra hão se aplica à guerra da União Soviética contra o imperialismo alemão. Nós fazemos uma distinção fundamental entre a União Soviética

e seus aliados “democráticos”. Nós defendemos a União Soviética. A União Soviética é um Estado operário, se bem que tenha se degenerado sob a direção política totalitária da burocracia do Krêmlin. Não podem ser senão traidores os que recusaram seu apoio ao Estado operário soviético na guerra contra a Alemanha fascista. Defender a União Soviética, malgrado Stálin e contra Stálin, é defender a propriedade nacionalizada instaurada pela revolução de Outubro, é uma guerra progressista.

Do mesmo modo, nós caracterizamos a guerra da China contra o Japão como uma guerra progressista. Nós apoiamos a China. A China é um país colonial que combate por sua independência nacional contra uma potência imperialista. Uma vitória da China seria um golpe formidável coo tra todo imperialismo, e incitaria todos os povos coloniais a abaterem ç jugo imperialista. O regime reacionário de Tchang Kai-chek, submisso às “democracias” dificultou a capacidade da China em levar uma guerra corajosa pela independência; mas a nossos olhos, isto não muda em nada o fato de que a China é uma nação oprimida, que combate contra um opressor imperialista. Nós estamos orgulhosos do fato de que os membros chineses da IV Intenacional combatem na primeira linha contra o imperialismo japonês.

Nenhuma das razões que nos obrigam a apoiara União Soviética e a China coo-tra seus inimigos poderia se aplicar à França ou à Inglaterra. Estas “democracias” imperialistas entraram na guerra para garantir sua suserania sobre centenas de milhões de pessoas dos impérios britânico e francês. Defender essas “democracias” seria defender a opressão por elas exercida contra as massas da África e da Ásia. E, sobretudo, seria defender a ordem capitalista, que apodrece. Isto, nós não defendemos, nem na Itália ou Alemanha, nem na França ou Grã-Bretanha - nem nos Estados Unidos.

A análise marxista, que determinou nossa atitude com relação à guerra até 8 de dezembro de 1941, continua a determinar nossa atitude hoje. Antes de 8 de de-zembro, nós éramos internacionalistas. Nós o somos sempre. Nós cremos que o laço de lealdade mais fundamental entre todos os trabalhadores do mundo inteiro é o laço de solidariedade internacional dos trabalhadores contra seus exploradores. Nós não podemos assumir a mínima parte de responsabilidade nessa guerra. Nenhum regime imperialista pode fazer guerra justa. Nós não podemos apoiá-la um só instante.

Nós somos os inimigos mais irredutíveis das ditaduras fascistas da Alemanha e da Itália e da ditadura militar do Japão. Nossos camaradas da IV Internacional nos países do Eixo e nos países conquistados combatem, com o preço de suas vidas,

para organizar as revoluções que virão contra Hitler e Mussolini.

Nós fazemos tudo que está ao nosso alcance para acelerar a vinda dessas revoluções. Mas aqueles que, ex-socialistas, íntelactuais e dirigentes operários. apoiam a guerra do imperialismo americano contra seus inimigos e rivais imperialistas, em nome da "democracia", longe de ajudar os anti-fascistas italianos e alemães, confundem seu trabalho e traem sua luta. Os aliados imperialistas, como sabe todo trabalhador alemão, procuram impor um novo tratado de Versalhes, bem pior ainda que o primeiro. O medo disso é o melhor trunfo de Hitler para manter as massas da Alemanha em estado de sujeição. O medo do jugo estrangeiro freia o desenvolvimento da revolução alemã contra Hitler.

Nosso programa para ajudar as massas alemãs a derrubarem Hitler exige de início que elas estejam garantidas contra um segundo tratado de Versalhes. Quando o povo da Alemanha se sentir seguro do fato de que a derrota militar não será seguida da destruição da potência económica alemã e da imposição de um fardo insuportável da parte dos vencedores, Hitler será derrubado na própria Alemanha. Mas não são os inimigos imperialistas da Alemanha que podem dar tais garantias de que não haverá novo tratado de Versalhes; Quando o povo da Alemanha se sentir seguro do fato, de que a derrota militar não será seguida da destruição da potência econômica alemã e da imposição de um fardo insuportável da parte dos vencedores, Hitler será derrubado na própria Alemanha. Mas não são os inimigos imperialistas da Alemanha que podem dar tais garantias de que não haverá novo tratado de Versalhes; e, se elas fossem dadas, estas garantias não seriam aceitas pelo povo alemão. Na Alemanha as pessoas ora lembram ainda dos "quatorze pontos" de Wilson, e de sua promessa de que os Estados Unidos não faziam guerra ao povo alemão mas sim ao Kaiser. E, todavia, a paz dos vencedores, e a maneira pela qual os vencedores "organizaram "o mundo de 1918 a 1933, representava uma guerra contra o povo alemão. O povo alemão não aceitará nenhuma nova promessa que venha daqueles que fizeram essa paz e essa guerra.

Em meio a esta guerra contra Hitler, é necessário estender a mão da fraternidade ao povo alemão. Isso não pode ser feito de maneira honesta e convincente senão por um governo operário e camponês. Nós somos partidários do governo operário e camponês. Um tal governo, e só ele, está em condições de fazer a guerra contra Hitler, Mussolini e ao Mikado, em cooperação com os povos oprimidos da Alemanha, Itália e Japão.

Nosso programa contra o hitlerismo. por um governo operário e camponês, não e hoje senão o programa de uma pequena minoria. A grande maioria apoia, ativa ou passivamente, o programa de guerra da administração Roosevelt. Enquanto minoria, devemos nos submeter a essa maioria na ação. Nós não sabotamos a guerra, nem fazemos obstrução de qualquer maneira que sela às forças militares. Como nossa geração, os trotskistas vão ao exército. Nós aceitamos as decisões da maioria. Mas nós mantemos nossas opiniões e afirmamos insistentemente nosso direito a defendê-las.

Nosso objetivo é o de convencer a maioria de que nosso programa, só ele, pode pôr um fim à guerra, ao fascismo e ás convulsões econômicas. Em nosso processo

de educação, os fatos, terríveis, falam alto e forte em nosso favor. Por duas vezes em vinte e cinco anos, guerras mundiais levaram à destruição. Os instigadores e os chefes dessas guerras não apresentaram, e não podem apresentar, promessas dignas de crédito de que uma terceira, IV ou quinta guerra mundial não se seguirá se seu sistema social e eles próprios continuarem a dominar. O capitalismo não tem outra perspectiva a oferecer senão a do massacre de milhões de pessoas e a da destruição da civilização. Só o socialismo pode salvar a humanidade desse abismo. Essa é a verdade. Enquanto se desenrolar esta guerra terrível, dezenas de milhões que não nos escutam hoje, reconhecerão a verdade.

As massas supliciadas pela guerra adotarão nosso programa e libertarão os povos de todos os países da guerra e do fascismo. Nesta hora sombria, nós vemos claramente o futuro socialista, e nós lhe abrimos o caminho. Contra o coro enfurecido dos ódios

nacionais, nós levantamos uma vez mais a velha palavra-de-ordem do internacionalismo socialista: Proletários de todos os países, uní-vos!”

Durante toda a guerra, o SWP, apesar da histeria guerreira, mantém essa orientação, baseada no internacionalismo proletário e na perspectiva da revolução proletária.

Na Europa, teatro da guerra, a situação das organizações que se reivindicam da IV Internacional torna-se rapidamente mais difícil ainda. A guerra, o sucesso fulminante dos nazistas que conquistam a quase totalidade da Europa, distendem, e até rompem os, laços, entre as diferentes seções da IV Internacional. O Comitê Executivo Internacional (CEI) fixou-se nos Estados Unidos onde trabalha em estreita ligação com a direção do Socialist Workers Party. Os laços muito frouxos do CEI com as organizações trotskistas no mundo não impedem que se constituam novas seções da IV Internacional. Assim, em 1941, o Lanka Sarna Samaya Party, do Ceilão, aderiu a IV Internacional. Na Índia, no curso da vaga de greves que subleva as massas, a IV Internacional lança a palavra-de-ordem de independência imediata da Índia. Mas na Europa, a situação das organizações que se reivindicam da IV Internacional é trágica.

V

NA DEFESA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Na França, desde antes da Guerra. há duas organizações que se reivincicam da IV Internacional: o Partido Operário Internacionalista (POI) e o Partido Comunista Internacionalista (PCI). As seções alemã e italiana têm uma existência quase impossível sob a dominação fascista. Em breve, todas as seções da IV Internacional estarão na mesma situação. Quando a Guerra se inicia, as direções do POI e do PCI são abatidas. Só uns poucos permanecem em atividade, como Craipeau, do POI, e Marc Lauret. do PCI. Será a nova geração de militantes, a geração do junho de 1936, a que foi recrutada em 1938 e 1939, que cumprirá a tarefa de reconstruir as duas organizações. Na Bélgica, dois secretários, um logo depois do outro, serão fuzilados pelos nazistas. Apesar de seus erros e fraquezas, que terão consequências dramáticas, as organizações que se reivindicam da IV Internacional serão as únicas a permanecer no terreno de classe, do internacionalismo proletário.

Em maio de 1940, os bolchevique-leninistas foram os únicos a se dirigir a todos os operários e soldados por cima das fronteiras nacionais:

"Independentemente do curso da guerra, nós cumprimos nossa tarefa fundamental: explicamos aos operários a contradição inconciliável entre seus interesses e os interesses do capitalismo, sedento de sangue; mobilizamos os explorados contra o imperialismo; trabalhamos pela união dos operários de todos os países, beligerantes ou neutros; chamamos os soldados alemães à confraternização com os soldados do lado oposto do front. Nós mobilizamos as mulheres e os jovens contra a guerra, nós prosseguimos na preparação constante, persistente e infatigável da revolução, nas fábricas, nas cidades, nas casernas, no front e na

frota."

Esta proclamação não será um principio abstrato e nem letra morta. Em plena guerra, os trotskistas começam a reconstruir na Europa a IV Internacional, da qual a maioria dos dirigentes foi abatida e alguns constituíram a delegação européia em Nova York. Em 1942, é formado o Secretariado Europeu provisório. O trabalho é desenvolvido sob orientação do POI, principalmente por Marcel Hic, que foi um dos primeiros a lutar, logo no início da ocupação nazista, pela integração dos trotskistas na luta de classes e que depois da deportação de Souzin(responsável pelo Sindicato da Construção Civil da região parisiense), ficou responsável pela Comissão Sindical do POI.

Desde 19 de fevereiro de 1941 *La Verité ("A Verdade"),* nº 9, afirma categoriamente:

"A arma essencial para libertar a França será a confraternização com os solda-

dos alemães, para lutar contra o imperialismo."

La Verité dedica vários editoriais aos primeiros sinais de desagregação do Exército alemão: motim a bordo de um submarino em Brest, com desobediência e recusa a cumprir ordens.

O jornal faz eco dos numerosos exemplos de confraternização entre as tropas da ocupação e a população: em Saône-et-Loire a população saúda os soldados alemães presos por rebelião e indisciplina. Em Grenoble, depôis da ocupação da zona liberada, o Exército italiano concede 48 horas para que os soldados esvaziem as casernas, 48 horas durante as quais os franceses, sob o olhar benevolente dos italianos, retiram todos seus estoques e materiais.

Panfletos e jornais escritos em alemão são difundidos nas casernas, onde são recebidos com satisfação pelos soldados alemães.

"Arbeiter und Soldat"

O trabalho é dirigido por um militante alemão, Widelin (Victor), a quem a Conferência Européia confiou a tarefa de organizar um trabalho sistemático no interior da "Wehrmacht". O responsável pelos contatos com a França, Roland Filiâtre (Dupont), équem conta:

"Os camaradas franceses iniciavam discussões com os soldados alemães, fazendo-os falar sobre o passado. Quando os soldados se mostravam receptivos, era feita uma "filtragem" e eles eram colocados em contato com os mlitantes que existiam no Exército alemão. O trabalho na região parisiense era organizado em duas zonas. Os principais efetivos da organização se encontravam na Bretanha, nas região de Brest e Nantes, onde os soldados abasteciam o partido de armas e salvo-condutos. Em Brest, a organização contava com um média de 50 soldados, apesar das trans ferências. Contatos eram iniciados ou organizados em Toulon, Valensa, La Rochelle e no aeródromo de Conches. Uma rede semelhante existia na Bélgica. Os jornais eram difundidos na Alemanha pelos soldados. Foram estabelecidas ligações com a organização trotskista no porto de Hamburgo, principalmente, em Lubeck e em Rostock. Victor era responsável por essas ligações. "Arbeiter und Soldat" ("Operário e Soldado") foi difundido também entre os exércitos da Itália."

"Albeiter und Soldat" era o órgão da Liga dos Comunitas Internacionalistas, seção alemã da IV Internacional. As células de soldados alemães em Brest editavam seu próprio jornal, *"Der Arbeiter" ("O Trabalhador"),* do qual *La Verité* de 15 de outubro de 1943 (nº 53) publica alguns trechos:

"Nós, soldados que nos encontramos em um país inimigo, somos apenas trabalhadores, somos apenas proletários obrigados a executar as ordens da ditadura nazista. A situação de nossos camaradas da retaguarda não é melhor, principalmente agora. Nós e eles, devemos trabalhar até a morte, dia e noite, sempre para nada.

E temos alguma vantagem nisso? Não! (...).

Abondonem suas armas e filiem-se à IV *Internacional".*

A infiltração de um agente da Gestapo na organização desmantela o trabalho alemão. No final de setembro, trinta soldados e marinheiros são presos e, muito provavelmente, fuzilados. Cerca de 50 camaradas franceses da região de Brest e de Paris são detidos, entre eles Marcel Hic, David Rousset, Beaufrére e Roland Filiâtre. A repressão é tão impiedosa que *La Verité* de 15 de outubro publicou um encarte: *"Devido à nossa propaganda de confraternização a Gestapo persegue nosso militantes."*

A direção do POI toma medidas organizativas bastante estritas, e decide separar cuidadosamente o trabalho alemão do francês, compartimentando os camaradas alemães em grupos de três, ligados entre eles por camaradas franceses ou militantes alemães conhecidos há muito tempo.

A direção do POI, decapitada, é reorganizada. Os dois membros restantes, Cibelin e Craipeau, cooptam três novos camaradas: Essel (conhecido como Lessart). Patisot e Spoulber (conhecido como Marcoux). Demaziêre torna-se responsável pela região parisiense. O trabalho alemão continua sendo dirigido por Widelin, que edita *"Arbeiter und Soldat"* e a revista *"Unser Wort", "Der Arbeiter"* desaparece. Widelin será preso em Paris pela Gestapo no verão de 1944 e fuzilado. A tradição do internacionalismo não será perdida. Numa cidade do interior os camaradas do PCI organizam nas fileiras da IV Intenacional várias dezenas de soldados alemães, constatando que, depois do que viram no front do Leste, o inimigo, para eles, é Hitler, é Roosevert, e é Stálin.

O segundo grupo trotskista francês tem origem no PCI. Posteriormente ele tomará o nome de Comitê Comunista Internacionalista pela IV Internacional, e editará *"La Seule Voie" ("O Único Caminho")* e, mais tarde, *"Le Soviet" ("O Soviete").* Por sua vez, esse grupo abre a perspectiva para os Estados Unidos Socialistas da Europa, graças à *"corrente de confraternização proletária internacional, à supressão das barreiras alfandegárias, à colaboração pacífica do proletariado, ao controle proletário do planejamento, à melhoria das condições de vida das massas, contra as classes dominantes."*

O Secretariado Europeu

Os dois grupos franceses irão se unificar, sob a égide do Secretariado Europeu, depois de muita hesitação, no começo de 1944. A eles se somará um pequeno grupo, conhecido como *Grupo Outubro,* dirigido por Henri Claude. Juntos eles formarão o Partido Comunista Internacionalista, seção francesa da IV Internacional.

Como veremos mais adiante, o avanço revolucionário na França e na Europa coloca objetivamente a necessidade dessa fusão. No entanto, ela só é possível porque esses grupos permaneceram fiéis aos princípios da IV Internacional, ao internacionalismo proletário, ao combate pela revolução proletária na Europa e no mundo. Durante toda a Guerra, ante incríveis pressões e todo tipo de dificuldades, eles permanecerão fiéis a dois princípios fundamentais que, combinados, sintetizam a fidelidade ao internacionalismo e à revolução proletária: a defesa da URSS e a afirmação de que

os soldados alemães eram proletários sob o uniforme, de que eles não eram responsáveis pelo fascismo (muito pelo contrário), pelo nazismo e pela guerra, a luta pela confraternização, a posição determinante do proletariado alemão na luta de classes na Europa e na revolução proletária.

Enquanto que em toda a Europa Hitler é o vitorioso, com as massas esmagadas pela bota fascista, os grupos trotskistas europeus conseguem construir, em 1943, um primeiro organismo: o Secretariado Europeu provisório. Quando, neste mesmo ano, os dirigentes do Secretariado são deportados ou mortos, consegue-Se reconstruir um novo organismo, o Comitê Executivo Europeu da IV Internacional, cujo órgão será *"IV Internacional."*

Ë certo que os textos da Conferência Européia da IV Internacional, que se reãlizou em janeiro de 1944, contêm enormes fraquezas, erros teóricos e políticos consideráveis - de resto, erros cometidos durante a Guerra por todas as organiações que, pelo mundo todo, se reivindicavam da IV Internacional. Mas é um mérito da IV Internacional que o Comitê Executivo Europeu tenha publicado, contra ventos e marés, textos como este que transcrevemos em seguida, que apareceu no número de setembro-novembro de 1944 de *"IV Internacional",* intitulado *"A Revolução Proletária Alemã e a Classe Operária Alemã".* Como preâmbulo, o texto continha trechos das teses do 4º Congresso da Internacional Comunista, que chamavam à luta revolucionária contra o Tratado de Versalhes, de 1918.

"Batido em todas as frentes, o imperialismo alemão perdeu progressivamente suas conquistas do primeiro perâdo da Guerra: a própria Alemanha não passa hoje de uma "fortaleza" cercada por todos os lados. Como explicar que uma cadeia de derrotas ininterruptas - que se sucedem há dois anos - ainda não tenha produzido uma vibração decisiva na Alemanha e não tenha conseguido quebrar os quadros de resistência da ditadura fascista? E ainda: como explicar que o Exército alemão ainda resista encarniçada e desesperadamen te. quando a derrota parece inevitável do ponto de vista militar?

Para responder a estas questões é preciso antes compreender o papel de dois fatores essenciais: 1) o caráter do regime fascista; 2) a política praticada em relação à Alemanha.

A armadura de ferro do fascismo foi erigida na Alemanha com base na mais catastrófica derrota que o proletariado conheceu em sua luta contra o capitalismo. A ditadura dos bandos fascistas, apoiada numa imensa massa de desclassificados, em largas camadas de uma pequena burguesia pauperizada e dirigida contra a classe operária - por causa da covardia. da incapacidade e da impotência dos reformistas e dos stalinistas em formar um pólo de atração revolucionário - passou como um trem sobre a classe européia e o proletariado alemão, atomizando-os, destruindo suas organizações e aniquilando as conquistas obtidas em vários decênios de luta. Que eco podem encontrar na Alemanha os chefes emigrados - democratas, católicos, reformistas, prostitu (dos ante o imperialismo mundial — os burocratas a serviço do Krêmlin e os "junkers(1)" arrependidos, como von Paulus, do Comitê dito da "Alemanha Livre?"

(1) Aristocracia rural prussiana, que se tornou o quadro principal de oficiais das forças armadas alemãs depois da unificação da Alemanha e durante o lii Reich de Hitler.

Nenhum, sem dúvida.

Para quebrar a resistência fascista, para arrancar a camisa de força do nazismo, o povo alemão deve encontrar no proletariado internacional o apoio mais seguro e eficaz: cada avanço da revolução proletária na Europa e no mundo é um móvel concreto para o reagrupamento revolucionário na Alemanha e para a derrubada do fascismo. Os charlatães radicais, os burocratas que articularam a catástrofe, como marionetes do imperialismo, dedicam-se a barrar a revolução em todos os países (na Itália, na Bélgica, na Grécia, na França e em toda a Europa) e dizem que o proletariado alemão está "nazificado" até a medula. Esta mentira - idêntica, às de Goebbels, o mentirosochefe, ministro da Propaganda, que justifica todos os crimes nazistas em nome de "todo o povo alemão" - ajuda os imperialistas a preparar a escravatura do povo alemão, a forjar um super-Tratado de Versalhes, mais monstruoso que o original, e facilita o esmagamento da revolução hoje, sob o pretexto que ela "enfraquece" a luta contra Hitler, e o facilitará amanhâ quando for necessário "purificar" os trabalhadores alemães de sua doença nazista.

Para derrubar Hitler, para abater aquilo que está na origem do fascismo, o regime capitalista, é preciso estender a mão aos trabalhadores alemães. Mas é preciso não esquecer que desde o início foi contra o povo alemão que os nazistas utiliza ram sua máquina de terror. Para romper o círculo de ferro que cerca o povo alemão, para abrir-lhe a perspectiva da luta revolucionária, é preciso acabar com a campanha de ódio montada contra ele pelo imperialismo mundial, é preciso deixar claro que essa Campanha ajuda Goebbels.

Os imperialistas não querem ajudar o povo alemão a se libertar. Pelo contrário, eles pretendem substituir a ditadura de Hitler pela escravidão da Alemanha, dizendo que toda a nação "sustentou" Hitler. O proletariado alemão tem um papei determinante no destino da revolução operária européia e mundial. Seu esmagamento, em 1933, teve consequências incalculáveis para o conjunto do proletariado mundial. A revolução na Alemanha, também, terá decorrências profundas: de sua vitória ou derrota depende o futuro da humanidade.

Eis porque o imperialismo, assim como os traidores reformistas e stalinistas, tenta forjar novas correntes para prender o proktariado alemão, não sabendo mais

como pulverizar a Alemanha, como destruir essa massa operária existente no coração da Europa, como impedir a revolução que se seguirá ao desmoronamento do Estado de Hitler. A única solução que podem oferecer aqueles que desejam a manutenção do imperialismo é um novo super-Tratado de Versalhes, que irá conter, em germe, uma nova guerra imperialista.

Os imperialistas americanos apresentaram dois projetos. O projeto Morgentau, de um grande banco americano, que é o de transformar a Alemanha num país agrícola. O capital americano teria, então, um terreno rentável, no coração da Europa, carente de todo e qualquer equipamento industrial. Esse projeto foi rejeitado por Roosevelt por razões muito claras: a "desindustrialização" da Alemanha criaria três perigos: 1) ela favoreceria o crescimento da capacidade industrial da URSS e da França, isto é, dos concorrentes da indústria americana no mercado mundial; 2) ela permitiria que estes países aumentassem sua capacidade de expansão na própria Europa;

3) ela tornaria bem mais presente o perigo de uma explosão revolucionária no centro da Europa.

É precisamente para garantir sua segurança, contra a revolução proletária, que os "Aliados" preparam na Alemanha ocupada um regime tão bárbaro quanto o de Hitler. Sob o pretexto de que o povo precisa ser "desintoxicado", Eisenhower estabelece a ditadura militar, proibe todas "manifestações" com mais de três pessoas (!), *mas preserva os serviços das SA (integrantes das SS) e das Juventudes Hitleristas, dizendo que ambas devem garantir "a ordem e o funcionamento normal do Estado': Os imperialistas anglo-americanos tiram assim a máscara: Na Alemanha ocupada, assim como na Itália, os fascistas são mantidos em seus postos, para serem usados contra a classe operária. Eis a luta dos senhores imperialistas "contra o fascismo"!*

Tão cinicamente quanto os imperialistas americanos, os mercadores de escravos da Inglaterra tentam, eles também, cortar a Alemanha em pedaços. Já no fim da I Guerra, Lord Vansittart considerava a paz de Versalhes muito branda, e propunha a divisão completa da Alemanha. Se os projetos de Vansittart não se tornaram palavras-de-ordem oficiais do imperialismo inglês não foi por culpa dele. Isso ocorreu porque a Inglaterra, colocada perigosamente entre uma França que pratica o equilíbrio entre a Grã-Bretanha e a Rússia, não soube a quem servir, para resguardar sua posição decisiva no continente: se à França, num "bloco ocidental" - amanhã voltado contra a URSS - ou se à Alemanha, não muito mutilada, que poderia ser usada mais tarde contra as pretensões demasiado grandes da França. Se a Inglaterra preconiza o "bloco ocidental" com a França e pratica com a Alemanha uma política de "esperar para ver", no plano imediato ela tenta assegurar o controle das melhores "fatias" da Alemanha. De fato, os imperialistas decidiram ocupar a Alemanha, "pelo menos por dez anos", como eles dizem, como se isto dependesse apenas deles e não da luta revolucionária do proletariado alemão, europeu e mundial. E a dividiram em quatro grandes porções: a URSS controla a Prússia Oriental; os EUA, o Sul; a França, a Renânia; a Inglaterra, o Ruhr e o Norte.

A fórmula proposta para se aplicar na Alemanha "ocupada" é a mesma - que

curiosa coincidência! - que os nazistas e imperialistas alemães colocaram em prática na França: controle da indústria, recrutamento da mão-de-obra, que se somou, como veremos adiante, à migração forçada da população, em massa, e à deportação pura e simples. Eis o regime de cárcere que se promete à Alemanha do futuro: e depois disso os charlatães hipócritas ainda falarão de "liberdade" e "democracia", conseguidas graças às vitórias dos imperialismos!

O imperialismo francês - que alguns já declaravam morto e sepultado em 1940, quando a burguesia francesa fazia com que seus 70 milhões de escravos coloniais pagassem por um derrota que era somente sua - mais ávido e voraz do que nunca, não sabe mais onde situar sua fronteira ocidental: no Reno, o "rio francês", como diz o novo impostor que recebeu o título de ministro do Exterior; ou na Renânia, que "deve" ser ocupada, como diz o velho impostor "socialista" Grumbach; ou ainda mais longe, como querem os "comunistas franceses", que desejam uma "França grande e forte". E esta vergonhosa política de rapina, réplica fiel da barbárie de Hitler, é batizada por de Gaulle de política "realista

que os imperialistas tenham tirado a máscara nesse momento decisivo e que a disputa das melhores partes da Alemanha tenha assumido um caráter doentio, não há nada de extraordinário nisso. É revelador apenas que a burocracia de Stálin mostre, por sua vez, toda sua putrefação, todo seu desprezo cínico pelos princípios, não somente do socialismo, mas mesmo da liberdade e da democracia burguesas. Que não deixem de abrir os olhos os operários comunistas que não consigam entender como, de "tática" em "tática". uma mais genial do que a outra, se chega ao alinhamento com os chauvinistas mais histéricos - como na França - e com os defensores de um super-Tratado de Versalhes, que será mais calamitoso que o de 1918 - enquanto que o leninismo se forjou na Europa com base na luta contra o chauvinismo e contra o Tratado de Versalhes.

O lacaio de Stálin para as "ciências" econômicas, Varga, publicou em Moscou um plano que previa não apenas o desmembramento da Alemanha, a desindustrialização do país e a transferência da indústria para a URSS, mas ainda a deportação de 10 milhões de operários alemães para a Sibéria! Nem os sátrapas assírios, há dois mil anos, poderiam conceber tal "punição" para as tribos inimigas. Hoje, não se trata de tribos, mas da massa proletária mais importante da Europa, e esse projeto não foi concebido em nome da Assíria, mas da URSS. Certo, os sátrapas não sabem encontrar outra solução nem na Babilônia e nem no Krêmlin, mas isto não pode justificar a maior monstruosidade que a burocracia stalinista prepara, manchando o nome da União Soviética e de Lênin.

Stálin fala do proletariado europeu como um verdadeiro senhor de escravos: a URSS ocupará Varsóvia; em troca Stálin oferece aos falidos "democratas" poloneses uma 'boa" fronteira no Oder e na Saxônia. Ele "cede" a Renânia ao imperialismo francês - que se compromete a manter os alemães "nos eixos" - e ao mesmo tempo prepara "algumas modificações" com dez milhões de trabalhadores alemães! Esse projeto bárbaro comprometeria para sempre o socialismo, se nenhuma voz se elevasse na classe operária para denunciar o sinistro projeto do "Pai dos Povos" e seus vários "filhos do povo'

Depois dos artigos de Ilya Ehremburg. que escreveu que “os alemães bons são os alemães mortos”, e que insulta desavergonhadamente o proletariado alemão, que gerou um Karl Liebknetch, não há nada de extraordinário que os velhos malandros como Lord Citrine, chefe dos sindicatos ingleses, ou novos gangsters como Murphy, chefe do CIO (central sindical dos EUA) descubram que “o povo alemão é responsável pelos crimes de Hitler”.

Todas essas pessoas mostraram que se pode rastejar na lama mais do que os social-patriotas de 1914.

+

+ +

Neste momento decisivo, afirmamos ao proletariado alemão e mundial: sem a vitória da revolução proletária alemâ, a vitória do proletariado europeu é inconcebível e impossível. Para ajudar o proletariado alemão na sua luta contra Hitler é preciso romper a muralha de ódio que tentam erguer entre ele e o proletariado europeu. Para ajudar a revolução proletária alemã é preciso denunciar incansavelmente os projetos

sanguinários dos imperialistas, dos charla tães democratas, dos traidores stalinistas e reformistas. É preciso dar ao internacionalismo o seu verdadeiro conteúdo: é preciso confraternizar com o proletariado alemão, contra a ditadura de Hitler hoje, e contra a ditadura da ocupação “aliada” de amanhã.

As contradições de classe corroem e minam os alicerces do regime de Hitler, apesar do cerco de ferro do fascismo. Uma explosão grandiosa se prepara na Alemanha. Os “socialistas” e os stalinistas são incapazes de abrir uma perspectiva de combate à classe operária, para dar-lhe confiança na revolução. Só a IV Internacional poderá levantar na Alemanha a bandeira da revolução, para encontrar-se finalmente na direção do movimento de massas. Desde hoje ela diz à classe operária e aos trabalhadores: “Se vocês querem impedir uma nova guerra imperialista, se vocês querem preparar um mundo melhor, é preciso denunciar desde já, incansável e inflexivelmente, apaz de vingança dos imperialistas, e desmascarar a ocupação que eles preparam.

Abaixo o super-Tratado de Versalhes de Roosevelt, Churchil e Stálin!

Viva a revolução proletária alemã!

5 de dezembro de 1944.”

VI

CRISES NA IV INTERNACIONAL ANTES E NO INICIO DA GUERRA

A fundação da IV Internacional, em 1938, não era apenas necessária e possível: era indispensável. Sem a bandeira da IV Internacional, sem as bases programáticas da sua fundaçêo, sem o quadro político e organizativo que ela estabelecia, sem a perspectiva que ela abria, todo este combate não poderia ter sido travado, os princípios e a continuidade revolucionários teriam sido obscurecidos. Eis o que justifica amplamente *a* fundação da IV Internacional em 1938. Partindo desta afirmação é possível, e indispensável, analisar as fraquezas, os erros, as pesadas faltas das organizações que pertenciam ou deveriam adeir à IV Internacional durante ou no fim

da Guerra. Na Europa e nos EUA, mal a IV Internacional foi fundada, graves crises destrutivas ocorreram nas organizações que partiparam de sua fundação.

Na França, o POl era a organização que oficialmente pertencia à IV Internacional. O POI foi constituído em junho de 1936, e por um momento reuniu todas as tendências e frações que se reivindicavam da luta pela IV Internacional. Mas, em agosto de 1936, o grupo Frank-Molinier rompeu e formou o PCI, cujo jornal era "*La Commune" ("A Comuna"),* e que não será formalmente membro da IV Internacional.

O POI, o PCI e a Questão da Entrada no PSOP

Depois da recusa do PSOP (Partido Socialista Operário e Camponês) em fundir-se com o POl, e da proposta feita pelo Conselho Nacional do PSOP aos militantes trotskistas franceses, no sentido de que entrassem individualmente no partido, o Secretariado Internacional e Trotsky aconselharam os militantes do POI a entrarem indivi-

dualmente no partido de Pivert. Em janeiro, o congresso do POI se pronuncia contra essa proposta. Pierre Naville, sustentado pela maioria da organização da juventude (a JSR) e uma parte dos militantes engajados na intervenção sindical, dirigiu a maioria do partido a esta tomada de posição negativa, comprovando o julgamento que Trotsky fará de Naville e seus camaradas alguns meses mais tarde, quando saudará "*a justeza de sua concepções gerais*", mas precisará:

"Eles são capazes de boas análises, mas jamais foram capazes de trabalhar com as massas, jamais aprenderam a fazer isto. E é terrivelmente necessário avaliar o que se passa entre as massas. Mas nós temos na França camaradas que sao assim.

A minoria favorável à adesão individual ao PSOP, que se solidificou no Congresso do POI, com Rous. Craipeau, Filiâtre, de acordo com o Secretariado Internacional. decide entrar no PSOP em fevereiro. Quatro meses mais tarde, o Comitê Executivo da IV Internacional convida todos os militantes trotskistas franceses a tomarem a mesma iniciativa e, a propósito do POI, mantida pela maioria de Naville e Bradin, afirma:

"A IV Internacional náb é responsável pelo POI e não o reconhece como uma de suas seções."

A maior parte dos militantes da ex-maioria entram de maneira dispersa no partido de Pivert. no momento em que o próprio PSOP, sacudido pelas profundas contradições entre suas várias tendências pacifistas, social-democratas, centristas, pró-stalinistas, e a ala trotskistas sem poder encontrar respostas satisfatórias, perde sua substância operária.

A entrada de algumas centenas de militantes do POI se fez de maneira dispersa, ao longo dos meses, no quadro de uma cisão, sem uma perspectiva unitária, e contando com uma fração de militantes que insistiu até o fim em manter o nome de POI. Alguns aderiram ao PSOP na véspera de sua explosão, quando dezenas de militantes desorientados e sem respostas simplesmente abandonam a organização. A intervenção coordenada, pública, de uma fração trotskistas coerente poderia ter modificado os dados do combate político e, pelo menos, permitiria ganhar para a IV

Internacional uma parte dos militantes que não concordavam com os dois campos principais em que se dividia o PSOP. ambos controlados pela burguesia e pela social-democracia: o *"belicista",* partidário de uma aliança das democracias burguesas com a URSS, contra a Alemanha nazista;e o *"pacifista"* defensor do "*modus vivendi*"com a Alemanha nazista, na esperança secreta que as armas desta última de dirigissem contra a União Soviética.

Por outro lado, o PCI, que não era formalmente membro da IV Internacional, também entrou no PSOP. Ele viveu igualmente uma crise neste momento, mas de proporções mais limitadas.

A Batalha sobre a Caracterização da URSS...

Em 21 de agosto de 1939. o pacto germano-soviético. modificando os termos do acordo de Munique, descarta momentaneamente a perspectiva de uma agressão nazista contra a URSS e, na medida em que Stálin induz os partidos stalinistas a passar sem

ambiguidades da linha do *"antifascismo"* para uma política pacifista em relação ao nazismo, semeia grandes problemas em suas próprias fileiras. Hitler prepara a ofensiva contra a Polônia. O primeiro ato da Guerra está prestes a acontecer. O PSOP, coalizão heterogênea, voa em pedaços e desaparece. A seção frnacesa da IV Internacional, por sua vez, está em estado de crise latente, que se abrirá muito em breve. Isto não tornará fácil dar respostas às questões formidáveis colocadas pelo desmoronar momentâneo do movimento operário, questão às quais apenas um punhado de trotskistas responderá no sentido do internacionalismo proletário.

Mas não são as organizações européias. e particularmente as francesas, que estão em crise no momento em que se deflagra a II Guerra Mundial. O Socialist Workers Party (SWP), em 1938-39, é a seção mais forte da IV Internacional. A Guerra e o pacto Hitler-Stálin vão abrir uma crise que, partindo do pacto germano-soviético, vai colocar em pauta todas as questões programáticas da IV Internacional e o próprio método marxista, assim como a natureza e o tipo de organização que se pretende construir. O ponto de partida é, mais uma vez, a questão da natureza da URSS e sua defesa.

Essa discussão sempre esteve presente na Oposição Bolchevique-Leninista pois, nas organizações trotskistas, o caráter cada vez mais histérico, mais monstruoso da burocracia stalinista e de suas práticas terroristas, colocava em causa regularmente, para alguns camaradas, a definição da URSS como *"Estado operário degenerado".* Uma discussão sobre este ponto iniciou-se na fração trotskista americana no fim de 1937, sendo então estancada. Ela é retomada brutalmente em agosto de 1939. A assinatura do pacto germano-soviético lhe dá um novo impulso. No próprio dia da assinatura do acordo, Max Shachtman escreve:

"A próxima reunião do Burô Político deverá se iniciar por uma discussão da nossa apreciação do pacto Hitler-Stálin, relacionando-o com nossa caracterização do Estado soviético e com as perspectivas futuras".

James Burnhan precisa essa fórmula ainda prudente, apresentando duas semanas mais tarde um texto que afirma a impossibilidade de se caracterizar, *"seja*

em que sentido for", a URSS como um Estado operário. A invasão da Polônia oriental pelo *"Exército Vermelho",* em setembro de 1939, multiplica a amplitude da discussão. A invasão da Finlândia - ou melhor, a tentativa de invasão da pequena Finlândia pelas Forças Armadas da grande União Soviética - em dezembro de 1939, leva o debate ao seu ponto de maior tensão.

Não se tratava de uma questão interna do SWP, mas da expressão concentrada de um problema central para o movimento operário e para a IV Internacional: a revisão da análise da URSS como um *'Estado operário degenerado"tinha* como decorrência a contestação da defesa incondicional da URSS frente ao imperialismo mundial. Também Trotsky dedica a este debate uma grande parte de suas forças. Sua preocupação é dupla, pois o debate coloca em questão tanto o método de análise do real como o método de construção do partido.

James Burnham, um dos dirigentes da *"minoria",* rejeita o materialismo histórico e dialético como se este fosse bobagem. E, ao mesmo tempo, seus camaradas e ele próprio subordinam a definição da natureza da URSS a tal ou qual decisão da casta dirigente (a assinatura do pacto Hitler-Stálin, a invasão da Polônia ou da Finlândia).

A natureza da URSS não dependeria de mais nada, portanto, mas apenas do fato de que a burocracia se alia com as democracias burguesas ou com o fascismo. À questão: *"a burocracia constitui uma excrescência temporária do organismo social ou essa excrescência já se transformou num órgão historicamente necessário?"* ou ainda: *"a burocracia é ou não a 'portadora' de um novo sistema econômico que lhe é próprio e que, sem ela, é impossível?"* a estas questões não se pode dar resposta acertada partindo de tal ou qual aspecto contingente, de impressões imediatas, concretas e conjunturais.. Pelo contrário, é preciso colocar a URSS, sua formação e sua evolução no quadro da luta de classes, de sua continuidade, de sua evolução:

1) Qual é a origem histórica da URSS?

2) Quais modificações sofreu este Estado na sua existência?

3) Essas modificações passaram do estado quantitativo para o qualitativo? Em outras palavras, elas criaram a dominação historicamente necessária de uma nova classe exploradora?

... e o Método de Construção do Partido

A recusa em responder as questões utilizando este método, ou seja, a recusa em analisar a URSS e sua evolução a partir de sua origem histórica (tomada do poder pelas massas trabalhadoras e seu partido como a expressão e momento, na Rússia, da revolução proletária mundial), esta recusa leva ao empirismo mais absoluto, ao reino do *"fato concreto";* da *"expressão concreta",* e se estende rapidamente aos problemas de construção do partido. Rejeitando o materialismo dialético como *método* de análise, a minoria pretende também construir o partido com a mesma base empírica, com os métodos empiristas de responder concretamente aos *"problemas políticos concretos'* Assim, a minoria propõe à Conferência Nacional do SWP, em abril de 1940, uma resolução definindo o SWP como *'um partido da agitação antiguerra";* a publicação periódica no semanário do partido de discussões

abertas aos simpatizantes sobre a elaboração de uma *"nova política partidária",* e a abertura, na revista teórica do partido, de *"discussões sobre problemas teóricos e científicos do marxismo, como, por exemplo, o materialismo dialético e a natureza de classe do Estado soviético, discussões nas quais o partido vai expor e defender o seu pontó de vista sobre os problemas sobre os quais tiver adotado uma posição oficial".*

Já se vê surgindo, ou ressurgindo, o monstro do mar que, no fim de 1947, suscitará uma cisão na organização francesa e levará com ela 45% dos militantes: o partido *"amplo", "aberto". O obstáculo à* ampliação e à abertura sendo, como aqui aparece claramente, o programa. Todas as forças centrifugas que a pressão dos inimigos suscita (e o vigor dessa pressão não deve ser subestimado, quando a Guerra Mundial começa e quando a burguesia, experiente com os-ensinamentos da Guerra anterior, preparava a criação de suas trincheiras onde elas fossem poss(veis) encontram uma barreira no programa, que os inimigos denunciam e atacam. E o caminho escolhido para o ataque é dizer que o programa dá ao partido um caráter sectário. Que ocorreram casos de sectarismo, sob a pressão formidável do stalinismo e do imperialismo, que

buscavam conjuntamente colocar o trotskismo fora da lei, não dá dúvida. Não é o programa que é colocado em causa, mas a maneira de enraizá-lo nas massas, isto é, os métodos (políticos) de defendê-lo, de construir o partido.

Oferecendo como perspectiva ao SWP a diluição na agitação anti-guerra, e a discussão aberta aos simpatizantes sobre a elaboração de uma nova política, a minoria de Burnhan-Shachtman propõe a transformação do partido num clube de intelectuais, que trocariam opiniões e pontos de vista diversos sobre vários problemas, ao acaso das circunstâncias. Também não é surpreendente que o ponto número 1 de seu texto, *"Implantar o partido entre os trabalhadores",* se reduza a um pequeno parágrafo, destinado a hipotéticos desenvolvimentos posteriores.

Trotsky havia sugerido à direção do SWP aceitar ser minoria na questão da natureza da URSS e, nesta situação, defender suas posições, que eram as do trotskismo, as da Internacional. Trotsky não considerava a IV Internacional como o partido mundial construído e suas seções como partidos dirigentes já edificados.

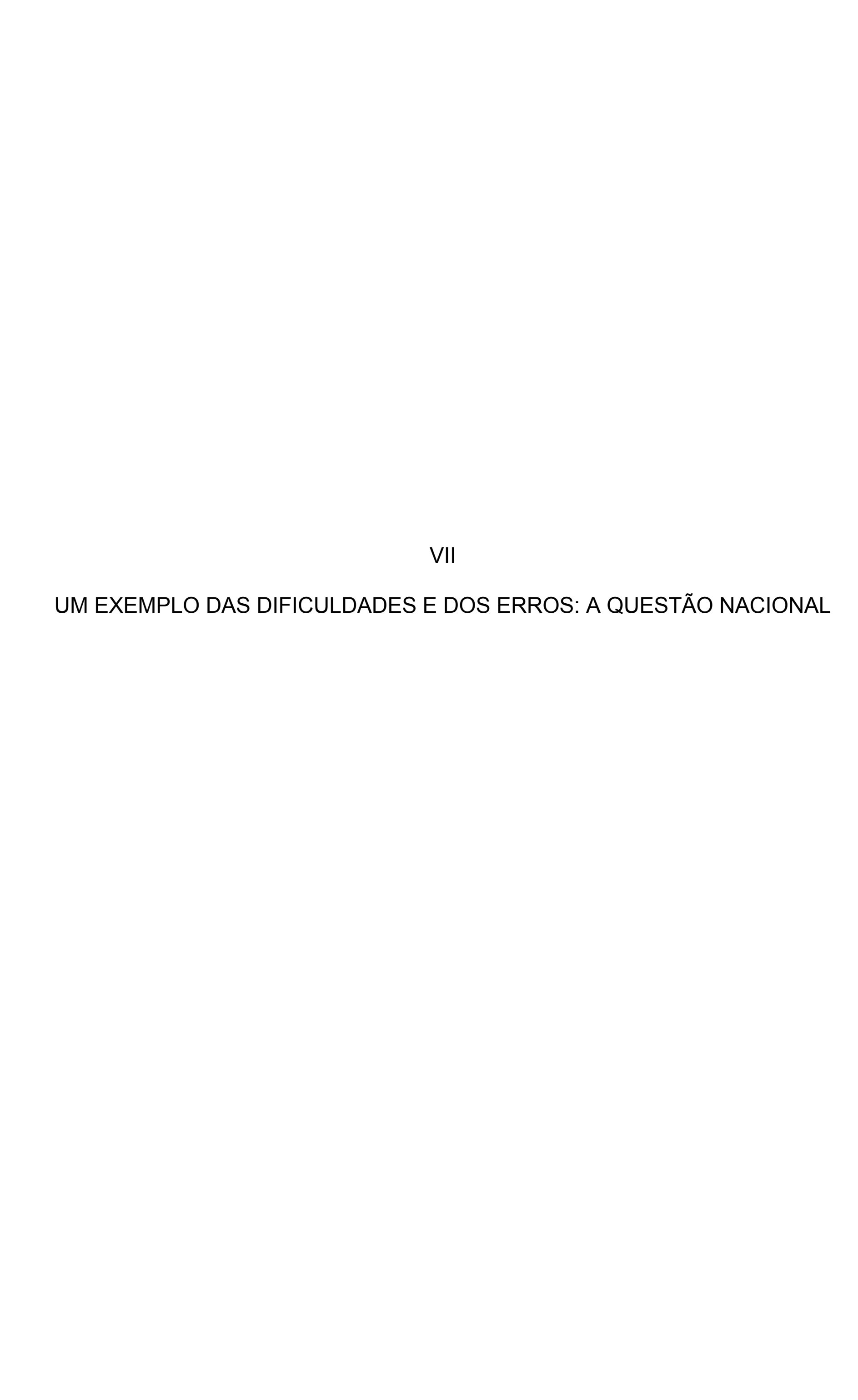
Mas, a partir do momento em que o empirismo total da oposição no seu método de análise e na sua concepção de partido coloca em perigo a própria existência da organização partidária, Trotsky, sem propôr medidas de exclusão, leva a discussão para este terreno. Terreno que, devido aos *"métodos burocráticos"* de Cannon e outros dirigentes da maioria do SWP. conduzirá a minoria a abandonar o partido em abril de 1940. A minoria reflete uma situação presente em todos os partidos da Internacional.

"O destino de toda uma geração de revolucionários, devido a uma combinação particular de combinações históricas, desenvolveu-se fora do movimento operário. Por mais de uma vez, falando e escrevendo, alertei para o perigo da degeneração desses elementos de valor dedicados à revolução. O que foi num momento carasterística inevitável da juventude transformou-se numa fraqueza A fraqueza transformou-se em doença e, se a negligenciarmos, a doença pode vira ser fatal. Para evitar este perigo, é preciso abrir conscientemente um novo capítulo no

desenvolvimento do partido. Os propagandistas e jornalistas da Ouarta Internacional devem inaugurar um novo capítulo em suas consciências. É necessário rearmar-se. É preciso rodar em torno do próprio eixo, voltando as costas aos intelectuais pequeno-burgueses para encarar os operários.

Seria difícil conceber um erro mais perigoso para o partido do que ver no conservadorismo de sua parte operária a causa da crise atual, e procurar a solução dessa crise na vitória do bloco pequeno-burguês. De fato, a essência da crise atual reside no conservadorismo dos elementos pequeno-burgueses, que construiram suas armas na escola do propagandismo puro e não souberam atuar na luta de classes A crise atual éúltima luta desses elementos para sua conservação."

A ruptura era então inevitável. Mas é a minoria que a provoca. Não se tratou de uma simples ruptura. Cerca da metade dos militantes do SWP sai do partido: alguns seguem Shachtman -, que se separa de Burnhan - que funda o Partido dos Trabalhadores; a maioria deles, no entanto, abondona o combate.



VII

UM EXEMPLO DAS DIFICULDADES E DOS ERROS: A QUESTÃO NACIONAL

Na vida política e na atividade das organizações francesas que se reivindicam da IV Internacional, durante a Guerra, são particularmente significativos os erros e as frasquezas. É em torno das organizações francesas, e se apoiando nelas, que a IV Internacional se reconstruirá na Europa. E em contato com elas que vivem ou sè constróem as organizações européias, como a alemã, a belga, a italiana, etc. Vamos analisar, pois, de maneira relativamente detalhada esta vida e esta atividade política.

Depois de uma longa espera, o front francês é atravessado, entre 4 e 8 de junho de 1940. Os tanques alemães irrompem sobre a França. Milhões de franceses e belgas espalham-se pelas estradas, andando extenuados, numa grande desordem:

“A França cessa de ser governada e administrada... A impressão dominante é que nada funciona, que tudo desmorona, que não existe mais Estado, que não existe autoridade.” (H. Michel: A II Guerra Mundial, *volume 1, PUF).*

E enquanto o governo Reynaud delibera sobre a conduta *a* ser tomada (continuar a guerra ou solicitar um armistício?) o general Weygand decide, usando uma argumentação mais política do que militar:

“Não se pode deixar o país à deriva: é preciso guardar algumas tropas para preservar a ordem pública, que pode ser gravemente ameaçada; se o armistício não é solicitado sem demora, a desordem ganhará os exércitos, a população e os refugiados.” (idem).

Através da assinatura do armistício de 22 de junho de 1940 o decadente imperialismo francês se inclina ante o imperialismo alemão. A França é dividida em dois: a metade Norte é ocupada pelos alemães; a metade Sul,dita zona livre, é governada pelo marechal Pétain, cujo governo se instala em Vichy.

E desde que a Câmara - a mesma da Frente Popular - por esmagadora maioria, concedeu plenos poderes a Pétain, uma severa depuração golpeia os judeus, os francomaçons, os comunistas, todo o movimento operário, os defensores da escola laica, que são responsabilizados pelo enfraquecimento do *“civismo”* e do *“patriotismo”* A CGT (Central Geral dos Trabalhadores), a CFDC (Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos) e todos os partidos políticos são dissolvidos; os militantes operárioS são perSeguidos.

A única formação política operária que não afunda no social-patriotismO, e nem as duvidosas combinações com os nazistas, é a dos grupos trotskistas. Seu programa compensou sua fraqueza numérica.

Enquanto os dirigentes do PCF solicitam às autoridades nazistas o direito de *“L’Humanité” (“A Humanidade”)* ser publicado legalmente. os bolchevique-leninistas não reivindicam a autorização para publicarem seus jornais. Em condições difíceis, o ex- POI publica, a partir de 31 de agosto de 1940. um jornal de quatro páginas mimeografado: *La Verité (“A Verdade”).*

Condições difíceis, sendo que a pior delas era sem súvida a ausência de uma direção política. Desarmados pela desaparição dos melhores, a começar pelo assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940, os dois grupos bolchevique-leniniStas vão ter que enfrentar uma situação para a qual ninguém pode prepará-los: clandestinidade, ruptura de ligações, dispersão, recuo profundo da classe operária. Em plena guerra, não existe organização bolchevique-leninista sólida. Nem política e nem organizativameflte a organização está enraizada na classe operária.

La Verité Clandestina no Início da Guerra

A orientação definida por *La Verité* está toda fundamentada no apelo à iniciativa das massas, espantadas com a rapidez da invasão, com a brutalidade da ocupação nazista. A vontade de responder aos problemas que as massas enfrentam cotidianamente também está presente.

Frente à incapacidade do governo de Vichy, os operários devem definir um plano para colocar a economia em funcionamento de novo, sob o controle das organizações operárias, formando comitês de fiscalização para inventariar os estoques dos comerciantes sonegadores, distribuindo as mercadorias, punindo os falsificadores, decidindo pela utilização dos cartões de racionamento:

"Nas cidades, nas fábricas, nos escritórios, nas filas, os operários devem tomar em suas próprias mãos as tarefas: devem escolher entre eles mesmos os delegados que, substituindo o pátronato e a administração inexistentes, vão organizar o trabalho, a distribuição dos gêneros, a ajuda mútua. Destes comitês de ação e solidariedade deve sair o governo que fará uma França nova numa Europa socialista.

NEM PÉTAIN. NEM HITLER! GOVERNO DOS COMITES DE OPERA RIOS E CAMPONESES!" (Esta citação de La Verité, assim como todas que se seguem, ate 1944. foi extraída de La Verité - jornal trotskista clandestino sob a ocupação nazista. Fac-similes. FOI, Paris. 1978).

No verão de 1940, havia uma longa distância das filas até a constituição dos comités, da França de Pétain até uma *"França nova numa Europa socialista", do* governo reacionário do marechal ao governo dos comitês operários e camponeses.

"Os operários devem exigir... É preciso exigir... Constituam os comitês de distribuição dos gêneros e de ajuda mútua". Esta maneira de *"ordenar"* às massas que tomem o seu destino em suas mãos evidentemente não basta para organizar uma fração, ainda que limitada, das próprias massas, de maneira a concretizar suas aspirações.

O ex-PCI responde à conjuntura com uma orientação igualmente voluntarista, com um *"programa de ação simples",* apoiado na nacionalização dos bancos e das grandes empresas, sem indenização ou compensação. Um plano de controle de toda economia pelo proletariado. Como dar vida a estas palavras-de-ordem? As respostas são vagas.

Em 1940, a conjuntura política e a fraqueza numérica e política dos bolchevique-leninistas tornam ainda mais difícil estabelecer ligações com as massas, reduzindoos a pequenos grupos exteriores à classe operária. Ë a orientação política não possibilita a mudança dessa situação.

A fraqueza de seus laços com a classe operária, as dificuldades em definir os eixos de intervenção reforçam suas tendências sectárias e oportunistas, e evidenciam as dificuldades internas:

"Entre os bolchevique-leninistas ocorre frequentemente a mais perigosa ruptura entre a direção, que se encarrega de todas as responsabilidades e todas tarefas, e a

base, que espera as ordens, transmitidas por telegrama" ("Que Fazer", texto de Xavier Privas, ex-PCI, janeiro de 1940).

O desânimo aparece nos boletins internos:

"Os bolchevique-leninistas podem intervir com sucesso diretamente nas massas? Podem, através da sua intervenção, barrar simultaneamente o avanço burguês e pequeno-burguês, pró-inglês, democrático, atrasado, reacionário, o avanço stalinista, e as forças fascistas apoiadas pelos tanques e os aviões com suástica? As forças bolchevique-leninistas têm esta capacidade, elas podem representar uma força que possa ter hoje esta pretensão 'histórica?" (Boletim Interno do ex-PCI, janeiro de 1941.)

Estas questões são colocadas por todos, numa situação em que, com o proletariado prostrado, os dirigentes do PCF vão tentar negociar com as autoridades nazistas a legalização de *L'Humanité.*

A Burguesia Francesa vai "Jogar-se nos Braços da Revolução"?

Serão necessários anos para que os jovens militantes, necessariamente inexperientes, *tentem responder a essas questões, e de maneira muito imperfeita ainda. Resta que* elas foram discutidas por eles do único ponto de vista real: o dos interesses da revolução proletária.

Rapidamente, os Comitês *Franceses* da IV Internacional (ex-POI) chegam a uma resposta, adotada por unanimidade em reunião do Comitê Central de 20 de setem-

bro de 1940: *"A Questão Nacional e os Estados Unidos Socialistas da Europa",* cujo primeiro parágrafo afirma: *"A questão nacional, que esteve em primeiro plano nas preocupações dos revolucionários de 1848, torna-se novamente, em 1940, um problema essencial para a Europa e para os revolucionários.*

A burguesia francesa encontra-se num impasse: para salvar-se da revolução, ela jogou-se nos braços de Hitler. Para salvar-se desta empreitada só lhe resta jogar-se nos braços da revolução. Nós não afirmamos que ela fará isto espontaneamente..."

Logo, são possíveis ações comuns com a burguesia, e os Comitês Franceses da IV Internacional *"estendem a mão à fração "francesa'da burguesia."*

Em 1940, um documento interno afirma:

"Nós devemos fazer o máximo esforço para levar a fração burguesa a constituir um partido conosco, um movimento nacional de resistência."

La Veritê nº 6, de 15 de novembro de 1940, propõe a *"todo operário francês, a todo francês",* a constituição de *"comitês de libertação nacional",* e de *"vigilância nacional': La Verité nº* 12, de abril de 1941, fixa como objetivo comum "a *luta que o povo francês trava na França e a luta que de Gaule trava na Inglaterra: a luta para derrubar Hitler."*

A fraca seção alemã (IKD) vai ainda mais longe, pois desenvolve teses segundo as quais a transição do fascismo ao socialismo é uma utopia, se não se leva em conta uma etapa intermediária que, no fundamental, é equivalente a uma revolução democrática. Tudo isso levava os trotskistas, em nome do antifacismo, a integrarem-se nas frentes nacionais dirigidas pelo imperialismo *"democrático".* Teses

semelhantes mostram a potência da pressão das forças inimigas sobre a IV Internacional desmantelada.

Mas a vitória alemã de 1940 não fez da burguesia francesa - nem de outras burguesias européias - uma burguesia de um país oprimido de tipo colonial, nem transformou sua natureza de classe exploradora. Num primeiro momento, a burguesia francesa pensa defender melhor seus interesses jogando a cartada alemã.

As posições nacionalistas e pró-gaullistas do ex-POI serão corrigidas pelas teses do Secretariado Europeu provisório sobre a questão nacional, adotadas por unanimidade, em julho de 1942, pelas seções européias da IV Internacional *("IV Internacional";* de novembro de 1942).

Essas teses ligam a luta pelas reivindicações democráticas com a perspectiva da revolução socialista, e dizem claramente que *"o conjunto das reivindicações de cada povo da Europa coloca-os contra a sua burguesia, contra o imperialismo anglo-saxão e contra o imperialismo alemão".*

As teses denunciam a constituição de um Estado nacional independente, tal corno colocado pela rádio de Londres e pela internacional Comunista, pois o retorno desses emigrados de Londres, desses políticos sem situação, desses generais sem exército, destina-se a restaurar a ordem e o Estado burguês.

"Só pode haver governo nacional independente - continuam as teses - através do governo dos comitês operários e camponeses, no quadro dos Estados Unidos Socialistas da Europa. Se o partido do proletariado defende o direito dos povos, ele sabe também que de 1789 a 1918 todos os países tiveram suas revoluções nacionais: nossa

tarefa, pois, não é forjar uma nação no quadro de uma organização internacional do mundo. A tarefa atual é a revolução proletária:só ela pode dera cada pais um governo verdadeiramente nacional":

As posições oportunistas do ex-POI foram objeto de críticas virulentas da minoria dos Comitês Franceses da IV Internacional, da Oposição Internacionalista e do ex-POI, para o qual a questão nacional estava resolvida desde o século XIX: *"a idéia nacional está historicamente mona, enquanto expressão econômica progressiva".*

É certo que o CCI (Comitê Comunista Internacionalista, ex-PCI) abre a perspectiva geral dos Estados Unidos Socialistas da Europa. Mas é preciso traduzir concretamente esta perspectiva numa situação marcada pela ocupação. Escrever "*Abaixo Hitlerl"* ou *"Abaixo de Gaulle, abaixo o pior inimigo da revolução mundial, o gaullismo americanista";* não é chocar-se com os sentimentos ecom as ilusões das massas?

O oportunismo dos Comitês Franceses da IV Internacional tem sua contrapartida no sectarismo do Comitê Comunista Internacionalista. É em função dos sacrifícios que a Guerra impõe que as massas se erguem contra a opressão hitlerista. A ocupação alemã significa a carestia, a repressão, o terror, que se somam à exploração dos capitalistas franceses. No seu ódio ao fascismo as massas trabalhadoras exprimem sua resistência à exploração. Ignorar este sentimento é voltar as costas à realidade.

72

A pesar das dificulddes, os militantes dos dois grupos procuraram estabelecer pontos de penetração na classe operária e na juventude.

O ex-PCI define para seus militantes um minucioso planejamento de atividades, no qual o trabalho com os simpatizantes ocupa um lugar importante, e recomenda aos camaradas queixosos de que "*não se faz nada*" que se colem a alguma organização ampla, sindical, profissional ou de juventude.

Os bolchevique-leninistas do ex-POI continuam em 1940 sua atuação no CLAJ (Comitê de Ligação dos Albergues da Juventude), onde eles tinham uma influência segura, o que pôde servir de cobertura a uma atividade política.

Quando o governo de Vichy cria, na zona livre, as Obras da Juventude e propõe ao CLAJ e à JOC (Juventude Operária Cristã), duas organizações então ainda legais, de assumí-las, a direção dos bolchevique-leninistas decide que CLAJ – onde ela tem posição dirigente – aceita essa proposta e tira rpoveito das possibilidades de atividade e de propaganda políticas.

A prisão dos dirigentes da CLAJ – dentre eles os quais Lçicienne Abraham (Michèle Mestre), militante trotskista – e da JOC, em janeiro de 941, põe um termo a essa atividade, sem que seja possível fazer um balanço preciso de seus resultados. Y. Craipeau, que narra esses fatos em seu livro: "*Contra Ventos e Marés, os Revolucionários durante a II Guerra Mundial*", indica simplesmente que essa atividade "*havia reforçado sua implantação na juventude*".

Desde a primavera de 1941 os mineiros do Norte e do Pas-de-Calais, após terem recebido dos patrões sabão e rações alimentares mais substanciosas, recusam-se a tra-

balhar para o exército alemão. Eles exigem que o carvão seja entregue à população civil. As metralhadoras nazistas ficarão permanentemente engatilhadas sobre as minas para tentar garantir a ordem e a tranquilidade do patronato.

A agressão nazista contra a URSS, a 22 de junho de 1941, acelera o processo de amadurecimento e clarificação política na classe operária.

Imediatamente, os dois grupos bolchevique-leninistas se pronunciam pela defesa incondicional da URSS, e os Comitês franceses da IV internacional publicam, após seu número especial da *"La Vérité"* de 25 de junho de 1941, duas brochuras: "*É preciso defender a URSS!"* (1º de agosto de 1941) e *"Ainda é tempo para salvar a URSS!"* (novembro de 1941).

Das "Cartas do Subterrâneo" às Mobilizações contra a "Troca"

São estas modificaçõesda situação política que levam os dois grupos bolcheviqueleninistas a se dirigirem mais decididamente às massas, encontrando os meios políticos com maiores ou menores dificuldades.

Dentro de sua organização (ex-PCI), os militantes agrupados em volta de seu jornal *"O Único Caminho"* desenvolvem a luta Contra o intelectualismo e a tendência a reduzir a atividade de seu grupo *à* discussão de importantes temas, dos quais Testu (Xavier Privas) é o principal defensor. No espaço de um ano e meio, ele escre-

veu pelo menos quinze textos sobre o capitalismo de Estado, o dirigismo de Estado, a situação burocrática russa... Seu primeiro texto, *“Que Fazer?”* escrito em agosto de 1940, veicula posições estranhas ao marxismo, como o conceito de um mundo dividido em dois blocos: o bloco submetido ao partido nazista e o Outro dominado pela burocracia de Stálin. Ele confere ao fascismo “nascido do insucesso da revolução de outubro (...), a tarefa histórica de prolongar o capitalismo (...) elevando-o a um estágio Superior”.

Testu e a tendência que ele expressa dentro do grupo *O Único Caminho* revelam-se incapazes para tomar a direção que a situação política impõe. Testu continuava a tendência do passado, que era preciso eliminar para ir em frente: acabar com a discussão abstrata sobre “grandes temas teóricos” sem ligação com a luta de classes, numa atividade política puramente ideológica.

Seu afastamento da direção do grupo, em janeiro de 1942, coincide com o momento em que a organização procura penetrar na classe operária e publica *As Cartas do Subterrâneo,* pequenas páginas de agitação, de conteúdo ainda geral.

A resistência da classe operária toma outras dimensões no momento em que Hitler, a partir de 1942, para fazer frente às necessidades da máquina de guerra nazista, impõe o STO (Serviço de Trabalho Obrigatório) e começa a retirar dos países ocupados a mão-de -obra necessária à Alemanha.

Laval disfarça o STO de “troca’: a pressuposta troca de um prisioneiro de guerra por um operário que parta para a Alemanha.

Mas, a partir de outubro - novembro de 1942, as manifestações contra a “troca” se multiplicam.

Os trabalhadores da região de Paris não trabalham na maior parte das grandes fábricas nos primeiros dias de outubro. interrupção de duas horas de trabalho na Lorena; recusa em ir à visita médica e em assinar a folha de recrutamento obrigatório em Hotchkiss; interrupção do trabalho na Renault, em 6 de outubro. Os nazistas se apossam de reféns: o trabalho recomeça. Em Cousinet, os trabalhadores gritam: “Viva os sovietes, abaixo Laval!” Em Bleriot, um prisioneiro liberado, fazendo propaganda do recrutamento, é boicotado. Os operários abafam sua voz batendo sobre chapas, tratando-o por “vendido” e obrigando-o a abondonar o intento.

Em Lyon, com a chegada das tropas nazistas, há greves esporádicas e espontâneas durante vários dias. O movimento começa com os ferroviários (2.500 grevistas) e se estende a cerca de trinta fábricas metalúrgicas. Na estação de Lyon - Vaise, as mulheres dos deportados, para a “troca”, vindo acompanhar seus maridos, acabam mandando o Comissário para o hospital.

Em Narites, chuvas de parafusos recebem os propagandistas da “troca” e, na primeira semana de outubro. a interrupção do trabalho é geral. Obrigados a partir, os operários cantam “A internacional” na saida de Nantes, e recomeçam a cada nova cidade. Eles escrevem nos vagões, “Abaixo Lavai, abaixo Hitler, abaixo Pétain” e faremos a revolução lá mesmo”.

“La Verité” apela *“à recusa ao envio de voluntários contra a União Soviética, contra os admiráveis defensores de Leningrado, Mascou, Stalingrado, Cáucaso”,* e à

“organização da resistência coletiva nas fábricas, nos estaleiros, nas estações”. (panfleto divulgado em Brest, em 19 de outubro de 1942, com o titulo: “Razzia na Europa ocupada”).

Staiingrado, a primeira grande derrota alemã, é considerada uma grande vitória da classe operária contra o fascismo. As massas suportam com uma impaciência crescente a exploração desenfreada e se radicalizam. Greves explodem contra o aumento do tempo de trabalho, os baixos salários que não acompanham a elevação dos preços, as dispensas, a “troca”, ora fracassadas, ora vitoriosas.

O grande número de greves contra a “troca” uniu os operários através do país. Pela primeira vez, desde 1937, uma fábrica de Chambery é ocupada pelos operários, em outubro de 1942. A classe operária arrasta a pequena-burguesia e os camponeses. E na partida dos trens para a Alemanha, os empregados, os técnicos, e até mesmo os camponeses, retomam a palavra-de-ordem dos operários e cantam com eles “A internacional”. Nem mesmo o insucesso da greve diminui a combatividade da classe operária.

Muito em breve atenua-se o caráter antialemão da luta contra a opressão nazista, apesar da pressão do Partido Comunista Francês e dos gaullistas que procuravam acentuá-lo. Os aliados mostraram a sua verdadeira face na África do Norte. Mesmo nas fileiras do PCF, a desconfiança em relação aos aliados aumenta. As palavras-de-ordem patrióticas do PCF obtêm cada vez menos eco.

Sob a bota totalitária do nazismo, o avanço revolucionário do proletariado, estimulado pela desagregação crescente do Estado francês do marechal Pétain, tende a colocar a questão do poder.

A Conquista da Vanguarda Operária

“Este será o combate mais importante (...) na vida de nossa organização antes de lançar a palavra-de-ordem Todo o poder aos sovietes!”, diz o boletim interno do CCI. em janeiro de 1943, data na qual verificou-se sua primeira Pré-Conferência, cuja preparação tinha começado em outubro de 1942.

A Pré-Conferência sublinha que a organização avançou bastante em todas os campos e se algumas tarefas, como a publicação de *O Único Caminho* **,** a passagem para uma propaganda mais ampla e a preparação desta mesma Conferência não foram em parte realizadas, isto se deve ao fato que durante todo um período os esforços do grupo foram absorvidos pela necessidade de reforçar internamente a organização que que vai se expandindo e de fazer frente aos novos contatos estabelecidos pelos militantes. Que nem todos os trabalhos tenham sido levados adiante, que certas tarefas tenham sido abandonadas em proveito de outras, isto denota evidentemente uma fraqueza dos quadros da organização diante das exigências crescentes da situação.

O número de GER (Grupos de Estudos Revolucionários, abertos aos futuros militantes) testemunha, apesar de tudo, o progresso da organização. Eles se mantêm sob o controle das células resguardando-se de uma educação “cientifista, à maneira de Testu”.

Para combater o reaparecimento de um desvio como esse na organização onde predomina ainda os elementos inteletuais, principalmente nos GER, era necessário reforçar a composição operária da organização, a qual deveria se voltar sistematicamente para as fábricas. É tarefa das células desempenhar este trabalho. Elas devem dar prova de iniciativa na propaganda, editar as *Cartas do Subterrâneo,* panfletos, expandir suas ligações operárias em direção às fábricas escolhidas por sua importância estratégica, formar grupos de operários.

A primeira Pré-Conferência devia então permitir a ofensiva geral da organização para a realização de seus objetivos, e fixar as seguintes decisões:

- o grupo *O Único Caminho* assume o nome de Comitê Comunista internacionalista pela IV Internacional;

- a edição de um jornal, *O Soviéte,* mensal a principio, que reestabeiecerá a continuidade com *A Comuna***,** recebendo desde o seu primeiro exemplar o nº 157, sendo que *O Único Caminho"* permanecerá como órgão teórico da organizájão;

- depois do perlodo de ilegalidade, a retomada por parte da direção de vários contatos, de modo a poder reatar completamente os laços com os militantes e criar um embrião de direção;

- a constituição nas empresas dos grupos operários, *"que são a expressão do novo agrupamento do movimento operário sob a pressão totalitária, na medida que cresce a maturidade revolucionária da classe; que agrupam os proletários mais conscientes, os mais avançados, que sentem espontaneamente a imperiosa necessidade de encontrar novas formas apropriadas à situação atual, que constituem obfetivamente os embriões dos sovietes que surgirão na situação revolucionária. O trabalho propagandista central dos bolcheviques-leninistas é de preconizar, de fazer nascer onde eles podem, de facilitar por toda parte, independentemente de suas possibilidades de penetração ou de direção, estes grupos operários. (O Único Caminho. março de 1953, nº 7).*

76

Eles deverão permitir a fixação dos Trotskistas nas fábricas para aí recrutar e formar novos militantes: este é o seu lado positivo.

Mas o erro cometido por Pierre Frank, que na manhã seguinte à fracassada greve geral de 30 de novembro de 1938, anunciava em toda a largura da página do jornal do PCI. A Comuna: *"Edifica o teu partido! Edifica o teu soviete!",* é repetido aqui: a vanguarda decreta a constituição dos sovietes, e em lugar das massas. A emancipação dos trabalhadores não é mais obra destes mesmos trabalhadores, no momento em que os sovietes, formas de agrupamentos e de organização da classe como classe, surgem da luta revolucionária destas mesmas massas, no seu movimento para a conquista do poder. Substituindo-se às massas, o partido deixa de ser a expressão consciente do movimento histórico, deixa de ser o fator subjetivo capaz de assegurar a vitória dos sovietes.

Nas fileiras do CCI, há ainda muita confusão sobre a natureza destes grupos operarios:

- apêndices do CCI, comparáveis a células de simpatizantes? - ou núcleos de operários tendendo a se expandir em partido político através da sua multiplicação, das suas ligações e seus trabalhos?

Finalmente, uma concepção se impõe frequentemente nos fatos: o grupo operário faz o papel de sindicato ilegal, considerando-se como o embrião dos futuros sovietes. Encontra-se a mesma concepção em todos os aspectos da empresa:

“Os grupos operários clandestinos (...) organizam o boicote sistemático da produção, a não interrupção das bonificações, a operação tartaruga, a luta pela cantina, os salários e todas as outras reivindicações. Eles procurarão ao mesmo tempo as ligações inter-fábricas.

(...) *Nos nossos grupos operários, lutamos clandestinamente por uma melhoria das condições de vida. Eles são a primeira etapa em direção ao controle da fábrica por parte dos conselhos de fábrica, em direção à expropriação de nossos espoliado-res, em direção aos sovietes, para um novo junho de 1936, vitorioso e mundial. O Comitê Comunista Internacionalista luta ao lado dos trabalhadores pelo pão, a paz e a liberdade.”* trecho de panfleto de 8 de janeiro de 1944, assinado pelos operários do CCI da IV Internacional.)

Na realidade, os grupos operários, não se tornaram agrupamentos políticos, transição para o partido revolucionário, o que eles deveriam ter sido (e foram, às vezes, de forma confusa) nem se tornaram embriões de sovietes, o que não poderiam ser e nunca foram. De fato, eles foram frequentemente o núcleo de um sindicato ilegal.

Mas a confusão sobre a sua natureza não permitiu ao grupo operário, núcleo do sindicato ilegal, desempenhar plenamente este papel, tanto mais que a inexperiência militante leva os militantes do CCI a considerar como superadas as organizações tradicionais, e particularmente os sindicatos. Se bem que os trotskistas tenham sempre af irmado, no plano dos princípios, a necessidade de intervir nos sindicatos, esta ambigüidade em relação ao papel e à natureza dos grupos operários alimentará a tendência a se desviar da organização sindical.

Os Problemas da Estratégia da “Frente Operária”

Os Comités da IV Internacional, que se transformam no Partido Operário Internacionalista (seção francesa da IV Internacional), na sua conferência nacional de 26 e 27 de dezembro de 1942, voltam-se também para a classe operária, mas com mais atraso e dificuldades do que o CCI.

A composição do partido é ainda pouco operária: em janeiro de 1943, a maioria dos camaradas não tinha trazido às fileiras da organização um único operário, num período de um ou dois anos, ou até mais. Na sua maioria, os militantes são muito jovens e os quadros pouco formados. Existe uma distância real entre os dirigentes, os *“velhos bolchevique-leninistas”,* que se comportam mais freqüentemente como professores do que guias políticos, e o resto da organização.

O POI é tão pouco centralizado - à diferença do CCI - que a direção pode editar um jornal dirigido à juventude, *(A Jovem Guarda)* sem que o restante da organização seja informado. Os militantes da região Sudoeste, perflexos diante desse jornal, nele reecontram os sinais característicos do centrismo e decidem então fazer o possível para entrar em contato com estes jovens revolucionários a fim de fazê-los progredir!...

No entanto, alguns militantes manifestam sua impaciência com a direção, incapaz de traduzir na realidade as resoluções bolcheviques que ela adota, e com a minoria, a Oposição Internacionalista, que se limita em geral a se opor às proposições da direção. Eles esperam outra coisa dessa direção do POI. *"enfim reconstituida, mas apenas no papel".*

Em junho de 1943. o V congresso do POI começará a dar as respostas políticas das quais eles têm necessidade e os meios de intervir na classe, e a superar suas fraquezas organizacionais e políticas. Nunca tinha sido expressa nas fileiras do POI uma determinação tão unânime - não isenta de voluntarismo - no sentido da conquistar os quadros combatentes e militantes da vanguarda operária. O que não era mais do que o pensamento de alguns, torna-se o pensamento de todos. E o conjunto dos debates está dominado pela vontade de fazer viver o *"Programa de Transição"* e de enraizá-lo nas massas.

O esclarecimento político que começa a se realizar reforça a coesão e a homogeneidade do partido. A direção reconhece sem equívocos que, em sua preocupação em se tornar eco das preocupações das massas, e de se ligar a suas lutas mais imediatas, ela tinha frequentemente defendido posições incorretas ou equivocadas. O balanço dos três últimos anos de atividade, preparado para o V Congresso, expõe minuciosamente as dificuldades de organização: a imprensa parece estar sem controle, tanto o *Boletim da IV Internacional* quanto *La Verité;*

- a adaptação às correntes nacionais pequeno-burguesas e democráticas, que tem impedido ganhar outra coisa a não ser vagas simpatias, todos estes desvios marcados pelo oportunismo sobre a questão nacional;
- a superficialidade e a confusão política das frações em certos organismos de massa, que impedem de colher o fruto deste trabalho.

A minoria, a Oposição Internacionalista, por sua vez, admite que sua crítica

tenha sido por demais estéril, na medida em que era meramente negativa e voltada unicamente contra a direção, em lugar de visar a conquista das massas. A resolução do V Congresso: *"A Frente Operária - por que? - como?"* declara:

"A Frente Operária deve ter por base os grupos de fábrica ainda fracos e pouco numerosos até esta data. A sua ligação tem sido realizada até aqui através dos canais do POI. À medida em que eles se desenvolverem, deverão se unir no plano local de início, em escala regional em seguida, e finalmente em escala nacional, para coordenar as lutas (...).

A direção dos comitês locais da Frente Operária compreenderá os delegados dos grupos de fábrica. O POI deverá batalhar para que os comitês da Frente Operária criem mais tarde sua direção nacional na mesma base democrática (...) Eles não deverão de nenhum modo ser uma criação artificial que tenderia a constituir um movimento particular, cristalizado em bases intermediárias de tipo centrista (segundo a experiência dos grupos de ação revolucionária de 1936), sobre um programa limitado do partido."

O que eles deveriam ser exatamente?

Em sua polêmica contra a minoria, que propõe a criação de comitês operários ilegais, concebidos como embriões dos futuros sovietes, - irmãos gêmeos dos

grupos operários do CCI - a direção é levada a precisar: *“a palavra-de-ordem da Frente Operária não substitui a dos comitês operários e dos sovites. Ela abre-lhes o caminho, formulando a necessidade de colocar a questão do poder em termos operários, insistindo no fato de que o poder operário não é o de um partido ou o de sua burocracia, nos ombros das massas e sem seu controle; mas que ele, pelo contrário, é o poder das massas democráticas organizadas, capazes de discutir em conjunto o caminho a seguir, escolhê-lo livremente entre aqueles que lhe abrem os diversos partidos que se intitulam “partidos da classe Operária.”*

O *“Manifesto do V Congresso do POI aos Trabalhadores da França”* confere de modo incontestável à Frente Operária o duplo caráter sindical (enumerando toda uma série de reivindicações pelas quais lutar) e soviético (que o assemelha ao grupo do CCI):

- *“cada vez que for possível na ação, a direção da Frente Operária deve tomar a forma de uma assembléia democraticamente eleita pelas massas em luta. Assim a Frente Operária escutará a voz dos comitês operários e dos camponeses, instrumentos do proletariado na luta pelo poder” (La Verité nº* 47, 15 de julho de 1943).

Na realidade, os grupos da Frente Operária desempenham o papel de núcleos sindicais ilegais, formados por alguns camaradas conscientes e definindo as reivindicações.

Assim, num folheto distribuído na Lorraire O’ Argenteuil, os operários bolchevique-leninistas lançam as seguintes palavras-de-ordem, contra o aumento do tempo de trabalho e a diminuição dos salários:

“É nos unindo em torno dos objetivos da classe, em grupos da Frente Operária, formados por três ou quatro camaradas conscientes, que chegaremos a vencer.”

É preciso:

- *organizar a entrada no serviço com atraso coletivo;*
- *resistirá cronometragem;*
- *preparar a greve de reivindicação pelos salários e abastecimento;*

- *opor-se às dispensas;*
- *boicotar coletivamente a produção nazista de guerra;*
- *difundir a imprensa ilegal de qualquer tendência;*
- *estabelecer a ligação entre os grupos da Frente Operária da fábrica e as fábricas vizinhas, para expandira luta e aumentar nossas forças.” (La Verité* nº 55, 10 de dezembro 1943).

No entanto, um congresso não pode abolir de uma vez o passado com todos os erros e oscilações políticas. Situado no centro dos debates de duas organizações, o problema da frente única, o lugar da vanguarda na classe operária, as relações entre a vanguarda, as massas e as organizações tradicionais, concentram todas as dificuldades que atingem tanto o POI como o CCI.

Todavia, e apesar da repressão, a implantação do trotskismo, no quadro deste ascenso operário, progride.

LX

ASCENSO DAS MASSAS E REUNIFICAçÃO DOS BOLCHEVIQUE-LENINISTAS

O ascenso revolucionário se exprime no início do ano de 1943 de mil-e-uma maneiras. Pequenos movimentos prudentes, mas eficazes, de paralisação da produção, reivindicações alimentares ou de salários surgem nas empresas francesas e alemas.

A luta, freqüentemente vitoriosa. contra o recrutamento para a “troca” não para de ampliar-se. Em Brest. depois da memorável partida dos operários para Alemanha, que se transformou em manifestação-monstro na estação e na cidade, os operários de arsenal obtêm, pela greve, a anulação de novas listas de partida.

Em todo o Finrstêre, os jovens camponeses manifestam, com bandeira vermelha e cantando *“A Jovem Guarda”* e *“A Internacional”* obrigam o moleiro a moer sua ração de trigo, impõem a retirada dos alemães chamados para a repressão e obtêm do sub-prefeito o aumento de sua ração.

O verão de 1943, é a queda do fascismo e o inicio da revolução na Itália, saudada por um número especial de *“La Verité”(30* de julho de 1943) e de *“Soviete”* (julho 1943).

Novamente, os 50.000 mineiros do Norte e de Pas-de-Calais declaram-se em greve em outubro 1943. Eles obtêm 18% de aumento e rações suplementares.

A partir de 1943, a implantação progride e novas regiões se constituem: regiões antigas se ligam às fábricas e aos armazéns, organizados por Vichy. Os trotsquistas estão presentes nas regiões do Sudoeste, de Nantes. Toulouse, Mazamet, Clermont-Ferrand, Lyon, Marselha, Valence, Nice, Bretanha, no Norte e na região de Paris, etc.

A partir de agosto de 1943, *“La Verité”* perde o seu caráter abstrato e retrata a atividade ilegal dos militantes na coluna, a esta altura regular: *“Sobre a Frente Ope-*

rária” e mais raramente sob o título *“A classe operária vive e luta”.* Folhetos de fábrica, jornais de empresa do CCI. como por exemplo, *Classe contra Classe* na fábrica Panhard (Paris), *O Soviete dos Bombeiros de Paris”,* são editados e difundidos.

Existe uma implantação segura em numerosas empresas da região de Paris e nitidamente nas fábricas metalúrgicas do subúrbio oeste (a Lorraine d’Argenteuil; Renoudin, Blériot em Suresnes; Caudron em Billancourt; SNCASO, SNCAN em Sartrouville, SACAM em Saint-Cloud, Simca em Nanterre...)

Reivindicações que os militantes trotskistas insuflam e obtêm em várias empresas: cantina gratuita e sem cartão; aquecimento das oficinas; contra a reposição das horas de alerta e pelo seu pagamento integral; abrigos anti-bombas de concreto e indenização pelos bombardeios; sem esquecer dos aumentos de salário e da diminuição da jornada e da semana de trabalho. Em inúmeras fábricas, em consequência da greve, pela diminuição do ritmo da produção, pelos atrasos coletivos, os trabalhadores conseguem satisfação total ou parcial: cantina gratuita nas fábricas Amiot, Blériot; na Lorraine, o aquecimento das oficinas e uma indenização pelos bombardeiros; aumentos de salário na fábrica Blériot, onde a freve

foi espontânea; na fábrica de gás da Porte de la Villette, os operários saem em conjunto depois de oito horas (no lugar de doze horas) e diante de sua resistência comum, a policia não ousa intervir para prender reféns.

Nessas lutas, a vontade dos operários de reconquistar organizações independentes aparece cada vez mais nitidamente.

Rumo à Unificação

O Estado francês começa a rachar-se por toda parte e o Exército alemão é cada vez menos capaz de servir de amparo à burguesia francesa. As deserções se multiplicam. Soldados alemães encarregados da guarda dos trens fecham os olhos para os furtos de mercadorias. As greves se multiplicam contra o recrutamento para a Troca", contra as cinquenta, sessenta, ou até mesmo setenta e duas horas de trabalho por semana, contra a carestia e contra as brutalidades policiais..

Na SIGMA de Lyon, a atmosfera é tal que os operários suspendem o trabalho em 20 de setembro de 1943, atendendo à palavra-de-ordem de greve lançada pelo PCF para a comemoração da Batalha de Valmy. Dirigida pelos trotskistas, a greve se bate pelas reivindicações já apresentadas no 1º de maio e termina com uma vitória parcial.

É incontestável que os trotskistas se ligam aos trabalhadores, apesar de certas fraquezas políticas. Os camaradas da região do sudoeste do POI têm ligações operárias que não sabem utilizar. Seu jornal *Outubro,* como aquele da região de Paris, *A Luta Operária* poderão ser editados tanto em Marselha como em Lille. Nota-se a diferença com os jornais de Nantes ou de Bréton, editados sob o nome de *Frente Operária,* ligados à sua região e que são uma arma séria não somente para a classe operária. mas para o partido. Porém, estes camaradas não são capazes de organizar grupos da *Frente Operária* e deixaram dispersar-se os grupos que eles mesmos formaram, ainda que seu jornal, sua propaganda e sua intervenção tivessem tido eco inegável. Jor-

nais depositados em uma fábrica são distribuídos de mão em mão pelos operários; eles penetram mesmo em empresas onde os camaradas não tem nenhum contato.

A burguesia francesa prepara já suas armas contra a classe operária. Não é somente a milícia de Darnant, mas o Exército Secreto, a organização civil e militar do conde de Vogue, que se engajam na luta, no interior dos *"maquis",* contra *"os terroristas a* soldo *de Londres e de Moscou".* É evidente que da queda, a esta altura inevitável, do imperialismo alemão, nascerá uma situação revolucionária na França.

Esta situação forçará a reunificação dos bolchevique-leninistas, que iniciam discussões oficiais na primavera de 1943, ainda que os contatos entre as duas organizações nunca tenham sido rompidos totalmente.

Em 10 de abril de 1943, o POI e o CCI se colocam de acordo sobre um certo número de pontos: publicação de um boletim interno comum (dois números aparecerão em junho e julho); participação recíproca no congresso de cada uma das organizações e a discussão preparatória. Constituição de uma comissão mista, cuja tarefa essencial éorganizar a discussão. Enfim o POI e o CCI solicitam ao

Secretariado Europeu apressar a realização de um congresso europeu de todos os bolchevique-leninistas.

Em 20 de julho de 1943, a comissão mista decide por um trabalho comum, visando as empresas da região de Paris, que será coordenado por reuniões bimensais de delegados da região parisiense. No esforço comum para constituir grupos operários, ou grupos da Frente Operária, a organização majoritária na fábrica será auxiliada por aquela que é minoritária e o material comum será editado sob a assinatura de *“Grupos de Partidários da IV Internacional da fábrica”.*

Os fatos não evoluem tão facilmente como Drevisto. E, de uma parte e de outra, as queixas recíprocas se multiplicam. Ainda mais que o projeto de unificaçao suscitou em cada grupo a oposição de militantes. O POI é prejudicado pelo sectarismo, pela violência da términologia do CCI a seu respeito (“grupo nacionalista, stalinista de esquerda, falido, traidor, incapaz...”) e pela sua pretensão:

“Se persistir o seu distanciamento (...) dos princípios bolchevique-leninistas, tornará inevitável, em certo grau, a sua ruptura aberta com o marxismo-leninismo, e tal fato criará um fosso intransponível entre nossas duas organizações. Não pensamos entretanto ter atingido este ponto atualmente, e todos os nossos esforços tendem a evitar tal desastre

O POl, por sua vez, faz valer o fato de ter reconhecido seus erros oportunistas, quais sejam, as publicações e folhetos que difundem a propaganda da IV Internacional na classe operária, e por sua vez polemiza:

“Qual é a razão pela qual toda sua atividade consistiu, nos últimos três anos, em criticar nossa *ação,* nossa *propaganda,* nossa *elaboração política?”*

Em 20 de setembro de 1943, o CCI, apoiado pelo POI. obtém do Secretariado Europeu sua adesão, o que implica, a aceitação da disciplina própria a toda organização revolucionária que funcione na base do centralismo democrático. Será representado por um delegado (dois pelo POI). O Secretariado Europeu propôs a constituição de uma comissão composta de representantes do CCI, do POI e de um representante do Secretariado Europeu, que presidirá as discussões entre as duas organizações e solucionará todas as questões litigiosas.

A atividade deste comitê aparece apenas numa carta comum, datada de outubro de 1943, ao grupo “Outubro”, pequeno grupo cujo dirigente é Henri Claude e cujas posições são próximas das do POI. Este grupo aceita as propostas que lhe são feitas de participar da discussão política, de coordenar sua ação com as do POI e do CCI e de preparar o Congresso da unificação. Ele adere ao Secretariado Europeu da IV Intenacional e reconhecerá a disciplina da IV Internacional, desde que a mesma seja constituída, porque:

“O Secretariado Europeu, ainda que sendo para nós mais que um organismo de ligação, não pode, apesar de tudo, na nossa opinião, possuir as prerrogativas de um verdadeiro comitê executivo, uma vez que o congresso constitutivo da IV Internacional ainda não ocorreu.” (carta do grupo Outubro ao POI e ao CCI).

Em dezembro de 1943. um comitê de unificação que abrange o POI. o CCI e o grupo Outubro, prepara o congresso de unificação, do qual recusa participar o grupo que publica *A Luta de Classe* (os ancestrais remotos de *Luta operária), “grupo minúsculo de meia-dúzia de membros pretensiosos que consideram com desprezo o*

CCI e o POI e que contam com a crise revolucionária para chefiar as massas, em poucas palavras um grupinho personalista sem interesse' ("Para onde vai a unidade bolchevique-leninista?" Texto do POI, dezembro de 1943).

A Fundação do Partido Comunista Internacionalista

A unificação é diretamente assumida pela conferência européia de fevereiro-março de 1943, que designa um Comitê Central federativo formado por dois representantes do CCI: Prager e Privas, por dois representantes do POI: Craipeau e Spoulber, e por Henri Claude por Outubro. O representante do Comitê Executivo europeu é Pablo, que assistirá às reuniões do Comitê Central como árbitro. De fato, este organismo nao vingará. Dando como razão a importância das detenções efetuadas pela policia entre os membros do ex-POI. e a leviandade neste caso de certos membros de sua direção, o Secretariado Europeu decide suspender o Comitê Central e o Burô Político, assim como o Comitê Regional de Paris e as comissões. Assessorado por uma comissão consultiva de três membros - um representante de cada organização - controla o conjunto dos membros das três organizações, decide em relação a sua requalificação e a sua cota em função dos resultados de seu inquérito, aprovado pela Comissão dos três. Após o que, ele cede de novo lugar às instâncias regulares do partido: Comitê Central e outros organismos dirigentes do partido, que assume o nome de Partido Comunista Internacionalista, secção francesa da IV Internacional. *La Verité* torna-se orgão do PCI; a revista teórica *IV Internacional* é editada pelo Secretariado Europeu.

De fato, qualquer que tenha sido o arranjo, a unificação permanece uma justaposição de tendências, e o PCI não tem nenhuma homogeneidade política. Esta heterogeneidade o conduz a desvios oportunistas e sectários, que não irão superaras diferenças entre o ex-POI e o ex-CCI.

No início de 1944, a derrota do imperialismo alemão não permite qualquer dúvida; nem há dúvidas quanto ao desenvolvimento da revolução no resto da Europa. Todos se preparam em função disso.

A burguesia se irrita com os dizeres de um opúsculo gaullista: *"Existem, certa-*

mente, grandes riscos de desordens de todas as espécies, mesmo anarquistas ou comunistas, provocados pelo súbito desaparecimento de toda autoridade (...). Todas os países em guerra estão ameaçados. Pode-se esperar a chègada concomitante na França do Exército francês da África como também contingentes americanos ou britânicos que assegurem a manutenção da ordem". (O Crime do Armistício).

O Partido Comuista Francês acaba por indicar dois de seus dirigentes, F. Billoux e F. Grenier, para participar do Comitê da Argélia do extremamente reacionário general Giraud, que promete libertar a França e no entanto, oprime as populações da África do Norte por conta da burguesia francesa. Na Itália, os dirigentes do Partido Comunista participam do governo Bodoglio (abril de 1944) para reerguer a burguesia e, tentar salvar a monarquia deteriorada.

A conferência das secções européias da IV Internacional, que decide pela reunificação de três grupos, o POI, o CCI e Outubro, se reúne em janeiro de 1944 e adota um resolução importante: *"Teses sobre a liquidação da II Guerra imperialista e o ascenso revolucionário."* Sobre esta perspectiva perfeitamente correta - ainda que

se manifeste a “teoria” dos *“três epicentros* - desde já - *da revolução: a Europa decadente, o Japão e a América”* - de abertura da revolução na França, cujo objetivo é a tomada do poder pelo proletariado e a instauração da ditadura soviética, a resolução define as reivindicações a partir das quais as massas constituirão seus organismos autônomos, elementos da dualidade do poder. São, certamente, as reivindicações democráticas, a escala móvel dos salários, a estabilização dos preços, o abastecimento, o controle operário, a *”palavra-de-ordem central deste período”.* A IV Internacional conclama as massas a constituirem seus comitês; comitês de operários, de militantes, de camponeses, comitês de donas-de-casa, comitês de bairro, bem como suas milícias operárias.

Novamente Problemas de Estratégia

Uma segunda resolução *“em relação à estrátégia das secçães européias da IV Internacional nas lutas operárias”* define o lugar da IV Internacional nesta situação e exprime com maior clareza as dificuldades em que se encontram os trotskistas.

É assim que começa:

“A estratégia da IV Internacional é determinada por esta idéia central: incentivar massas a assumir sua luta e a exercerem o poder”.

Em resumo, é preciso incitar, estimular as massas, suscitar seu movimento... e ao mesmo tempo fundir-se com elas:

“Os bolchevique-leninistas não inventam uma forma particular de organização, eles procuram dar á classe operária a mais elevada forma de organização possível”.

Não se poderia dizer que as oscilações e os erros cometidos empiricamente pelos camaradas do POI e do CCI, na sua luta para constituir grupos operários e grupos da Frente Operária nas fábricas, se encontrem de algum modo *“teorizadas”* nesta resolução, que propõe à vanguarda substituir-se à ação de classe das massas, *“estimular”* suas

lutas e, ao mesmo tempo, confunde a vanguarda com o movimento objetivo da classe que, espontaneamente preencherá suas tarefas históricas: a destruição do Estado burguês e a instauração do seu próprio Estado?

Ao mesmo tempo, o fato de que as massas exprimirão a princípio suas aspirações por meio de suas grandes organizações tradicionais, pelo menos numa primeira etapa, é esquecido. Encarregando-se de responsabilidades que não lhe são próprias, o PCI não pode preencher aquelas que não lhe dizem respeito: a construção do partido revolucionário e da Internacional, a única garantia da vitória da revolução, que Somente a atividade de milhões e milhões de homens colocará na ordem-do-dia, como aconteceu na Itália, como aconteceu, em fevereiro de 1917, em Petrogado.

A resolução não coloca a questão da construção do partido revolucionário e da Internacional, nem a do reforço da vanguarda através dos acontecimentos prestes a ocorrer.

Um certo número de consequências inevitáveis sucedem-se: assim, no 1º de maio de 1944, como se fosse o partido dirigente da classe operária, o PCI, com o

lema *“Primeiro de Maio, preparação da greve geral contra a “troca”,* chama a uma parada de meia-hora, tomando bastante cuidado em acrescentar que se o CGT ilegal ou o partido de Stálin conclamarem à parada por mais de uma hora de jornada, o PCI apoiara. E ao mesmo tempo, a organização lança um ultimato às massas, como no número especial do 10 de maio de 1944 de *La Verité:*

“Organizem a greve geral, formem grupos operários. construam a Frente Operárià”, palavras-de-ordem bem parecidas com as da Comuna **,** de 1938 (orgão do PCI):

“Constrói teu partido! Constrói o teu soviete!”

Como a vanguarda ajuda a classe operária a realizar as tarefas que lhe fixa arbitratiamente segundo esta orientação? A questão não pode nem mesmo ser colocada e as responsabilidades estão completamente fora de lugar. A vanguarda se desencarrega de sua única tarefa: ajudar a classe operária a encontrar os caminhos da revolução proletária, e neste movimento construir-se.

As responsabilidades dos dirigentes do PCF, cuja função é precisamente a de impedir a classe operária de abrir caminho para a revolução, são também completamente escamoteadas. E as publicações e textos do PCI e da IV Internacional destilam muitas ilusões em relação ao PCF, “incapaz de exprimir a vontade das massas’: ‘O editorial de *La Verité* de 10 de feveiro de 1944 (nº 58) se intitula: *“As bandeiras do Exército Vermelho se unirão às nossas bandeiras vermelhas”,* confundindo o movimento dos operários mais seguros de si próprios, mais confiantes em sua força, conforme verifica-se com as vitórias do Exército soviético (que eles identificam com o exército da revolução) com a política reacionária de Moscou, de quem o Exército permanece um instrumento.

Aliás, isso não impede as teses de explicarem que a traição das stalinistas alcançará um tal grau deintensidadequeasmassasromperãocom os partidos tradicionais e que *“O enfraquecimento do controle das velhas organizações políticas e sindicais sobre a classe operária facilita o caminho para a organização dos operários em suas organizações autônomas”.*

É de dar claramente a diretriz que “lá onde se constituem sindicatos ilegais, nossos militantes devam esforçar-se para transformá-los em grupos operários”, idéia que éretomada nas teses preparatórias ao congresso do PCI de 1944:

“A Frente Operária não pode ser em caso algum a frente única entre militantes do PCF e do PCI mas, pelo contrário, deve ser uma forma de organização pró-soviética que permita à Ouarta Internacional ligar-se à vanguarda operária, permitindo-lhe romper em todos os planos com a política traidora de seu partido.”

Os trotskistas não compreendem ainda que a primeira fase de ascenso revolucionário das massas, mesmo se é suficientemente profundo para elevar a luta de classes ao nível da dualidade do poder, passa também pelas organizações tradicionais. A classe operária, quando se prepara para o combate, só pode utilizar as armas que ela tem à sua disposição: os partidos e os sindicatos que se constituiram no decorrer da luta secular contra a burguesia. Um ascenso recolucionário autêntico abrange milhões de homens que, antes, aceitavam o

sombrio horizonte da exploração.

Massas até então passivas, sem experiência da luta, despertam para a conscientização; elas se dirigem necessariamente às organizações que foram constituídas no movimento histórico da classe operária. Elas levam a estas organizações as suas aspirações, sua vontade de mudar a vida.

Será necessário a estas massas de milhões e milhões de trabalhadores aprender om a sua própria experiência, para compreender que os aparelhos que dominam as organizações tradicionais, e que por meio dessas organizações controlam obrigatoriamente os organismos autônomos de poder (comitês de fábrica, conselhos, sovietes), estão sujeitas à burguesis. Será necessário ainda mais para vencer. Será necessário dentro do próprio movimento criar a experiência que um partido revolucionário edifica para si mesmo e saber traduzir em palavras-de-ordem, em reivindicações, em termos de organização as aspirações revolucionárias das massas.

Esta é a lei de todas as revoluções, uma lei que não basta ler nos livros, mas que em que ser assimilada pela intervenção consciente na luta de classes, pela construção do partido revolucionário.

X

O PCI NO AVANÇO REVOLUCIONÁRIO: FORÇAS E FRAQUEZAS

No começo de 1944, o PCI confronta-se com novas tarefas, para as quais nem lições nem sua experiência o prepararam suficientemente. Todavia, através das dificuldades políticas, a despeito dos erros e das contradições, o processo militante tende a alientar os verdadeiros problemas que se colocam para a luta de classe do proletariado francês, a começar, neste início do ano de 1944, pela atitude em relação aos “maquis”.

“Maquis” e Partisans

Uma parte das massas - notadamente uma fração importante da juventude – está organizada, no início de 1944, nos “maquis”. Eles se tornaram tão importantes a ponto do Exército Secreto, a Organização Civil e Militar os atacarem, dos ingleses e franceses de Londres abandonarem às SS e às milícias de Darnand os maquis do Vercors, que enviaram os *“maquisards”* de Gorreze à conquista de Tulle e de Gueret, sem os proteger com o menor reforço de homens e armas.

La Verité de 17 de fevereiro de 1944 (conforme a resolução do Secretariado Europeu de dezembro de 1943, retomada pelas teses da Conferência européia de janeiro de 1l944) rompe de repente o silêncio com um artigo retumbante: *“Em ajuda dos “maquis”.*

A organização no seu conjunto havia se esquivado (o CCI sobretudo), o V Congresso do POI faz alusão à fração botchevique-leninista que intervém junto aos *“refratários”* invocando essencialmente três razões:

- todo movimento dos partisans é essencialmente pequeno-burguês;
- a luta dos partisans se opõe à luta na fábrica;
- o seu movimento, particularmente submisso ao imperialismo, se opõe à confraternização.

Isto significava não ver que a facção *“resistência nacional”* era o resultado da política do PCF, inteiramente subordinada a Londres e ao Comitê Nacional da Resistência, colocado no lugar por De Gaulle em 1944, e por outro lado, que o PCF controlava de forma muito imperfeita os *:‘m~Juis”* inclusive seus próprios militantes. Um boletim interno do PCI cita exemplos de confraternização entre tropas italianas e os

partisans dos altos vales do Alpes e conta que no momento da liberação da Córsega, em setembro de 1943, soldados italianos e partisans desfilaram em certas aldeias cantando juntos *“Bandiéra Rossa”* e *“A InternaciOnal’~*

A posição do maquis contra a “troca”, foi sem dúvida alguma, no começo, uma posição individual, mas o que podia fazer em 1942 um jovem ameaçado de deportação para a Alemanha, na ausência de qualquer perspectiva? A única atividade do PCF consistia em atentados e sabotagens contra o invasor, pagos com um preço muito alto pela classe operária e pela população, que só então começava a reconstituir seu potencial de combate.

Porém, mais tarde, a luta contra a “troca” provoca uma reação tipicamente operária: as greves. E esta luta contra um objetivo comum, apesar das formas diferentes. cria entre os operários e os jovens uma solidariedade política duradoura. . . A política de absente(smo em relação aos maquis acaba por deixar a juventude abandonada a si própria, ou seja, à mercê dos sargentos recrutadores do imperialismo na medida em que ela entra de forma maciça e aberta na luta contra as condições da guerra imperialista. Os operários não vêem oposição entre a luta na fábrica e a luta dos maquis. Quando a greve contra a “troca” se revela impossível ou ineficaz,eles se juntam aospartiSanS; onde a opressão nazista é menos forte, fora das cidades, longe da pol(cia, dos SS, onde a decomposição do aparelho repressivo pode melhor ser aproveitada. Unidos pela vida comum de “refratários”, operários, jovens, pequeno-burgueseS, os parttsans se unem e fazem em conjunto experiências idênticas. Faz falta a vanguarda para que eles aprendam todas as lições, para que sua luta penetre na luta política do proletariado, para lhes mostrar que defendem os mesmos interesses.

É entre os partisans que os operários se instruíram e se organizaram militarmente, preparando-se assim para o papel de instrutores da milícia operária. É aos FTP (Franco-AtiradoreS e Pastisans) que a milícia operária reclamará armas, e não aos responsáveis g aullistas das cidades. Os maquis se deslocarão basicamente a partir do desembarque dos aliados do 6 de junho de 1944: *“refratários”* retomam suas fabricas; uma outra parte se integra às forças regulares dos Aliados e prossegue a guerra contra “o opressor alemão”. Os FTP fornecem os quadros das Milícias Operárias Patrióticas, mobilizadas pelo PCF.

E tão logo a classe operária engrossa suas fileiras, o PCI opõe às Milícias Operárias Patrióticas, *(“armadilha nacionalista, palavra-de-ordem da colaboração das Classes,*

que deve ser denunciada como tal por todos os operários conscientes”) as “Milícias Operárias” *“estritamente luta-de-classe”,* da qual se afasta a classe operária.

Discussões se travam tardiamente na organização em junho-julho de 1944. *Mas já* La Verité de 26 de maio de 1944 conclamava à adesão às Milícias Operárias Patrióticas caso elas existam, e à criação de milícias apenas, no caso contrário. A reação é tão brutal que células e setores enviam à direção resoluções indignadas acusando-a de ter tomado esta decisão sem ter preliminarmente aberto a discussão na organização e anunciando que eles se recusam a difundir este número de *La Verité*

No dia seguinte ao desembarque da Normandia em 6 de junho, o PCI continua a desenvolver análises que, a partir das premissas gerais justas sobre os objetivos dos imperialismos americanos e britànico, chegam a conclusões bastantes criticáveis,

uma vez que não consideram nem a nova relação de forças entre as classes depois de 1943. nem a desagregação do Estado burguês, nem as ilusões das massas. A partir de então, tais análises isolam os trotskistas do PCI. O PCI afirma que:

“A amplitude que o terror fascista adquiriu durante a guerra só serviu para esboçar a situação terri’vel que espera os trabalhadores, se eles não conseguirem abater o

capitalismo gerador do fascismo e da guerra. Mas o destino que lhes é reservado sob a dominação dos imperialismos americano e inglês não será melhor”.

Análise retomada em *La Verité* sob o titulo de *“Eles se aproveitam”,* onde está escrito que *“Os Aiiados se preparam para substituir a guarda nazista que enfraquece”.*

Com certeza, a democracia burguesa e o fascismo são duas formas de dominação da classe capitalista; uma, a dominação burguesa nas condições do capitalismo decadente, engenda a outra, o fascismo.

Mas não são formas de dominação equivalentes. Sob a primeira - a democracia burguesa - o proletariado conserva suas posiç5es de classe, que ele arrancou ao capital na sua luta de classe, seus direitos, suas liberdades operárias e suas organizações; sob a outra - o fascismo - o proletariado atomizado, sem direitos nem garantias, é atirado. pés e mãos amarrados, à exploração capitalista.

O proletariado não poderá ser indiferente à sua defesa como classe, e portanto às formas políticas de dominação da classe inimiga. Precisará haver muitas crises e conflitos para que os jovens trotskistas e os mais velhos aprendam por sua própria experiência e através das lições da luta de classes.

A Ascensão das Massas: Sovietes e Sindicatos

A classe operária continua a afirmar sua combatividade. Pelo pagamento dos feriados e das horas de alerta, pela folga do almoço e pelo almoço gratuito, contra as 72 horas de trabalho por semana, contra o trabalho de noite e aos domingos, contra os cardápios miseráveis das cantinas, contra o fechamento das fábricas. Os operários. por meio da greve, dos atrasos coletivos, pelos métodos de casse, fazem o patronato recuar frequentemente.

Em março de 1944 os operários dos estaleiros navais da região de Marselha (Terrin. Provençe, obtém, após vários dias de greve, salários equivalentes à àqueles da

região de Paris. Tembém em Marselha, deflagra-se a greve geral contra a inscrição de serviço nas padarias, pela distribuição do pão. A greve é tão generalizada que as SS, postadas nas esquinas da cidade, não ousam usar suas metralhadoras.

O patronato está inquieto e teme um novo junho de 1936. Desde maio de 1944, tenta prevenir a explosão da classe operária com toda espécie de paliativos: fechamento de fábricas, remessa de pessoal para o Interior ou para a grande periferia e para a terraplenagem das estradas de ferro, mas inutilmente.

Em Gnône e Rhône, (Paris XIII), entre os 2.000 operários convocados pelo correio para comparecerem às estradas de ferro e aos campos de aviação, apenas

alguns se apresentam, e depois voltam para suas casas.

La Verité de 22 de junho de 1944 está correta quando escreve:

"A certeza que deve estar na base da política da IV Internacional é que a transformação da guerra imperialista em guerra civil implica necessariamente na formação de comitês de operários que irão se opor, num período de dualidade de poder, ao poder burguês e à política de traição dos stalinistas."

Os fatos irão comprovar isso muito em breve.

Em 9 de agosto, os ferroviários da região de Paris entram em greve. O movimento "flutua" um pouco e recupera-se, chamado pela CGT ilegal, que fixa as reivindicações em 14 de agosto. Um boletim do PCI lança então a seguinte palavra-de-ordem: *"Ocupar as fábricas. Eleger o comitê de greve. Tomar contato com as oficinas e fábricas. Chamar os operários do bairro para apoiar a greve. Formar piquetes. Confraternizar com os ferroviários e os soldados alemães. (La Verité* de 18 de agosto).

A partir de 11 de agosto, o número especial de *La Verité* que publica a manchete *"Hitler se Afunda"* é divulgado nas fábricas.

A greve dos metalúrgicos, iniciada em 11 de agosto, se generaliza a partir de 16 de agosto. Entre a partida das tropas alemãs e a chegada das tropas aliadas (entre 17 e 24 de agosto), mais de 10 fábricas de metalúrgicos de Paris são ocupadas pelos operários, algumas das quais bastante importantes. O movimento toma vida perto de Jumo - para onde a direção alemã fugiu sem pagar os salários - e em Argenteuil. onde os operários elegem o comitê de fábrica. *La Verité* de 18 de agosto de 1944 escreve:

"Como em 1936, os operários começaram a ocupação e, já donos de sua fábrica, elegem imediatamente um Comitê provisório de três membros, depois um comitê de 27 membros, com representantes de todas as oficinas, representando o bloco unamine. O comitê organiza logo as diversas tarefas: a comissão de abastecimento verificou que as refeições distribuídas pela direção lhe custavam 3,75 F e que ela tinha assim um lucro enorme, roubando os operários. O chefe da cantina foi logo despedido e com as reservas os operá rios organizaram uma cantina gratuita.

Durante este período, o comitê de fábrica se ocupa dos salários em curso. O gerente queria conceder aos operários a esmola do fundo de desemprego. Os delegados protestaram e o prefeito de Argenteuil lhes fez conceder 75% do salário. A soma será remitida globalmente ao comitê de fábrica que efetuará a repartição.

O serviço de ordem foi igualmen te organizado. Os operários estavam decididos a proteger energicamente a fábrica contra a pilhagem e contra as bombas armadas que tentavam expulsar os operários da fábrica Infelizmente os operá rios não estavam arma-

dos. Os grupos da resistência (...) se recusaram a dar armas aos operários.

Desde então, os operários de Jumo compreendem a necessidade de se armarem. A partir de então eles compreendem a solidariedade das fábricas. Ontem, dez opeirários delegados por eles subiram, num chassis e começaram a doutrinar os da 8MW, de Amiot, de Gnôme e Rhõne. Por toda parte eles são aclamados. Formar um comitê inter-fábricas: eis o caminho da vitória (...) Argenteuil, 19 de agosto".

O seu exemplo, é imediatamente seguido pelos operários da BMW, igualmente

em Argenteuil.

O movimento se estende a dezenas de fábricas da região de Paris, as quais elegem ou ratificam seu comitê As fábricas são inicialmente ocupadas por pequenas equipes de operários que organizam a ocupação e a guarda da empresa. Na cantina, no dia do pagamento, através de manifestos, dos ciclistas, da imprensa, todos os operários são convocados para assembléias, onde o comitê é eleito. Por toda parte, os operánw dão exemplo de ordem e de organização nas fábricas: os locais são conservados, nuihuma pilhagem ocorre, a guarda é assegurada dia e noite. Nunca as cantinas funcionaram tio bem.

Cada ocupação revela aspectos particulares. Perto do Bleriot (a SNCASO de Suresnes), o comité publica a sua carta. O Comitê Social de empresa, criação de Vichy, é repudiado como organismo de colaboração de classe. Uma comissão de apuração édesignada para expulsar os inimigos da classe opera ria.

Em CSC, os operários despedem a funcionária da cantina, que os roubava há anos, designando um comitê de gestão e explicando a situação aos funcionárioi Enfim, um milícia operária, bem armada, garante a guarda da fábrica.

Em Jumo, o pagamento é organizado sem patrão, com o auxílio da contabilidade. O chefe do pessoal é levado diante de um tribunal do povo que o condena a wr vigiado a cada instante por um miliciano operário.

Na BMW, os operários de acordo com os técnicos, estudam um plano para fazer a fábrica funcionar (caderno do PCI de lide setembro de 1944).

Em 22 de agosto de 1944. uma semana após a formação dos primeiros comitês de fábricas, os operários da Renault elegem um comitê provisório e se dirigem através de um manifesto a todos os operários:

"Camaradas, um comitê operário está formado.

Este comitê tem os seguintes objetivos:

1 - Agrupar os trabalhadores das diferentes fábricas a fim de defender seus interesses, que consistem de imediato em obter:

A - adiantamento de um mês de salário;

B - reabertura das cantinas.

2 - No futuro, depois da retirada completa, reabertura imediata das fábricas, sob controle dos comitês operários.

3 - Reajuste dos salários ao custo de vida: escala móvel dos salários. Pagamento integral das horas paradas pela nova tabela dos salários (mínimo: quarenta horas por semana);

4 - Controle do reabastecimento e das cantinas pelo comitê operário.

5 - Controle efetivo da admissão e da dispensa por parte dos delegados. Reintregação imediata de todos os "refratários':

Para a realização deste programa, convidamos todos os trabalhadores a se agruparem junto de seus wmitês de fábrica, ou a fom7á-los, se não existem ainda.

Uma reunião in ter-fábricas ocorrerá todos os dias às 15 horas, no Hospital Ambroise-Gare, 82, rua Saint Cloud, em Boulogne-Billancourt".

O Movimento dos Comitês Operários Eleitos

“Em Argenteuil, reuniões de delegados de 14 fábricas se realizam e examinam o trabalho em comum. Em Surêsnes, no 13’? Departamento de Paris, as fábricas entram em contato. Na periferia Norte-Oeste, o comitê inter-fábricas agrupa umas quarenta empresas. Guardas de empresas se constituem, e se transformam em milícias operárias de empresa. Elas se armaram durante a batalha de Paris; frequentemente os FTP, reunindo-se a suas fábricas, lhes ofereceram sua ajuda e seus conhecimentos. Os quadros são eleitos e uma severa disciplina é instaurada. No metrô, na SNCAN (Sartrouville), em Amiote, os operários constitufram sua milícia. Ela assume então seu lugar natural e seu verdadeiro sentido: a defesa das primeiras conquistas operárias pelos próprios operários, não somente contra os bandos reacionários da polícia ou das SS, mas contra toda a burguesia’: Pamfletos do PCI de 17 de setembro de 1944).

Um comitê de ligação inter-fábricas que agrupa umas quarentas fábricas da periferia Oeste é constituído.

Na região de Leire, no dia seguinte à libertação, comitês de empresa são formados em todas as fábricas. A maior parte é eleita democraticamente. Em 130 destas empresas. os comitês de fábricas se transformam em comitês de gestão, que assumem a direção econômica das “caixas” dando prova de sua capacidade.

O PCI chama “os operários a formar comitês de apuração, donas de casas a constituirem-se em comitês - como existia um no 13º Departamento -, a população a se agrupar em comitês de bairros, em suma, à união de todos os trabalhadores, à união com as donas de casa para dirigirem seu próprio destino”. (panfleto de 17 de setembro de 1944).

Sem esperar a constituição destes comités de donas de casa, as de Cormeilles já iam reabastecer-se de legumes diretamente nos campos dos produtores, que recusavam, preferindo vendê-los a preço de ouro no mercado negro.

Nos 13º, 14º e 15º Departamentos de Paris, depois em toda a cidade e na periferia, as donas de casa constituiram seus comitês pelo abastecimento. *São os* militantes do PCI que estão à cabeça do movimento pela formação dos comitês, e na maioria dos casos são eles que os animam. E graças ao seu impulso que o comitê inter-fábricas se constitui, e é colocada dc modo acertado a necessidade de um comitê central das empresas.

O lugar ocupado pelo PCI na luta da classe operária para afirmar suas aspirações contra o Estado burguês, portanto seu movimento em direção ao poder, é considerável.

É a única rasão pela qual *La Verité* é o único jornal ao qual o governo provisório de Gaulle, com o apoio e os estímulos histéricos dos stalinistas, recusa *a* publicação

legal, enquanto que os antigos jornais de Vichy só precisaram trocar de nome para reaparecer.

Assim, ficou provado que o diagnóstico formulado por Lênin durante a primeira Guerra imperialista permanecia exato para a II. Esta podia ser transformada em guerra civil, podia dar origem à vitória da revolução.

Se os trotskistas tiveram a iniciativa na formação dos comitês operários eleitos foi

unicamente em razão do fato de que das ru (nas do Estado burguês, na sua forma corporativista, surgia a necessidade de substitu (-lo pelo Estado operário. Esta necessidade que os trotskistas expressaram claramente em sua luta pelos comitês, manifestou-se sob outros aspectos. Em numerosos casos, os comitês de libertação dominados pelos representantes das organizações operárias, criados pela coalizão stalinista-burguesa como etapa para a volta às municipalidades burguesas, assumiram de fato o poder nas localidades. Um congresso mesmo será convocado em Avignon, como representação do poder das massas face ao Estado burguês liquefeito.

Frente à polícia totalmente desacreditada, as Milícias Operárias Patrióticas armadas, nas fábricas, e os FTP nas regiões do Interior, são então a única força da ordem proletária, tentandose substituir às forças de defesa e de repressão da ordem burguesa.

Nas empresas, onde *o* movimento *não* teve a possibilidade de se impor sobre os comités operários, as comissões pela produção se somam à iniciativa dos sindicatos dos delegados efeitos pelos trabalhadores, pelos técnicos, e elevam o controle operário frente a um patronato que sente surgir a expropriação como exigência das massas. Sob o *título* "As lições de uma greve", *La Verité* de 21 de agosto de 1944 (nº 73) analisa a força *e* as fraquezas do movimento:

"Sua fraqueza deve-se ainda ao fato de que a greve não pôde se generalizar devido à falta de direção, e porque os partidos Comunista e Socialista não dedicaram.se suficientemente à metalurgia, aos transportes, aos produtos químicos, etc."

Que grande subestimação da potência formidável do proletariado no verão de 1944 e quantas ilusões em relação à política dos partidos tradicionais! E os dirigentes do PC1 concluem que, "por mais que tivessem feito *o* impossível (...), sua ação isolada foi insuficiente".

Enquanto por toda parte as massas traduzem na vida, com sua atividade concreta, as palavras-de-ordem que o Secretariado Europeu e o PCI tinham definido desde janeiro de 1944, o PCI não pode fazer essa apreciação sobre sua própria atividade, porque se atribue uma tarefa que não pode ser a dele: a de dirigir o movimento da classe operária. Isto o conduz, em contrapartida, a tratar de igual para igual *o* PCF e a SFI0. propondo-lhes numa carta aberta, a *"unidade de ação operária"...* sobre a integridade do programa defendido pelo PCI em 1944 *(La Verité* de 21 de agosto de 1944, nº 73). E esta, aliás, a orientação que exprimirá, até 1952, Pierre Frank, dirigindo regularmente cartas abertas ao BP do PCF, para propor-lhes à "unidade de ação".

Como a classe operária em seu movimento para a instauração do poder, a van guarda se choca com o poder constrangedor do stalinismo. então no ápice. Uma vez que, em boa companhia, a do MRP (Movimento Republicano Popular), dirigentes da SFI0 e dirigentes do PCF - Maurice Thorez como cabeça - participam do Governo Provisório, sob a tutela de De Gaulle, na reconstrução do Estado burguês e na liquidação dos elementos do poder operário, não sem dificuldades, é verdade.

Iniciada no outono, tal ofensiva se opõe às organizações autônomas eaos elementos de centralização de que a classe operária e a população estão dotadas. As donas de casa do 13º Distrito, que preparam uma manifestação no Paço Municipal contra a falta de víveres e os preços proibitivos, chocam-se com o veto do Comitê Diretor, constituído por mulheres da União das Mulheres da França, militantes do PCF. Na Caudron-Renault, em Billancourt, é o ministro da Defesa (do PCF) Tilon (ex-dirigentedos FTP) que impõe, contra a vontade dos operários, a volta do antigo administrador "depurado", grande amigo e colaborador de Louis Renault.

Mas é contra os comitês de fábricas, as milícias e seus objetivos de centralização. que se concentra uma ofensiva multiforme.

Os dirigentes sindicais da CGT decidem reunir cada fábrica do grupo Caudron-Renault à sua seção local, e fazendo assim gorar o comitê de fábrica; tentativa que, num primeiro momento, os operários fazem fracassar. E em condições mal esclarecidas, o comité intermilicias da periferia Oeste é dispersado.

Na região de Nantes, os comitês de gestão são declarados ilegais e os bancos recusam os créditos necessários para essas direções de empresas *"irresponsáveis"* (sic). Os dirigentes stalinistas da união departamental da CGlorganizamum *"Congresso da Produção de Guerra"* e lançam a palavra-de-ordem de *"Comités Patrióticos de Produção", "Tudo pela guerra"* dizem.

Nestas condições, a burguesia tenta legalizar a liquidação de todos esses órgãos autônomos, bastante constangedores.

A Assembléia Consultiva aprova, contra os comités de fábricas, um projeto de lei que institui os comitês de empresas, de caráter consultivo, sob a presidência do patrão da empresa e cujas atribuições são pouca coisa em relação àquelas dos comitês sociais de empresas de Vichy.

O governo ordena a dissolução dos comitês de apuração até 1? de dezembro: os dirigentes sindicais requerem uma sursis de quinze dias e saúdam o adiamento da medida para 31 de dezembro como uma vitória.

Mas o mais inaceitável para a burguesia é a existência das milícias Operárias Patrióticas ou da milícias Operárias: é a classe operária em armas, até certo ponto, pois, na ausência da direção nacional, a situação é extremamente diversificada.

Desde a chegada das tropas aliadas e francesas, no dia seguinte ao 6 de junho de 1944, elas são o alvo de todos aqueles que estão ligados à manutenção da ordem burgusa. O primeiro cuidado do general Koenig é integrar as FFI (Forças do Interior) ao Exército regular e tentar desarmar, sem sucesso, as milícias Operárias Patrióticas. Mais tarde, de Gaulle baixa um decreto de dissolução e de desarmamento dessas milícias do povo, que é votado de forma unânime pelos ministros membros do PCF. Diante das reações dos trabalhadores e de seus militantes, o PCF deve desmentir seus ministros. De fato, o PCF procura uma solução que coloque as milícias Patrióticas sob o controle da polícia e justifique sua nova denominação de Guarda Cívica Republicana pois, assim, não será mais possível a confusão com *"as milícias do assassino francês Darnand"...*

No seu relatório para o Comitê central de janeiro de 1945, M. Thorez declara que *"a segurança deve ser garantida pelas forças regulares de policia constituídas para este fim'* A orientação definida por Thorez está numa frase: *"Um único Estado, um*

único Exército, uma única Polícia". E para parafrasear seu discurso de 11 de julho de 1936: *"A hora de tomar o poder não chegou ainda."*

Onde a burguesia fracassou - e ela apreciou na medida certa o alcance político do discurso de Thorez - ela deixa o PCF tomar o lugar.

Numa das fábricas de Saint-Cloud (Bloch), o patrão responde muito simplesmente aos delegados vindos para saber da aplicação das novas tarifas da CGT: *"Vocês leram o discurso de Thorez?"*

Mas nem tudo se passa de modo tão simples e sem choques. O desemprego, a carestia, as privações, dissipam as ilusões que as massas tinham tido possibilidade de nutrir em relação à Libertação. Verdadeiras explosões de cólera ocorrem, quase espontaneamente.

Mil e duzentos habitantes de Valenciennes-Denain, apesar da presença dos policiais, pegam dos vagões das minas o combustível para aquecer suas casas. Trezentos e cinquenta donas de casa desta cidade ameaçam invadir a refinaria de açúcar e obtêm, cada uma, um quilo.

Uma manifestação ao conselho municipal de Merville, no Norte, protesta contra os abusos da partilha do carvão e exige uma investigação junto aos empresários privados. As cem toneladas de carvão bruto encontradas nas minas de oito empresários são distribuídas às famílias.

Em 22 de janeiro, as donas de casa de Arras invadem a Prefeitura.

Em 29 de janeiro, é a vez das de Nantes. Os metalúrgicos e as donas de casa, cansados de esperar pela volta de sua delegação, invadem a Prefeitura. Agredindo as forças da ordem, obrigam o prefeito a fugir, exigem sua demissão, e declaram que não irão embora se ele não for demitido. Quando o responsável da união local da CGT, militante do PCF, declara que *"os operários manifestam-se em ordem e disciplina, nada mais pedem senão trabalhar para continuar o esforço da guerra"* é vaiado. Por falta de direção, o movimento fracassa *"exige a união e a ordem"* O prefeito volta e provoca a desaprovação dos dirigentes sindicais.

As comissões pela produção, que nas empresas e inter-profissionalmente e nas localidades tendiam a definir o plano sob controle operário, são dissolvidas por decisão da CGT. Os comitês de libertaçãoede apuração, que se opõem ao renascimento do Estado burguês, devem desaparecer. O FTP deve se integrar ao Exército, as milícias operárias devem entregar suas armas à policia. Mas o PCI não pode tirar muito partido. pois não assumiu esse movimento e lhe resta, então, declarar aos trabalhadores ou militantes: *"Nós somos a direção alternativa".* A experiência política insuficiente dos militantes trotskistas não permitiu ao PCI fortalecer-se como teria podido fazer e como poderia ter feito no período revolucionário que o fim da II Guerra tinha aberto. Isso levou não somente à estagnação da organização, mas também em partes à perda de posições que tinham sido conquistadas.

E o que mais pesa sobre o desenvolvimento do PCI, é um objetivismo que lhe impede distinguir, naquele momento, as raízes de seus erros, para analisá-los e supe-

......................ro Congresso do PCI (de 1º a 5 de novembro de 1944) constata:

.................o recruamento do partido é devida principalmente às condições objeti-
..... deste plano depende muito mais desses fatores objetivos que de ....”
................, então, era exterior ao partido!

XI

A IV INTERNACIONAL NO FINAL DA GUERRA

"Em 1940, quando da morte de Trotski, éramos um punhado de jovens sem nenhuma experiência. Nada mais normal que para adquiri-la tenhamos cometido todo tipo de erros... Erro foi o que não faltou, mas o principal foi o que cometemos no final da guerra."

São palavras de Pierre Lambert, proteridas em sua conferência sobre o *"Programa de Transição"*, no Círculo de Estudos Marxistas realizado em 24 de janeiro de 1969. Ele prossegue:

"Não havíamos compreendido que a primeira etapa da radicalização das massas, naquele período revolucionário, passava obrigatória e necessariamente pelas grandes organizações. Durante quatro anos educamo-nos numa perspectiva correta: a segunda guerra imperialista trans formar-se-ia em guerra civil; os sovietes nasceriam desta guerra imperialista que se transformaria em guerra civiL Basta ver o que se passou na França para compreender que em diversos setores como, por exemplo, nas milícias patrióticas, nos comitês de libertação, e às vezes, nos comitês de fábrica que tinham sido criados, tratava-se realmente de embriões de sovietes.

Mas a força constrangedora do stalinismo. mais uma vez, liquidou todas essas possibthdades revolucionárias, O que não havíamos compreendido é que, mesmo que o movimento de massas se desenvolvesse, ele não poderia deixar de, numa primeira etapa, se apoiar nas organizações que as massas reconheciam e que, com suas ilusões atribuiam um conteúdo revolucionário que tais organizações não mais possuiam. Não havíamos compreendido isto. Estávamos con vencidos de que em 1944 a guerra imperialista se transformaria em guerra civil e reproduziria, de imediato, o esquema de Outubro: o Partido Bolchevique, antes minoritário nos sovietes, ao final de nove meses to-

mou o poder. Este Partido Bolchevique era o Partido Comunista Internacionalista,

seção francesa da IV Internacional (...) Foi-nos preciso aprender a combater, o que custa muito caro quando não se vê com clareza. O preço são as crises, cisões, desorientação. partidas, ceticismo, dúvida.

Com alguns retoques, nuances e variações, esse quadro quase se aplicava ao conjunto das seções da Internacional, pois tratava-se de uma orientação internacional. Sem dúvida, por razões particulares, talvez isto não fosse tão verdadeiro para o Socialist Workers Party dos Estados Unidos, o POR Boliviano ou o Lanka Sarna Samaya Party, do Ceilão. Mas, como não se tratava de uma edificação da IV Internacional por adição de seções nacionais com desenvolvimento autônomo e específico, independentemente dos problemas gerais da Internacional e de sua construção, essas difer~nças absolutamente não modificavam o quadro geral, como se pôde ver quando da crise que levou àexplosão da IV Internacional como organização, em 1952.

"A IV Internacional" observa Stephane Just em *"Em Defesa do Trotskismo", "saiu da guerra sem ter resolvido sua contradição fundamental: fundada com base no 'Programa de Transição', programa de mobilização da classe operária para a revolução proletária (...), ela nasceu não de uma poderosa revolução, como a III Internacional, mas do recuo operário internacional; nasceu como uma reação contra a degenerescência teórica e política do movimento operário."*

Após 20 Anos de Derrotas e Recuos

De fato, a I Internacional nasceu em 1864 como expressão e parte integrante da constituição do proletariado como classe, num período em que o capitalismo se desenvolvia impetuosamente; a II Internacional materializou a reconstituição de um movimento operário poderoso e organizado após o esmagamento da Comuna de Paris e a vaga reacionária que varrera a Europa durante alguns anos; a III Internacional resultou da explosão proletária na Rússia, de sua extensão pela Europa, da tomada do poder pelo proletariado dirigido pelo Partido Bolchevique, criando o primeiro Estado operário do mundo.

E. no entanto, a I Internacional, enquanto organização, não sobreviveu ao esmagamento da Comuna de Paris, a II desembocou em 1914 no social-chauvinismo, a III degenerou e passou para o lado da manutenção da ordem burguesa menos de 15 anos depois de sua fundação.

Se as três primeiras Internacionais nasceram na crista de grandes mobilizações, a IV. por sua vez, nasceu nas camadas mais profundas de uma imensa vaga de 20 anos de derrotas e recuos. Seu trunfo era seu programa, a continuidade que exprimia a experiência do bolchevismo sobre a qual se apoiava, teorizava, e que preservava contra a degenerescência stalinista, no próprio momento em que, o fascismo, produto maduro do capitalismo, ameaçava mergulhar o mundo na barbárie. Um programa vive e se exprime na luta de classes. Ora, não somente as condições objetivas lhe eram desfavoráveis (como se pode ver pela eclosão da segunda guerra mundial, até a virada determinada pela vitória de Stalingrado em 1943), não somente o imperialismo e a burocracia

stalinista reuniram contra a revolução proletária - e, consequentemente contra a IV

Internacional - todas as suas forças de forma muito mais contundentes [1] do que as burguesias esfaceladas puderam fazer contra a revolução russa em 1918, 1919 e 1920, como também eram fracos os seus laços com a classe operária, o que teve peso decisivo sobre seu desenvolvimento ulterior.

"Sua composição social, essencialmente pequeno-burguesa", observa Stephane Just, *"e os fracos laços que a uniam à classe operária,* tornavam-na *extremamente sensível às pressões que emanavam das forças sociais hostis ao socialismo. Só a elaboração teórica e política ligada à sua participação na luta de classes e sua construção no próprio curso do processo da luta de classes podem suplantar esta contradição."*

É preciso também considerar que tal problema ainda não está resolvido e que só a própria IV Internacional pode resolvê-lo. Seria o mesmo que, por exemplo, a seção vietenamita, seriamente implantada na classe operária do sul da Indochina e da Conchinchina (atual Cambodja), fosse dizimada por três vagas sucessivas de massacres organizados pelo imperialismo francês, japonês e, em seguida, pelos stalinistas do Vietminh...

Deixando de lado as diferenças de situação e de relações com a classe operária, imaginemos por um instante que o Partido Bolchevique. que em fevereiro de 1917 tinha no máximo 2.000 militante, perdesse Lenin, Zinoviev, Trotsky, Boukharine, Smilga. Antonov-Ovseenko e alguns outros antes de outubro de 1917, ou até mesmo antes de fevereiro. Sem dúvida, isto afetaria seu desenvolvimento e seu papel histórico. Ora, em quase todos os lugares, foram justamente os quadros mais antigos e experientes do trotskismo que foram assassinados... ao mesmo tempo em que eram difamados e caluniados junto aos seus camaradas sobreviventes.

Além disso, o lugar do proletariado alemão na Europa era tão determinante em 1944 quanto o foi em 1918. O proletariado alemão, entregue a Hitler de pés e mãos atados - sem combate - pelos dirigentes dos grandes partidos operários, submetido durante mais de dez anos à super-exploração e ao terror fascistas, depois vestido num uniforme e servindo de bucha de canhão nos quatro cantos da Europa, dizimado, sem organização, estava nas piores condições para agir. O imperialismo das "democracias" ocidentais, assim como a burocracia stalinista, não achavam,no entanto, que esta era uma garantia suficiente contra a revolução na Alemanha... A aviação americana, depois de bombandear sistematicamente objetivos civis na França para acalmar as massas

(1) *Não vai aqui nenhum exagero, O Embaixador da França. Coulondre, escrevia nos seguintes termos sua angústia a Adolf Hitler, em 25 de agosto de 1939, logo após o pacto germano-soviético, às vésperas da agressão nazista à Polônia: "As devastações de uma guerra certamente longa provocaria um correio de misérias atrozes. Se efetivamente eu pensava, como o demonstrei, que seríamos vitoriosos, temia também que no final da guerra houvesse apenas um vencedor: o senhor Trotsky". A burguesia não tinha julgado necessário assassinar Lenine; a burocracia, aprendendo com o passado, apressou-se em assassinar Trotsky. E, de 1939 a 1945 - depois de expurgos maciços e os numerosos assassinatos comandados pela burocracia nas fileiras trotskistas, stalinistas, democratas burgueses e nazistas uniram seus esforços para liquidar fisicamente os trotskistas antes que chegassem os tempos revolucionários Nenhuma corrente política internacional foi dizimada em tal grau, às vesperas dos acontecimentos para os quais tinha se preparado. Essa depuração preventiva não basta para explicar as dificuldades ulreriores da IV Internacional, mas contribuiu muito para isso.*

trabalhadoras francesas - bombardeio assim mesmo limitado, tendo em vista a condição da França de país aliado - lançou-se sem reservas sobre a Alemanha. O terrificante bombardeiro de Dresden, onde 130.000 alemães morreram, é o exemplo mais acabado de uma política sistemática de destruição e desmoralização das massas alemãs que, absolutamente, não visava o aparelho militar nazista. O terror desencadeado pelos exércitos da União Soviética na parte oriental da Alemanha respondia aos mesmos objetivos. A expressão máxima dessa política comum encontra-se nos slogans históricos de gaulistas e stalinístas: *"Um boche para cada um", "alemão bom é alemão morto",* etc., que visavam ao mesmo tempo impedir qualquer eventual confraternização e também organizar uma verdadeira caçada humana.

Mas isto não bastou. Uma possível confraternização entre trabalhadores sob uniforme dos dois "lados" assombrava os estados-maiores. Na época, afirmava o "News Chronicle":

"Com a passagem dos exércitos aliados dos países libertados para os territórios conquistados, a confraternização tornou-se um problema capital. Ladeando as estradas há inscrições como essa: "Vocês entraram na Alemanha; a confraternização é um crime."

O "Times" observava que na zona de ocupação soviética *"Era estritamente proibida a confraternização".*

Mas isso ainda não bastou: o imperialismo e a burocracia se entenderam para dividir a Alemanha em quatro partes, submetidas cada uma à tutela das autoridades de ocupação, que nelas fizeram reinar uma ordem tão severa e brutal quanto a dos nazistas. Para conseguir isto com um mínimo de despesas, e o mais rapidamente possível, mantiveram os destroços do aparelho de Estado nazista e seus funcionários que, sob sua direção, tinham a missão de macerar os operários alemães e fazê-los trabalhar de barriga vazia no meio de escombros e ruínas, pagando-os com migalhas.

Mas ainda isso não bastou: enquanto as hostes armadas do imperialismo repartiam a Alemanha, de comum acordo com *a* burocracia stalinista, esta amputava a Alemanha em quase cem mil quilômetros quadrados, expulsava cerca de dez milhões de almães das terras da antiga civilização alemã e jogava esses milhões de homens nas ruínas dos quatro pedaços do antigo Reich. no momento em que o imperialismo e a burocracia se preparavam para torná-los dois Estados diferentes.

No entanto, não havia na Alemanha a sombra de um Partido Bolchevique similar àquele que, em 1917, tinha conduzido a sublevação das massas e a tomada do poder na Rússia. Pela brutalidade das medidas tomadas pelo imperialismo e pela burocracia para refluir a vaga revolucionária no coração da Europa, pode-se julgar o poder que, assim contido, só deflagará sua froça maior na Ásia e nas ex-colônias.

Também o burô político do PCI se precipitava um pouco ao afirmar, em maio de 1945, cedendo a um impressionismo superficial:

"Há anos esperávamos que a guerra terminasse na Alemanha pela revolução proletária. Nós nos enganamos. O imperialismo alemão está toialmente esmagado, seu aparelho completamente espatifado, mas seu proletariado não se revoltou. Doze anos de fascismo privaram totalmente o proletariado alemão de organização e perspectivas.

Atualmente ele está desmoralizado, apático e atomizado. Será preciso esperar um período bastante longo para que ele retome consciência de seu papel, que ele se

reagrupe e reconstitua seus quadros sob a influência da situação catastrófica na qual se encon trará e sob a influência de movimentos revolucionários que explodirão nos outros países da Europa.”

Não, não foi preciso esperar muito tempol Mas os que acharam a espera longa, encontraram atalhos e pequenos truques...

XII

DE UM ESQUEMA “A PRIORI” AO REVISIONISMO

O erro, portanto, não estava em abrir a perspectiva da revolução alemã – deixando claro que para os marxistas, abrir uma perspectiva é baseando-se no movimento da luta de classes, combater numa direção determinada. Germain-Mandel reedita o erro no artigo publicado no número de junho/julho de 1946 da “*IV INTERNACIONAL*”.

Em nome das “Condições Objetivas’

Por que a revolução não explodiu na Alemanha? A resposta a esssa questão teria peso decisivo na evolução da IV Internacional. E a que fornece Germain-Mandel naquele artigo, coloca a responsabilidade essencial sobre as]condições objetivas e não sobre a ação conjunta do imperialismo e do stalinismo. A partir daí, queira-se ou não, abriam-se as portas a qualquer tentativa para explicar que a perspectiva sobre a qual a IV Internacional tinha sido proclamada em 1938 estava errada, era exageadamente otimista. Atualmente, os dirigentes da LCR [1] diriam m sua estranha linguagem: “*hiper-triunfalista*”... Com efeito, Germain afirma:

“No moneto em que a maior parte das premissas para a explosão de um movimento revolucionárioo eam produzidas pela evolução da guerra, faltava um fator, o fa-

[1] Liga Comunista Revolucionária, organzação francesa continuadora do POI que ficou com M. Pablo na cisão de 1952.

tor principal: o enfraquecimento do aparelho repressivo. No momento em que esse enfraquecimento se tornou um fato, as outras premissas tinham deixado de amadurecer e encontravam-se em plena decomposição, em continuação igualmente ao desenvolvimento da guerra."

Germain acrescenta, a esse raciocínio, numa nota ao pé da página:

"E claro que também à ação consciente do imperialismo!" Nenhuma menção éfeita ao stalinismo, nem quando Germain afirma:

"O movimento grevista alemão não ultrapassará nunca o estágio de ações isoladas e esporádicas. É este fato que, em última análise, permite uma repressão muito mais fácil e muito fria dos movimentos revolucionários esporádicos pelo imperialismo."

Do mesmo modo, substitui-se a luta entre as forças políticas da revolução e da contra-revolução por um movimento puramente objetivo. Por outro lado, em nome da perspectiva da revolução alemã, o proletariado alemão estava encarregado, mais ou menos conscientemente, de preencher a missão histórica que o proletariado russo - com o Partido Bolchevique à sua frente - tinha preenchido em 1917.

A resolução da Conferência internacional de abril de 1946 afirmava da seguinte forma a perenidade do período revolucionário:

"Se a guerra não determinou, imediatamente, na Europa, o ascenso revolucionário com a amplitude e o ritmo com que se contava, nem por isso deixou de destruir o equilíbrio capitalista numa escala mundial, abrindo um longo período revolucionário.

A auto-crítica das perspectivas que tínhamos elaborado durante a guerra, prevendo, particularmente na Europa, uma atividade das massas muito mais ampla e muito mais produnda do que a que constatamos até o presente, limita-se essencialmente aos ritmos e não à natureza do período que se seguiu da guerra imperialista.

Só um espírito superficial e capitulacionista pequeno-burguês poderia ver um desmentido de nossa perspectiva revolucionária no fato da guerra não ter determinado em seu desenrolar, ou imediatamente depois, a revoluçâo na Europa, da revolução a/emã não ter acontecido, das organizações tradicionais e, em primeiro lugar, os partidos stalinistas terem tido um novo e poderoso impulso. Mesmo reconhecendo que esses fatos são muitas derrotas para o proletariado revolucionário, a IV Internacional não pode esquecer um só instante que a crise mortal do capitalismo, que a destruição de seu equilíbrio, que a agravacão de todas suas contradições fundamentais, constituem fatos ainda mais importantes e sobre os quais repousa nossa perspectiva revolucionária e nossas possibilidades; maiores que nunca, de construir o partido revolucionário.

As condições econômicas e políticas, nas quais o capitalismo procura atualmente se recuperar, permitem prever uma curva ascendente da revolução. E isto apesar dos movimentos passageiros de descenso e também de vacilações que, de resto, só podem atenuar-se á medida em que se afirmar, através dessas lutas, a nova direção revolucionaria.

Se bem que até agora tenhamos assistido apenas ás primeiras batalhas que as massas travaram contra a vontade do capitalismo de restaurar seu poder econômico através de uma exploração intensificada, tais lutas já demonstram claramente que o potencial revolucionário do proletariado está longe de ser consumido.

Na Europa continental não controlada pela URSS, são as condições econômicas

nas quais o capitalismo vê-se obrigado a tentar sua recuperação que levam as massas oporá rias e a pequena burguesia à ação.

A curva das greves motivadas pela vontade dos operários de se defenderem contra a alta do custo de vida, que avilta seus salários, e que acontecem apesar da oposição sistemática das direções reformistas e stalinistas, é ascendente em qualquer lugar. Pelas mesmas razões, os funcionários suba/termos e os empregados entram em luta, freqüentemente antes mesmo que os operários. Outras camadas da pequena burguesia urbana e camponesa, arruinadas pela inflação, esmagadas pelos impostos, tomam-se um fermento revolucionário que destrói o equilíbrio social da burguesia e agrava a crise do regime.

Nessas condições, um desenvolvimento prolongado e relativamente amplo e estável das forças da democracia política parece mais problemático do que nunca.

As poucas concessões democráticas efetuadas pela burguesia no final da guerra são o resultado, de um lado, da pressão das massas, e de outro, da política conciliadora e capitulacionista dos partidos reformistas e stalinistas.

Uma primeira vaga revolucionária sacudiu a maior parte dos países do continente europeu, quando da derrubada do aparelho alemão de ocupação. Mal tal vaga teve um caráter fragmentário, aparecendo apenas esporadicamente os ó,gâos de duplo poder. A ausência da revolução alemã impediu uma generalização desse movimento revolucionário, permitindo aos partidos reformistas manter o controle exclusivo das massas, facilitando, assim, a substituição imediata da administração militar alemã pela administração militar anglo-americana. A burguesia local obteve assim o prazo necessário para reconstruir seu aparelho de Estado, para liquidar rapidamente os núcleos de duplo poder e desarmar os operários, seja por intermédio direto dos staíinistas (França, Itália), seja pela violência, apoiando-se nas forças de ocupação (Grécia, Bélgica).

Para conseguir estancar essa primeira vaga revolucionária, a burguesia teve que pagar o seguinte preço: governar por intermédio desses partidos, ou por coligações que se apoiavam sobretudo neles. Tal preço implicava em: manutenção das.grandes organizações políticas e sindicais do proletariado, manutenção de uma certa possibilidade de luta direta (greves), manutenção de um aparelho "democrático" que não oferecia nenhuma segurança à burguesia. Mas mesmo onde, pressionada pelas massas, a burguesia constituiu um governo "democrático", ela viu-se forçada pelas condições materiais, pela necessidade de reconstruir seu poder econômico às custas das massas trabalhadoras - a preparar sua passagem para formas de governos autoritários. Até agora, atrás da cortina de fumaça da "legalidade parlamentar" e da "paz social'l ela conseguiu reconstitqir em parte um aparelho miliar e policial sobre o qual mantêm totalmente o controle. Apoiando-se nesse aparelho, assim como em todos os bastiões tradicionalmente conservadores da sociedade (lgreia, nobreza, monarquia, etc.), o capital financeiro, cu/a concen tração e ascendência cada vez mais totais sobre o Estado a guerra acentuou, prepara a transição para uma ditadura militarista ou bonapartista, difidilmente camuf lada. Somente a pressão do proletariado, que até agora não sofreu nenhuma derrota decisiva em nenhum país do continente, impede a burguesia de abandonar o que resta de "democracia" clássica."

O que não passava de uma repetição de esquematizações e deformações das *pers-*

pectivas definidas por Trotsky.

Com efeito, em janeiro de 1945, o Comitê Executivo Europeu da IV Internacional analisava nos seguintes termos a situação mundial:

"Um caos indescritível reina em todos os países "libertados" sem nenhuma perspectiva próxima de melhoria (...). A ação revolucionária das massas sabota as últimas possibilidades para a burguesia de restabelecer sua economia arruinada e deteriorada pela guerra (...). Não será possível uma era "democrática" intermediária relativamente longa, que vá até o triunfo decisivo, se/a da revolução socialista, seja, novamente, do fascismo." (IV Internacional, janeiro-fevereiro/1945).

A situação revolucionária provocada pela segunda guerra mundial foi aqui reduzida a esquemas por vezes catastrofistas e lineares. Qualquer perspectiva revolucionária depende estreitamente das perspectivas econômicas. E claro que a ausência de qualquer perspectiva de melhoria próxima para o caos indescritível e qualquer possibilidade para a burguesia de restabelecer sua economia arruinada e deteriorada pela guerra significa que, nesse campo de ruínas que é a Europa, reduzida a cultivar batatas e extrair matérias primas para o imperialismo americano, vão se travar imediatamente os combates mais encarniçados entre o proletariado ameaçado de morte e os restos da burguesia exangue. E uma luta de morte, decisiva, sem idas e vindas, que está na ordem do dia.

Por outro lado, caso o imperialismo, o modo de produção capitalista, se reestruturasse, toda perspectiva revolucionária - pelo menos no que diz respeito às grandes potências imperialistas - seriam adiadas para um futuro remoto.

A rica combinação das relações entre as classes e no interior delas, resultante da guerra e da vaga revolucionária, não tinha sido apreendida . As ligações entre relações econômicas e relações políticas, as verdadeiras relações de força entre as classes também não.

Como ressalta Stephane Just:

"Resultava dessa perspectiva a ausência de um futuro para as organizações elementares da classe (as organizações sindicais) e também para qualquer forma de vida política permitida pela democracia burguesa. Consequentemente, longe de fixar como tarefa aos trotskistas o incrustar-se e trabalhar nas organizações sindicais, era-lhes proposto a constituição de "comitês" de tipo soviético, ***já*** *que a perspectiva se reduzia a alternativa: sovietes ou fascismo."*

Uma tal análise desprezava os desenvolvimentos econômicos, sociais e políticos na Europa e no mundo. Ela só podia tornar-se um obstáculo para a intervenção dos trotskistas na luta de classes, para as perspectivas políticas que eles deveriam abrir e para a ação política de construção da Internacional e de seus partidos. A constatação de que a revolução alemã não acontecera levou inúmeros militantes a encontrar um substituto para o proletariado alemão. David Rousset, por exemplo, a partir de outubro de 1945, chegou à conclusão de que o fator revolucionário, no fim da guerra, era a burocracia do Krêmlin. A incapacidade da direção de então da IV Internacional de dar-se conta das novas relações européias e mundiais alimentou as tendências revisionistas.

E a esquematização das perspectivas definidas por Trotsky em 1939-1940, assim como a incompreensão do fato de que em seu primeiro estágio o movimento de massas passava essencialmente pelas grandes organizações, pagavam-se tanto mais caro quanto, desde o imediato pós-guerra, uma questãoatormentava os militantes do PCI: como era possível que, na situação de deterioração em que se encontrava o Estado burguês, e com a potência de um movimento de massas que se chocava violentamente com a política dos aparelhos stalinistas e social-democrata, que os efetivos do PCI - que não atingiam um milhão - continuassem tão pequenos?

A pressão do stalinismo, imediatamente após uma guerra cujo resultado deu àburocracia stalinista um indubitável prestígio junto às massas, levou um certo número de militantes do PCI a procurar uma resposta que resguardasse a Internacional, o partido e seu programa.

Em outubro de 1945, David Rousset, sob o pseudônimo de Leblanc, declarava:

"A burocracia soviética encontra-se atualmente constrangida (...) a suscitar e realizar a revolução socialista no entrangeiro (...). As forças econômicas soviéticas (...) na nova fase em que entramos, representam a única garantia eficaz da revolução socialista no mundo.

A burocracia stalinista, com todas suas taras, com sua neutralidade conservadora e reacionária, representa, no entanto, um dos bastões decisivos no período atual da revolução socialista no mundo. Consequentemente, devemos nos calar sobre uma parte de nossos desacordos com o stalinismo e fazê-lo a fundo e deliberadamente."

Seria impossível formular mais claramente o engodo e a capitulação que, sete anos mais tarde, Pablo declarará necessária. Vê-se esboçar ai a revisão fundamental que o período Pablo procurou impor em 1950-1952 à IV Internacional e seus dois eixos essenciais: a missão socialista e revolucionária atribuída á burocracia, e o papel decisivo do que Pablo denominará "forças materiais e técnicas"... que tem a vantagem de acrescentar às únicas forças econômicas com *as* quais Rousset se satisfazia todo o aparelho militar da União Soviética...

Rousset já liga - como cinco anos mais tarde o fará também Pablo - essa missão progressista da burocracia à inevitabilidade de uma próxima guerra mundial que a constrangerá, ainda que resistindo, a realizar a revolução nos outros países. Rousset, além de substituir o partido e a Internacional pela burocracia, tornados supérfluos diante de uma burocracia tão gentilmente revolucionária, chega a designá-los como obstáculos ao papel revolucionário da burocracia ao escrever:

"Não se pode passar sobre o cadáver do stalinismo para realizar a revolução socialista."

Essa descoberta teria encantado as massas soviéticas. Para justificá-la - e Pablo fará a mesma coisa, mais uma vez, cinco anos mais tarde - declara-se absolutamente "nova" a situação existente. Para uma situação "nova", um programa "novo".

"Nossa base programática, que era essencialmente constituída pelos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista e pela obra de Trotsky sobre o

centrismo stalinista, corresponde a uma experiência política, a um nível de lutas re-

volucionárias no mundo atual QUE SE MODIFICARAM COMPLETAMENTE." (sublinhado por nós - J.J.M.).

Estranhamente, a novidade da situação exige uma plataforma ou programa maleável, maleabilidade que reflete na realidade os dados desconhecidos do redireciortarnento próximo. Com efeito, Rousset propõe:

"No lugar de Internacional,, partido mundial da revolução, encontros internacionais bem amplos (?) quanto ás plataformas apresentadas, sendo pois naturalmente frouxas (sic!) em suas concepções organizacionais."

Para um programa maleável, uma organização frouxa. Nada melhor para resolver um problema que negá-lo. Essa revisão brutal suscitou então uma reação de rejeição massiva no PCI. Em "La Vérité" de maio de 1949 (nº 233) Pierre Frank a denunciou vigorosamente... pouco antes de se aliar a ela.

XIII

ALGUNS ARRANHÕES

Em outubro de 1945, Pablo combateu, com a esmagadora maioria da Internacional, a revisão dilacerante proposta por Leblanc-Rousset. As organizações trotskistas européias chocavam-se tão claramente com a realidade que se viam obrigadas a reajustamentos. Esses foram, no entanto, totalmente empíricos.

Além do fato de tal correção efetuar-se sempre com atraso e de que todo atraso num período revolucionário custa caro, o próprio esquematismo da análise conduiu àprocura de bodes expriatórios ou substitutos.

Como Pablo coloca, desde 1945, a questão do "Mundo Colonial"

Assim, pode-se ler no número de julho/aqosto de 1954 da *"IV Internacional"* uma correção absolutamente radical numa análise que tinha sido feita apenas há seis meses. Este número foi inteiramente consagrado à luta dos povos coloniais contra os diversos imperialismos que procuravam manter seu jugo sobre eles. E ao mesmo tempo justo e também honroso para a IV Internacional salientar as *"gigantescas reviravoltas (que) abalam até o fundo as velhas construções imperialistas em todos os cantos do globo".* Não é menos justo afirmar a solidariedade necessária dos trabalhadores europeus com essa luta emancipadora, e é correto dizer:

"O processo de destruição dos antigos impérios acirra as contradições inter-

imperialistas, abre novas brechas através das quais os povos coloniais saberão encontrar

apesar de e contra todos, o caminho para a independência."

E sem dúvida correto acentuar a importância particular do movimento de libertação dos povos colonizados, escrevendo:

"Uma gigantesca crise revolucionária amadurece no mundo colonial e suas consequências serão determinantes, tanto para a Europa - pátria das velhas metrópoles - quanto para o resto do mundo."

Mas o *"determinante",* tornando-se *"decisivo"* na frase seguinte, indica claramente uma escorregadela, como se o editorialista esperasse dos povos colonizados a realização da perspectiva apresentada seis meses antes para a Europa:

"A luta pela independência dos povos coloniais TALVEZ SEJA ATUALMENTE A ALAVANCA MAIS DECISIVA PARA A DERRUBADA DO IMPERIALISMO MUNDIAL." (sublinhado por nós - J. J. M.).

Se é decisiva - o "talvez" ai é apenas uma questão de estilo já que o titulo do editorial proclama nitidamente: *"A luta pela independência dos povos coloniais, alavanca decisiva para derrubada do imperialismo mundial", -* , o combate do proletariado europeu está então mais ou menos subordinado a ela: seu resultado depende, em certa medida, dos resultados dessa luta de emancipação dos povos colonizados da África e da Ásia. E o lugar reservado ao proletariado europeu torna-se subitamente o de um auxiliar:

"Incumbe ao proletariado dos países explorados mais do que nunca, levar, tanto por seu combate implacável contra sua pró rpria burguesia, como por sua solidariedade ativa com os povos coloniais, a prova do desejo de terminar com todas as opressões de classe, raça, nacionalidade."

Mesmo que timidamente, não encontraríamos aí um germe da teoria da *"revolução colonial",* que encarrega os povos famintos e colonizados de realizar a tarefa revolucionária que os proletariados europeus pretensamente adormecidos a assepticados pelo estonteante 'boom" do *"neocapitalismo"* recusam-se a efetuar?

As Direções Stalinistas e Social-Democratas Podem Ter Um "Programa Realmente Revolucionário"?

Na resolução da conferência de abril de 1946 - que retifica as perspectivas de 1914 - aparecem aqui e ali formulações com uma estranha ressonância:

"A situação internacional está dominada pela potência que a conjuntura conferiu aos Estados Unidos e à União Soviética e por suas relações recíprocas."

Já não é mais a luta mundial das classes que condiciona todas as relações mundiais.

Menos de um ano depois de haver combatido Leblanc-Rousset, vemos aparecer nos escritos de Pablo os primeiros sinais de sua revisão futura, que fará explodir a IV Internacional como organização fundamentada sobre o *"Programa de Transição"* Num artigo publicado por *"IV Internacional",* consagrado ao governo operário e camponês, Pablo primeiro tece algumas considerações históricas e gerais sobre essa palavra-de-ordem. Em seguida refuta as criticas de Séverin. membro do Comitê

central

do PCI, que julgava esta palavra-de-ordem *"equívoca", "inatual"* e *"perigosa",* porque a seus olhos a campanha para o *"governo operário e camponês"* não podia se realizar sem que se *"colocasse através dela a candidatura do partido revolucionário a esse governo...",* codições manifestamente não realizada em 1946. Depois, Pablo precisa: Romper com a burguesia *"significa necessariamente aplicar não o programa de seus partidos, que é justamente o programa da coalisão, mas um programa efetivamente operário, anticapitalista e revolucionário.*

As vezes pode acontecer que o programa do governo "operário "seja em grande parte o programa defendido pelo Partido Socialista ou pela frente única.

Pode acontecer, quer dizer, em condições excepcionais, que ESSES PARTIDOS AVANCEM UM PROGRAMA REALMENTE REVOLUCIONÁRIO, ao menos no papel.

NOSSO ESFORÇO NESSE CASO SERA OBRIGAR SUA DIREÇÃO A LEVAR ESSE PROGRAMA DAS MASSAS E COMPROMETER-SE NA LUTA POR SUA REALIZAÇÃO." (sublinhado por nós - J. J. M.).

As *"condições excepcionais"* fazem lembrar evidentemente a passagem do *"Programa de Transição"* consagrado à palavra-de-ordem do governo operário e camponês e à sua expressão *"Rompam com a burguesia! Tomem o poder!".* Mas Pablo a modifica seriamente sem o declarar. Verifiquem essa passagem no Programa da IV Internacional:

"É possível a criação de um governo operário e camponês pelas organizações operárias? A experiência anterior mostra-nos, como já o dissemos, que é pelo menos, pouco provável. No entanto, é impossível negar categoricamente por antecipação a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação absolutamente excepcional de circunstâncias (guerra, derrota, craque financeiro, ofensiva revolucionária das massas, etc.) os partidos pequeno-burgueses, inclusive, os stalinistas, possam ir mas longe do que pretendem na ruptura com a burguesia. Em todo caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo essa variante pouco provável se realizasse um dia em algum lugar e um "governo operário e camponês" no sentido dito acima, se estabelecce de fato, ele representaria apenas um curto episódio no caminho da verdadeira ditadura do proletariado."

Essa variante, sob certas formas, realizou-se depois da guerra com uma amplitude que Trotsky não havia previsto. Os esforços conjugados do imperialismo e do stalinismo puderam conter a vaga revolucionária, mas não conseguiram nem de longe esmagar o proletariado.

Uma coisa, no entanto, é certa: o *"Programa de Transição"* - e a experiência dos anos seguintes à Libertação até hoje o confirmam plenamente - não pretende de maneira alguma que as organizações operárias tradicionais (stalinista e social-democrata ***)*** possam *"avançar um programa realmente revolucionário"* mesmo com a restriçâo prudente *"pelo menos no papel",* um programa de tal forma revolucionário que os dirigentes stalinistas ou social-democratas o guardassem escondido e que os trotskistas deveriam se bater para obrigar esses dirigentes *"a levar esse programa diante das massas e a se enga lar na luta por sua realização."*

Ora, na mesma medida em que há um deslocamento do Estado burguês, há um

movimento revolucionário das massas que esse deslocamento suscita ou amplifica. Nesse quadro, as relações de forças em escala internacional levam o partido stalinista ou pequeno-burguês a fazerem o que não querem, ou seja, instalar-se no comando do Estado com todas as consequências ulteriores que tal situação tem para as massas - a de sentirem-se convidadas a ir em frente. Nesse fogo cruzado, uma das barreiras que os aparelhos tentam estabelecer é precisamente o programa burguês que avançam. Já era o caso - gritante, aliás - do programa da Frente Popular na Espanha e na França em 1936, programa das *"democracias populares",* fundamentado sobre a recusa da expropriação do capital, assim como o programa do Vietcong que, em 1973, assinou os acordos de Paris onde com todas as letras se preservava a propriedade privada dos meios de produção.

Não há dúvidas sobre o sentido de tais proposições: se as organizações tradicionais, se os partidos stalinistas ou social-democratas podem avançar um *"programa realmente revolucionário",* eles podem conduzir a luta até à expropriação da burguesia, podem deixar de ser obstáclos para tornarem-se motores da luta de classes, podem conduzir o proletariado à tomada do poder. Como em 1946 os partidos stalinistas tiveram um papel preponderante na classe operária da maior parte dos países da Europa (com exceção da Inglaterra), resulta, pois, que a burocracia stalinista pode ter um programa *realmente revolucionário",* e ser, portanto, revolucionária. Sendo assim, qual pode ser a justificativa, qual pode ser o papel da IV Internacional e de suas seções? Um papel de estímulo, de pressão... Mas se as *"organizações tradicionais"* podem efetivamente se engajar nesse caminho, e serem assim recuperadas, o papel dos revolucionários não deveria ser o de integrar-se nelas, sem restrições, para ajudar, acelerar, reforçar esse processo?

Essas questões não são levantadas no artigo de Pablo, nem sequer esboçadas. No entanto, elas já estão no cerne da formulação que reproduzimos, como um germe.

A Propósito de Uma Nova Discussão Sobre a URSS

Por que essas formulações não suscitaram reações? Porque nas seções da Internacional - é o que fica claríssimo no PCI - uma dissociação profunda se efetua entre os núcleos de militantes operários que intervêm na luta de classes e que contam suas lutas em *"La Vérité",* e aqueles que escrevem, teorizam, *"pensam".* Os dois domínios da atividade não se cruzam nunca.

E as teses de Leblanc-Rousset tendem a ressurgir na medida em que respondem (falsamente) aos problemas não resolvidos.

Assim, no quadro da preparação do Congresso Mundial da IV Internacional. engaja-se a partir de setembro de 1946 uma discussão sobre "a URSS logo após a guerra e a política dos partidos comunistas". Quatro boletins internos são consagrados ao assunto. O número 1 comporta um longo texto de E. Germain,, um longo texto de Laurent, Schwartz e um texto preparatório ao III Congresso do PCI de

Marcoux. Mestre, Renan, Dural, Houdon e Limeest, todos precedidos da seguinte nota:

"Publicamos neste primeiro boletim do Secretariado Internacional uma série de

documentos que apresentamos para a discussão sobre a URSS e a política dos partidos comunistas. Em geral, todos eles têm um ponto de vista mais ou menos conforme aos do Secretariado Internacional sobre essa questão, mas apenas o texto do camarada Germain deve ser, em sua totalidade, considerado como a opinião responsável do Secretariado Internacional." (sic)

Segue-se uma nota que precisa:

"Leve-se em conta de forma especial as reservas em relação à tese do camarada L. Schwartz sobre o modo de conceber atualmente a defesa da URS.S e à retirada condicionada do Exército Vermelho."

"Defendemos a URSS como ela é, a URSS Stalinista"

E no entanto o artigo de Schwartz já contém quase todos os elementos da revisão pablista do trotskismo. Insistindo sobre o fato de que *"a burocracia ganhou considera velmente em estabilidade interna"*, ele afirma:

"O epíteto de dique (bonapartista stalinista) não tem mais atualmente a menor justificativa. (...) A agressão (imperialista) visa, de fato, a burocracia, ao mesmo tempo que a economia que ela gera. Portanto, colocado de uma forma mais atual e mais simples, como o sentem as camadas progressistas dos países imperialistas, o problema da defesa da URSS confunde praticamente numa mesma defesa a economia planificada e a burocracia stalinista. Defendemos essa economia COM A BUROCRACIA até que estejamos aptos a defendê-la sozinhos." (Vemos ai o prenúncio da *"artimanha"* pabista: a derrubada da burocracia stalinista deverá efetuar-se um dia, mas enquanto se espera é preciso viver e enquanto se espera essa burocracia pode fazer coisas ótimas - J. J. M.). *"No caso de um ataque imperialista direto, defendemos a URSS tal qual é(não nos nossos sonhos, mas na realidade), a URSS stalinista...".*

E quando Schwartz se pronuncia a favor do principio da retirada das tropas soviéticas dos países do "glacis" [1], salienta que tal princípio raramente é válido e assim mesmo num futuro radiante:

"Nos países imperialistas (...) o proletariado não tem nenhum meio de lutar pela evacuação da Europa Oriental pelas tropas soviéticas sem servir diretamente aos interesses de seu imperialismo. (...) Na Hungria, a partida imediata das tropas soviéticas representaria o triunfo dos partidos da reação. (...) Poderia até mesmo acontecer, se os soviéticos evacuassem a Polônia devido à pressão conjugada do fascismo interno e do imperialismo mundial, que denunciássemos essa evacuação como uma capitulação."

As primeiras posições não mereceriam nenhum comentário e as últimas apenas algumas reservas, uma vez que, logo após Yalta e Potsdam, as forças armadas da URSS não constituiam nos países do Leste a força essencial da manutenção dos

restos da ordem burguesa contra o movimento de massas que a burguesia nacional aliada ao nazis-

[1] *Europa do Leste*

mo (com exceção da Polônia) e desintegrada não podia enfrentar sozinha... Que elas não tenham conseguido manter tal papel até o fim e bloquear totalmente esse movimento é uma outra história.

Em Direção à Formalização do Marxismo no Seio da IV Internacional

A defesa intransigente do programa frente à pressão do imperialismo e do stalinismo é uma necessidade imperiosa. Mas essa defesa tende a tornar-se puramente literária e a conduzir à formalização do marxismo - e portanto a todos os desvios possíveis - na medida em que se reduz à repetição de fórmulas justas, abstratamente repetidas e desencarnadas, posto que não se traduzem na construção do partido e da Internacional. É o que é sublinhado na brochura *"Alguns ensinamentos de nossa história",* onde se lê:

"Em nome de um formalismo estranho à vida, o problema da construção do partido reduz-se a tentar descobir em "Que Fazer?" as receitas já prontas que, imediatamente, são comunicadas aos militantes por especialistas no gênero, que ocupam a direção. Muito particularmen te, Privas acena a todos e a cada um em particular uma "verdade" livresca na base de pequenas citações."

Mas essa formalização, nascida como resposta à necessidade de defender os princípios do programa contra a enorme pressão do stalinismo, tornou-se um veículo dessa pressão no interior da IV Internacional.

Primeiro, ao disfarçar a ausência de respostas *"práticas"* ao problema da construção do partido, ela facilitou a procura de meios de substituição, entre os quais o primeiro lugar coube à burocracja stalinista. E há uma segunda razão de ordem mais geral.

Na medida em que representa os interesses de uma casta parasitária, que desde sua aparição sempre procurou dissimular sua existência e, através de mentiras, apregoar sua filiação à revolução de Outubro e ao bolchevismo. o stalinismo na prática formalizou este último. Reduziu o bolchevismo - que ele usava e usa como um biombo - a uma espécie de código, uma série de esquemas ideológicos fora do tempo e do espaço. *"Que fazer?"* tornava-se um modelo intemporal do partido ideal enquanto Stalin declarava em fevereiro de 1946:

"A única diferença entre os sem-partido e os militantes do partido é que uns são membros do partido e os outros não, mas trata-se de uma diferença puramente formal."

Tal formalização cuja expressão mais acabada são os escritos de Stalin – tal a necessidade que a burocracia tem dela - articulados cuidadosamente em três pontos fundamentais, subdivididos em sete corolários apoiados em cinco argumentos subdivididos em nove deduções conhecidas antecipadamente, exprime pois uma distinção radical entre teoria e prática. Nada mais natural, posto que a

"teoria" visa a disfarçar a *"prática"*

A formalização do marxismo no seio da IV Internacional, ligada a uma dissociação teórico-prática, sem nenhuma raiz material, tornou-se uma passarela à pressão do stalinismo, já que aparentemente criou um território comum entre o trotskismo e o stalinismo.

Enfim, essa formalização abriu caminho ao objetivismo: no alto, princípios eternos, em baixo, condições objetivas... A tentação de esperar que essas últimas construissem a *"ponte"* cuja necessidade é afirmada no *"Programa de Transição"* era grande; a ponte entre sua maturidade já demasiado grande e a imaturidade relativa das massas, devida à ausência de direção revolucionaria.

Do mesmo modo, ela abriu caminho ao subjetivismo. No alto, a direção da IV Internacional, que dirigia a IV Internacional; no alto, as direções das seções nacionais, que dirigiam essas seções; a questão histórica decisiva, a da crise revolucionária, ficava resolvida, da mesma forma que ficava resolvido o problema da IV Internacional e de suas seções, consideradas como definitivamente construídas e que, portanto, só precisavam de reforços. A *"direção de reserva"* existia. Bastava que o movimento objetivo das massas fizesse-as experimentar a traição das velhas direções, para que elas se voltassem para a *"direção de reserva".* Voltaremos ao assunto logo mais.

XIV

O OPORTUNISMO EM PRÁTICA: OS DIREITISTAS MAJORITÁRIOS NO SEIO DO PCI

Através das afirmações peremptórias quanto à situação desesperada do imperialismo no mundo, e em particular na Europa, inoculava-se um oportunismo profundo e uma adaptação profunda à ordem burguesa em vias de restauração.

Eleitoralismo a Todo Vapor

Por exemplo, o PCI consagrou uma parte importante de sua atividade ao combate eleitoral. Investiu nisso uma grande parte de suas forças. Não resta nenhuma dúvida de que se trata de um terreno cuja utilização deve ser integrada à construção do partido pela intervenção na luta de classes. Mas, considerando o partido como já construído - precisando apenas reforçá-lo, ou mais precisamente, para os direitistas então majoritários, *"ampliá-lo" -,* a direção do PCI alimentou indubitáveis ilusões parlamentaristas. Assim, o número especial de 'La Vérité". intitulado "Eles não nos abafarão":

"La Verité" de fevereiro de 1946, explicava:

“Os chefes do PCF têm medo da influência crescente do PCI. ELES TEMEM VER-NOS ALCANÇAR SUCESSOS RETUMBANTES NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES.” (sublinhado por J. J. M.).

Esses *“sucessos retumbantes”* eram, evidentemente, eleitorais; não se mediam, no pensamento de seus redatores, em número de militantes recrutados e células de fábricas construídas. No verso do mesmo número aliás, pode-se ler:

“Trabalhador, é preciso um milhão para a campanha eleitoral. Os vinte francos que você dá ao PCI converter-se-ão amanhã num deputado revolucionário no Parlamento.”

O apelo *à* campanha financeira, publicado em *“La Vérité”* de 13 de abril de 1946, afirmava:

“Quanto mais dinheiro tivermos, mais candidatos apresentaremos, mais chances haverá para que deputados trotskistas convoquem a Câmara dos Trabalhadores a lutar pela defesa de seus interesses e de suas liberdades.”

Os 45.000 votos obtidos pelos candidatos do PCI, entre outros por Y. Craipeau na região de Seine-et-Oise, sublinhavam sem dúvida o eco que a política dos trotskistas suscitava numa camada da classe operária. Mas eles eram muito inferiores as ilusões alimentadas. Esses resultados sô podiam, então, desencorajar e desorientar. Tanto assim que logo após as eleições para a Assembléia Constituinte de novembro de 1945, a direção tinha fixado para os meses seguintes o recrutamento de 3.000 militantes (para um partido que tinha 800) como *“correspondente às possibilidades de enquadramento atuais do partido”,* na perspectiva de um recrutamento de 30.000 trabalhadores de vanguarda. Objetivo que *“representa um décimo do colégio eleitoral que teria sido o nosso se tivéssemos apresentado candidatos em todas as regiões.”* O objetivo de recrutamento determinado a partir de um impacto eleitoral suposto era tanto mais fantasmagórico quanto o fato do PCI não existir em regiões inteiras. E dizer que existem eleitores trotskistas... sem atividade trotskista. É o eleitoralismo a todo vapor. A direção partia pois dos votos eventuais nas cidades ou regiões onde não existiam trotskistas - o mínimo que se pode dizer é que isto não era partir do partido como ele era e dos problemas a serem resolvidos de sua intervenção para se construir, desenvolver-se. reforçar-se. A brochura *“Alguns ensinamentos de nossa história”* comenta a respeito:

“Esses objetivos aberrantes, impossíveis de serem atingidos, determinados por um voluntarismo estranho ao marxismo e pelo desejo de ver o partido já construído, introduzem no PCI ceticismo, desorganização e desmoralização. Para os dirigentes do PCI. o ritmo e os métodos da construcão do partido não são determinados pela luta de classes (...) mas pelas ilusões, que encobrem o desejo de ser considerado como “um partido como os outros...”.

Além do mais, as ilusões eleitoralistas e parlamentaristas reforçavam a tentação, grande nos direitistas majoritários. de se voltar para aqueles que o jogo parlamentar coloca em primeiro plano: os parelhos búrocráticos, os jornalistas, os intelectuais...

Aliás, esse eleitoralismo não era só uma doença *“francesa”.* O congresso do Lanka Sama Samaya Party, em fevereiro de 1951, adotou uma resolução onde, constatando a crise social e política que devastava o Ceilão e a fragilidade do governo, chegava-se *à* seguinte conclusão:

“O Lanka Sarna Samaya Party lutará no decorrer das próximas eleições para

obter a maioria parlamentar, sublinhando que uma maioria parlamentar só poderá dar verdadeiramente um governo operário e camponês se as massas, por sua própria ação, assegurarem a realização de toda a legislação.”

Como se o Partido Comunista Ceilanés não existisse! O combate pela frente única, pelo governo do PCC e do LSSP foi substituído por um ultimatismo parlamentar vazio e vão (apesar da sólida implantação operária do Lanka Sarna Samaya Party e de sua rea-

120

lidade eleitoral, a perspectiva de sua maioria parlamentar foi sempre extravagante). Esse ultimatismo. escamoteando a realidade do combate pela frente Única, encobriu uma política cujo caráter oportunista explodiu uns 12 anos mais tarde, quando os dirigentes do LSSP entraram no governo da frente popular com os stalinistas, sob a batuta de Mme. Bandanaraike.

O Ultimatismo Como Método de Construção do Partido

A resolução do burõ político do PCI sobre o resultado das eleições de 2 de junho de 1946 é esclarecedora. Primeiro, ela atribuia os fracos resultados do PCI (1.5% dos votos) *“às ilusões democráticas e parlamentares, bem mais persistentes do que se poderia supor em 21 de outubro de 1945’:* No entanto, o butó político vê nos 45.000 votos *‘a primeira afirmação em escala nacional da existência do partido revolucionário”* - o que, na verdade, é afirmar a existência do partido através dos seus resultados eleitorais e não através de sua intervenção e de sua construção na luta de classes, na greve do gráficos de janeiro/fevereiro de 1946 ou na greve dos correios de agosto - e, continua sua resolução, *“a confirmação do número ainda reduzido de trabalhadores que já reconheceram o PCI como a direção do proletariado.”* - como se esse fosse o sentido de seu voto... Afirmar isto, era colocar o partido revolucionário dirigente como já construído. Faltava só fazê-lo ser reconhecido pelo que ele já era.

A resolução afirmava que o *“reforço geral do partido manifestou-se por numerosas adesões”,* mas temos razões para duvidar quando vemos - e é o indício também da orientação da direção da IV Internacional sobre esse problema da construção do partido - o Secretariado Internacional do PCI esquecer totalmente essa questão do recrutamento no balanço que fez das eleições, *“enumerando”* os resultados dessa campanha: inscrições, reuniões eleitorais, difusão do jornal, panfletos, circulares, 45.000 votos em 12 listas apresentadas, dos quais 15.000 votos em três setores de Paris.

Mas onde a ilusão eleitoralista e parlamentarista da direção do PCI pareceu de forma mais gritante foi na maneira pela qual colocou a perspectiva governamental, depois dessas eleições em que o PC e o SflO [1] perderam a maioria parlamentar que possuíam até então. Sob o título *“Sob quais palavras de ordem combater”,* lia-se:

“O partido denunciará a prostituição dos partidos operários a serviço da burguesia, na hora em que milhões de trabalhadores estão prontos a se lançarem à luta para impor um governo do PS, do PCF e da CGT.

A perda da maioria no plano parlamentar não afasta a possibilidade para as massas trabalhadoras de impor, através de sua luta contra o regime, um tal governo.” (IV

Internacional, junho-julho/46. págs. 68-69).

Apesar da saudação às massas, *"sempre prontas a se lançarem à luta para impor um governo PS - PCF - CGT"...* que a situação tornava impossível, a dedução da maioria do PCI, então implícita, mas que se tornaria cada vez mais explícita, é que os combates travados pelos trabalhadores, principalmente suas greves, terão um aspecto puramente reivindicativo, econômico. Também a resolução do burô político de

[1] *Seção francesa da Internacional Operária, antigo nome do Partido Socialista Francês.*

junho/1946 terminou com um apelo aos operários para:

"... reforçar a arma de combate indispensável aos trabalhadores para triunfar nas lutas que terão inevitavelmente que travar para a satisfação de suas rei vindicações: o partido revolucionário."

Ponto final. Nem o porquê, nem o como são levantados, e nenhuma resposta, evidentemente, é dada a questões que não foram colocadas...

Primeiras Conseqüências Destrutivas

Essa situação provocou no PCI o desenvolvimento de uma corrente direitista que ganhou a maioria por pequena margem, no III Congresso, em setembro de 1946, onde se enfrentaram cinco moções de orientação. Por 52 mandatos em 103, Yvan Craipeau foi eleito secretário geral de uma organização que contava, na época, com pouco mais de mil militantes. Para os direitistas, a situação não era mais revolucionária, o problema do poder não se colocava mais, o PCI estava inadaptado... era preciso um outro tipo de partido... Uma das propostas mais características dos direitistas era a de abandonar toda agitação em torno da palavra de ordem *"governo PCF-PS-CGT"* e como eles não propunham nenhuma outra formulação, isso significava o abandono de qualquer combate que tivesse como eixo a perspectiva do poder, que respondesse ao problema do poder.

Resumindo as teses dos direitistas, dez anos mais tarde, seu porta-voz Yvan Craipeau escreverá:

"Depois da Libertação, o Partido Comunista Internacionalista continuou durante todo um período a viver numa semi-clandestinidade, esperando (?) misticamente (?) o ascenso revolucionário: seus próprios locais permaneciam os mesmos do período ilegal (!). Foi apenas em 1946 que ele apareceu abertamente, sob o impulso daqueles que queriam Construir um partido "vasto". Por um curto período, esses últimos acreditaram que alcançariam seus fins. "La Vérité" apareceu como hebdomadário com uma tiragem importante (?). *O PCI apresentou vinte listas para as eleições e obteve mais de 60.000 votos (dos quais 14.000 na região de Seine-et-Oise). A tendência "vasta" tendo se tornado direção, esforçou-se por criar uma organização aberta (...). Mas a situação já havia mudado. O PCF, expulso do governo tripartite, retomou a direção do descontentamento operário. E. mais grave ainda, VERIFICOU-SE QUE AS PERSPECTIVAS REVOLUCIONÁRIAS DO PCI NÃO CORRESPONDIAM **À** REALIDADE. As massas operárias estavam certamente descontentes com a deterioração de seu nível de vida; recorriam á arma grevista*

para sua defesa; compreendiam a necessidade de uma generalização de seu movimento face a um patronato cada vez mais unido ao aparelho do Estado. A França, todavia, não era a Rússia de 1917; AS MASSAS POPULARES NÃO SE APODERARAM DO REGIME; NAO CONSIDERAVAM ABSOLUTAMENTE A GREVE COMO UMA ETAPA PARA O PODER, MAS COMO UM MEIO DE LUTAS REIVINDICATIVAS. A política das organizações comunistas (e mesmo socialistas) NÃO LHES ERA IMPOSTA ARBITRARIAMENTE; REFLETIA TAM-

BÉM EM PARTE SEU PRÓPRIO ESTADO DE ESPIRITO. UMA VEZ MAIS TORNAVA-SE NECESSÁRIO PROCEDER A UMA REVISÃO SÉRIA DA AVALIAÇÃO POLÍTICA E DA ORIENTAÇÃO." (Perspectivas socialistas, abril de 1959, grifos de J. J. M.).

Que nos desculpem a longa citação de Craipeau e que não se argumente ser ela de 1959. Sabemos bem que os homens mudam e o Craipeau da UGS talvez não seja o que rompeu com o PCI. Certíssimo. Craipeau escreveu justamente uma história do movimento ttotskista onde ele insiste sobre a continuidade de seu *"pensamento",* de 1947 ao PSU, que ele vê como o continuador do PCI tal qual ele o sonhava... Essa citação tem o mérito de ser clara. A situação não era revolucionária no pós-guerra. É porque ela não era revolucionária e porque eles acreditassem que ela fosse que os dirigentes do PCI não puderam construir um verdadeiro partido. Afinal de contas, todas as rupturas no seio do PCI de 1946 a 1952 aconteceram por esse motivo.

Craipeau não exprime de fato nessas linhas unicamente o pensamento dos direitistas de 1946-1948. Na realidade, ele exprime o pensamento dos Pablo, Frank, dirigentes da IV Internacional em 1952 - que o tinham combatido em 1948 - e de seus herdeiros. Com efeito, pode-se ler na brochura da LCR *"O que é o OCI":*

"A DCI, permanecendo na constatação de 1938, pretende negar a DERROTA DO PROLETARIADO MUNDIAL que constituiu o refluxo da revolução européia entre as duas guerras e o FRACASSO DO ASCENSO DO MOVIMENTO DE MASSAS DE 1945-47, fracassos cujos responsáveis principais são a social-democracia e o stalinismo." (Grifos de J. J. M.).

De 1924 a 1940, o proletariado mundial foi de derrota em derrota; logo após 1945. o proletariado, sem dúvida, não tomou o poder em nenhum lugar, mas, como ressalta Stéphane Just, *"pode-se falar de fracasso quando o capital foi expropriado na China, na Europa do Leste, quando a classe operária dos países capitalistas conquistou uma potência social e política sem precedentes?"* Quando, produto da vaga revolucionária que varreu o mundo logo após a guerra, os impérios coloniais se afundaram, e os movimentos de libertação, cavalgando esse movimento profundo, desfizeram por toda parte os velhos colonialismos.

Mesmo que esse movimento tenha sido canalizado pordireções pequeno-burguesas, não é espantoso que os apóstolos da *"revolução colonial"* chegassem a falar de *"derrota"* e *"fracasso'?* Não se trata de um lapso. A condenação formal dos aspectos *"extremos"* das posições de Pablo não impede absolutamente - ao contrário, acoberta - a continuidade entre as posições do Secretariado Internacional de Pablo-Germain e do Secretariado Unificado de Germain-Krivine hoje.

A orientação dos direitistas, hipnotizados pela capacidade do aparelho stalinista em conter as massas (e que atribuiram essà capacidade à situação ou às próprias massas), prevaleceu no PCI no momento em que ela se chocava com a çealidade da luta de classes e com a intervenção dos trotskistas na luta de classes...

A Greve Renault

De fato, no início de janeiro de 1947, os movimentos grevistas começaram entre os estivadores de Nantes. na Michelin em Clemont, entre os funcionários.e os operá-

rios da imprensa, em muitas empresas dos subúrbios parisienses. Em 18 de abril *“La Vérité”* dava forma às reivindicações que eram colocadas aqui e ali: *“10 francos por hora, e imediatamente’* No mês de fevereiro, na Renault, o departamento 6 - onde intervinham militantes da UCI, ancestral da Voz Operária e da Luta Operária - e o departamento 18, onde intervinham muitos militarttes do PCI, depositaram uma lista de reivindicações reclamando os 10 francos por hora. A direção da empresa desconversava. O aparelho stalinista da CGT, sempre firme na linha de *“a greve é a arma dos trustes”,* bloqueava o movimento, Os ministros stalinistas do governo, sob a batuta do próprio Thorez, solidarizaram-se totalmente com a direção. O aparelho opunha aos 10 francos por hora a reivindicação de um prêmio por produção, a fim de fazer os trabalhadores produzirem mais e dividi-los entre si. Sexta-feira, dia 25 de abril, às 6h30min, os operários das oficinas 6 e 18 decidiram pela greve. Dia 28, os grevistas elegeram um comitê de greve em assembléia geral. Os militantes do PCI implantados na oficina 18 centraram sua política na extensão do movimento pelo conjunto da fábrica, em toda a metalurgia.

O aparelho stalinista reagiu brutalmente. Depois de uma assembléia, no dia 28, uma segunda-feira, onde 4.000 trabalhadores se reuniram, *“L’Humanité’,’* de 29 de abril, denunciou *“o caráter provocador da greve iniciada sexta-feira em cenas oficinas”* e certos *“elementos dúbios’* que o jornal acusava de *“dirigir seus golpes unicamente contra a CGT’* Dia 30, saiu um número especial de *“La Vérité”* sobre a Renault, com o titulo:

“APESAR DAS CHANTAGENS E MANOBRAS DOS BONZOS SINDICAIS, A RENA ULTSEGUE O COMITÉ DE GREVE.

A LUTA PELOS 10 FRANCOS JÁ COMEÇOU: VAMOS PARA A GREVE GE-RAL!”

Enquanto os stalinistas denunciavam, os *“hitlero-gaullo-anarco-trotskistas”,* a burguesia culpava os dirigentes do PCI pelo *“atentado à moral do exército e da nação”,* a propósito de um cartaz do PCI que proclamava: *“Abaixo a guerra indochinesa!”* Os trotskistas, com efeito, levantavam orgulhosamente a bandeira do internacionalismo operário contra o imperialismo.

Todos os militantes operários do PCI foram mobilizados para a generalização da greve: primeiramente na Renault, onde o movimento que eles alimentavam no quadro do comité de greve transbordava o aparelho (em 30 de abril, toda a fábrica estava em greve); em seguida, seria toda a metalurgia parisiense. Enquanto o grupo sectário do UCI continuava tranqüilamente encantelado no seu *“bastião”* do setor Collas, os militantes do PCI procuravam suspender o trabalho em toda a metalurgia

parisiense pelos 10 francos por hora. A partir da greve da Renault, eles procuraram parar a Unic, a Saurer, a Morane, a Renaudin (que entrou em greve). O aparelho stalinista usou toda sua força nessa batalha. Conseguiu impedir que a greve se estendesse às fábricas onde iam militantes trotskistas. Na manifestação de 1º de maio, o serviço de ordem stalinista agrediu violentamente os metalúrgicos e os jovens que distribuiam panfletos do Comitê de greve, onde se apelava pela expansão do movimento. Não conseguindo quebrar a greve, os dirigentes do PCF, que controlavam a Federação dos metalúrgicos, procuraram açambarcar o movimento, esforçando-se por tomar-lhe o controle e canalizá-lo. A Renault era a ponta de lança da classe operária. A Renault colocou-se contra a política stali-

nista. A direção do PCF sentiu-se ameaçada. No Conselho de Gabinete de 30 de abril, Thorez anunciou que o PCF sustentava sem reservas a reivindicação da CGT de prémio por produção - que não era a reivindicação dos grevistas. Os ministros do PCF deixaram o Conselho do Gabinete. No Conselho de Ministros do dia seguinte, os ministros do PCF mantiveram seu apoio, enquanto Ramadier lhes pedia que esperassem até julho, como estava combinado, para que então discutissem as questões de salários. No dia 1º de de maio, o aparelho procurou fazer com que o trabalho fosse retomado. 11.354 trabalhadores votaram pela continuação da greve e 8.015 contra. Os ministros do PCF sustentaram o governo e sua política de bloqueio de salários. Mas a tensão entre eles e os trabalhadores da Renault, assim como sua incapacidade em quebrar a greve, colocava-os numa situação insustentável. Em 1º de maio de 1947, Vincent Auriol suplicava a Thorez que fizesse um esforço suplementar. E este último, *“muito emocionado, enrubecido* “, respondeu:

“Não posso fazer mais nada. Fiz tudo o que pude. Já esgotei todos os meus recursos...”.

E quando Auriol acenou-lhe com a possibilidade de entendimentos quanto aos *“prêmios por produção e rendimento”,* a que o PCI justamente opunha a reivindicação que emanava dos próprios trabalhadores - 10 francos por hora - Thorez respondeu:

“Não creio que se vá conseguir, a coisa é muito mais profunda.”

Ou seja, tratava-se de uma reivindicação que colocava, na verdade, a própria questão do governo. O partido stalinista devia conservar o controle do movimento de massas para poder contê-lo e desviá-lo do poder. Precisava, pois, mudar a tática. Em 29 de abril, “L’Humanité” publicava em manchete:

“Na Renault, a seção sindical luta para obter reivindicações legítimas”. E no dia 30: *“A União dos metalúrgicos pede: prémio horário de 10 francos; convenção coletiva, minimo vital.”*

Deformar a palavra de ordem unificadora, desviar o movimento, não se chocar com ele de frente, visto que o choque poderia criar fissuras no aparelho, é o que Dudos explica: “*Nunca permitiremos uma guinada para a esquerda...*”

Em 4 de maio, os ministros do PCF votaram contra a questão de confiança sobre a manutenção do bloqueio dos salários, colocada pelo presidente do Conselho, Ramadier, na Assembléia. Ramadier expulsou-os do governo por decreto: não podia haver duas linhas governamentais! Florimond Boute apressou-se logo em explicar: *“O PCF partícipando ou não do governo, continuará a se considerar como um*

partido do governo". Mas suas mãos estavam livres para quebrar a greve a partir de seu interior, dando um toque esquerdista em sua linguagem, mas mantendo integralmente sua linha, expressa por Duclos no diaS de maio ao *"New York Herald Tribune": "Os que falam em greve geral são uns imbecis...",* além de provocadores. Dia 8 de maio, o aparelho conseguiu. enfim, fazer com que os trabalhadores votassem pela retomada do trabalho por 12.075 votos contra 6866 a favor da continuação da greve.

Nesse combate, o PCI recrutou muitos militantes que foram submetidos, nas fábricas e na CGT, à calúnia sistemática do aparelho. A batalha política desses militantes obrigou o aparelho stalinista a modificar a forma de sua política. A greve da Renault afundou o governo tripartite.

Ela obrigou o aparelho stalinista a *"esquerdizar"* sua política a fim de manter o controle das massas. Além desses *"sub-produtos",* marcou também o início de uma grande onda de greves: primeiro, a dos ferroviários, em junho. movimento que o aparelho do PCF conseguiu deslocar; em outubro. greve na RATP, que o aparelho stalinista dentro da CGT procurou, primeiro quebrar, depois, não conseguindo, controlou-a o mais rapitamente possível para fazê-la parar sem que se estendesse a outras corporações.

Mas em setembro de 1947, o Kominform foi constituído, O início da *"guerra fria"* conduziu a burocracia do Kremlin a ditar aos PCs da Europa Ocidental uma mudança de tática: era preciso fazer pressão sobre os governos existentes a fim de que renunciassem a participar do Pacto Atlântico. A partir daí, o PCF utilizou a combatividade da classe operária para esse fim. Em novembro/dezembro, a direção da CGT organizou um movimento de greves sucessivas.

Mas o aparelho opós-se com todas as suas forças à greve geral, impedindo-a. Tratava-se de fazer pressão sobre o governo e o poder burguês e não de derrubá-los. Foi um fracasso. As direções stalinistas e reformistas, cada uma a seu modo, introduziram no interior da classe operária a linha da *"guerra fria'l* E em janeiro de 1948, consumou-se a cisão da CGT.

O PCI Se Quebra

Enquanto os militantes do PCF e da SFIO desertavam aos milhares de suas fileiras, o PCI marcava passo. Recrutou adeptos, no decorrer das intervenções de seus militantes operários no movimento grevista, mas globalmente o partido que se proclamava *"direcffo de reserva"* já construída não progrediu. Os militantes que abandonavam os dois grandes partidos operários não se voltaram para ele.

A questão do porquê o PCI não crescia, apesar da intervenção na luta de classes, onde exprimira os interesses dos trabalhadores em luta, não foi respondida; a não ser pela maioria direitista, que culpava o sectarismo do PCI, sua estreiteza, seu programa, a análise da situação, e que procurou rapidamente um substituto. E logo achou que o havia encontrado,

A política da SFIO levou à radicalizacão seu movimento de juventude, tendo

certos dirigentes se aproximado da direção do PCI.

No início de junho de 1947. o comitê diretor do PS excluiu toda a direção da Juventude Socialista, declarando sua dissolução, O secretário geral adjunto do Partido Socialista, Yves Dechézelles, que se pronunciou contra a dissolução, foi demitido de suas funções. A direção excluiu a Juventude Socialista dissolvida, que contava com 5.000 militantes em junho. voltando-se para o *"reagrumento revolucionário",* enquanto centenas de jovens abandonavam suas fileiras [1] ... Um congresso da Juventude So-

[1] *O próprio Yvan Craipeau, apóstolo da construção do partido revolucionário pela adição da JS, da ASR e do PCI, reconhece: "Bem entendido, a Juventude Socialista perdeu uma parte importante de seus efetivos rompendo com um partido de massa e a ASR ,-eagrupou apenas algumas centenas de militantes"*

cialista, realizado em Villeurbanne, ao lado do congresso do PS em Lyon, decidiu lançar-se ao reagrupamento dos "socialistas revolucionários", dirigindo-se, com essa finalidade, aos jovens do Partido Socialista. Seu jornal tornou-se *"o órgão da Juventude Socialista pelo regrupamento revolucionário".* Em dezembro de 1947, algumas centenas de militantes deixaram o Partido Socialista com Yves Dechézelles, fundando a Ação Socialista Revolucionária (ASR), que decidiu, assim como a Juventude Socialista, travar discussões com o PCI.

Foi a tábua de salvação para a maioria do PCI. Apresentava-se, enfim, a possibilidade de edificar um partido revolucionário, grande, não sectário, sem acanhamentos nem preconceitos. Mas em que bases? O B-A-BA da história do movimento operário e do bolchevismo ensina que um partido é a expressão organizada de um progama. Ora, a resolução da Ação Socialista Revolucionária, por exemplo, não passava de um apanhado de fórmulas extraordinariamente gerais que justificavam sem dúvida a discussão mais fraternal com essa organização e seus membros, mas que jamais serviria de fundamento sério para uma discussão programática:

"O partido revolucionário não pratica nenhuma forma de colaboração de classes. Sustenta incondicionalmen te as reivindica cães e as lutas operárias. Pratica o internacionalismo proletáno Sustenta as lutas pela libertação de todos os povos oprimidos e particularmente dos povos coloniais.

Considera que a construção da paz só pode ser obra dos próprios trabalhadores com a derrubada do capitalismo e a instauração do socialismo em escala internacional o que implica na criação de uma verdadeira Internacional operária."

A generosidade vaga de tais princípios gerais não constituiria certamente a base de um ptoqrama, sob pena de se considerar que o Programa de Transição e a base programática dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista deveriam ser jogados às traças *ou,* pelo menos, serem objeto de um reexame global.

Em novembro de 1947, os direitistas do PCI perderam por pouco a maioria em proveito da esquerda, que declarou *sua* fidelidade ao programa. Os direitistas acusaram a nova direção de ter manipulado os mandatos, e a maior parte deles voltou-se para o reagrupamento vasto... a Reunião Democrático Revolucionária, fundada por Rousset (Leblanc), J. P. Sartre, Leon Boultbien e Marcel Pivert... Às

vésperas do II Congresso da Internacional, em abril de 1948, *o* PCI perdeu de um só golpe, quase que a metade de seus membros.

No burô político de 31 de março de 1948. os direitistas propuseram, com efeito, a *"elaboração "de um plano de investimento de nossas forças nas JS, na ASR, na "Bataille Socialiste"* [1]*, no jornal "Franc-Tireur", com uma tiragem de 250.000 exemplares* [2]*, "La Revue Internacionale", os centros personalistas de "Esprit"* [3]*, a fim de construir um "Novo movimento operário, mesmo se o PCI for rejeitado enquanto organização."*

[1] *Tendência muito pró-stalinista excluída do PS.*
[2] ... *que logo desapareceu por falta de leitores e créditos, apesar de sua campanha a favor do plano Marshall!*
[3] *"A Revista Internacional" era um órgão pró-stalinista e "Esprit" era absolutamente estranho ao movimento operário. Vê-se bem a amplitude da renovação.*

Em 31 de março, o burô político adotou em resposta uma resolução publicada no número de 2 de abril de "La Vérité', sob o título *"Construir o Partido Operário"* e que anunciavaa exclusão doPCIdos direitistas aderentes ao RDR.

Sem dúvida alguma, era justo designar esses excluídos como *"representantes de uma ala oportunista"* que passara de uma *"política de capitulação constante diante do stalinismo"* à *"política de terceira força";* sem dúvida era justo sublinhar a permanência do partido e de sua base operária face a uma campanha dos inimigos do trotskismo. anunciando que 45% dos aderentes tinham deixado as fileiras do PCI e sublinhar que *"tendo perdido a confiança no proletariado, eles (os excluídos) seguem as flutuações dos intelectuais pequeno-burgueses ao sabor da opinião pública oficial."* Mas isso era responder com proclamações de fé aos problemas que se colocavam os membros do PCI, quando se afirmava:

"O PCI prossegue sua luta. SEU PROGRAMA ATUALMENTE PENETRA PROFUNDAMENTE EM MILHÕES DE TRABALHADORES QUE RETOMAM SUAS PALAVRAS-DE-ORDEM...' (sublinhado por J. J. M.).

Como se poderia então explicar que um partido, com tal relação com as massas, perdesse mais militantes do que ganhava? E, além disso, bastava proclamar que o partido estava construído para que ele realmente o estivesse?

Depois de alguns meses de agitação literária vazia, o *"grande e extenso"* RPR, pró-americano, afundou-se lamentavelmente, abrindo caminhos em diversas direções, da SF10 à UGS e ao futuro PSU ou ao PC.

Não bastava dizer - apesar de ser verdade - que os dirigentes direitistas, os Parisot, os Demaziére. além dos Craipeau que abandonaram o PCI no início de 1948, estavam gastos, desmoralizados, e que procuravam um Outro tipo de partido, onde pudessem alinhar-se ao lado da intelligentsia de esquerda com toda tranquilidade; não bastava afirmar a justeza do programa face às reivindicações estraçalhantes que desembocaram na mais lamentável das velhacarias... Era preciso ainda compreender porque o problema que os direitistas resolviam pelo abandono colocava-se real e constantemente no seio do PCI, assim como da Internacional.

Proclamar-se partido mundial e não sé-lo criava interrogações, dúvidas, problemas aos quais era preciso responder. Contentar-se em reafirmar o partido e a Internacional já construídos, e ponto final, era uma maneira de responder à questão

e resistir à formidável pressão das forças conjugadas do imperialismo e da burocracia. Era criar também, a mais ou menos longo prazo, as condições para a espera da solução miraculosa, o achado inesperado, o substituto aos penosos esforços incessantemente renovados e que lembram um pouco os de Sísifo...

XV

O II CONGRESSO MUNDIAL

Neste ínterim, o II Congresso Mundial reuniu-se em abril de 1948. Convém determo-nos um pouco nele. Nesse início de ano de 1948, um balanço político de conjunto do período revolucionário aberto pela guerra, uma análise da nova situação mundial que se iniciava, um balanço honesto da IV Internacional e de suas seções e a definição das perspectivas que se abrem para elas, são indispensáveis. O II Congresso Mundial foi completamente incapaz de realizar essas tarefas indispensáveis à vida ulterior da IV Internacional.

Confusão, Desorientação, Desarmamento Político da Internacional

De um lado, nenhuma análise real, segundo o método do Secretariado Internacional que era estranho ao método marxista. As afirmações peremptórias repetiam as colocadas anteriormente:

“Uma análise da situação econômica mundial mostra que uma retomada real da produção capitalista choca-se com numerosos obstáculos de natureza econômica e política. A guerra não somente agravou a agonia do capitalismo, como tornou-o incapaz de restabelecer o mercado mundial e um desenvolvimento equilibrado do comércio mundial.” (Resolução política geral: A situação mundial nas tarefas da IV Internacional. IV Internacional, março-maio de 1948).

Por outro lado, afirmou-se que os países da Europa do Leste sob o controle do Krêmlin, *“conservavam sua estrutura capitalista fundamental”.* A resolução particular *“A URSS e o stalinismo (teses)”,* fará pois uma série de considerações justificando essa apreciação, para concluir assim:

“A burocracia soviética foi e continua sendo forçada a manter a estrutura e a função burguesa do Estado, não somente porque sua destruição só épossi’velatravés da mobilização revolucionária das massas, mas igualmente para defender sua própria exploraçao particular desses países. Onde ela é forçada a suportar uma mobilização limitada das massas nos órgãos potenciais de duplo poder (comitês de ação na Tchecoslováquia), ela insiste tanto por sua ação quanto por sua propaganda no fato de que esses órgãos têm por função, não substituir os órgãos do Estado, mas somente apoiá-los.

Mantendo assim sua estrutura e sua função burguesas, o Estado dos países da Europa do Leste apresenta uma forma externa de bonapartismo. O aparelho de Estado stalinizado adquiriu uma grande independência em relação ao proletariado, assim como em relação à burguesia, devido ao equilíbrio e a prostração progressiva dessas duas classes, mas igualmente, e sobretudo, por sua ligação in terna com o aparelho de Estado soviético cujo peso na Europa oriental é dominante atualmente, seguindo as relações de força internacionais. Do caráter burguês do Estado dos países da Europa do Leste, resulta a necessidade da destruicffo violenta de sua máquina burocrática como condição essencial para a vitória da revolução socialista nesses patses.

A resolução política geral estimava:

“Na China, a luta entre os antigos “comunistas”, apoiados por Moscou. e os exércitos de Tchang-Kai-Chek, apoiados por Washington, atingiu a proporção de uma verdadeira guerra. Nela, a cada dia empenham-se dos dois lados, novas forças materiais e humanas. O problema central dessa luta entre dois campos opostos é o controle de posições econômicas e estratégicas chaves nessa parte importante do continente asiático.”

Tais *“análises”* conduziam a um desarmamento completo e à desorientação política dos diferentes setores da IV Internacional. Demonstravam a incapacidade da direção em utilizar o método do marxismo para fazer um balanço da vaga revolucionária do fim da guerra e do imediato pós-guerra, para distinguir novas relações entre as classes em escala mundial, dominadas, apesar de tal ou qual aparência, pela potência política do proletariado e suas novas aquisições.

É verdade que a resolução proclamava:

“O período de equilíbrio instável aberto pelo último conflito imperialista - período em que grandes lutas do proletariado e dos povos coloniais, colocando em perigo o próprio regime capitalista, são, nao somente prováveis, mas inevitáveis, não está terminado.”

É verdade que em outra parte essa resolução afirmava:

“O próximo período nos Estados Unidos pode mostrar uma formidável politização da classe operária e renovar, no domínio político, o ascenso impetuoso da CIO nos anos 1930.”

A instalibilidade e a fraqueza dos regimes políticos instalados a partir de 1944 na Europa ocidental e a fragilidade da ordem burguesa estavam justamente sublinhadas. Podia-se ler: *“No entanto, em nenhum lugar da Europa ainda, nem mesmo na Grécia, a burguesia pôde impor urna derrota decisiva ao proletariado, nem um regime forte que seja estável.”*

Na realidade, temos a impressão de que essas afirmações são artificiais, como se fizessem parte de um ritual, na medida em que nenhuma perspectiva política foi aberta

aos proletariados desses países, em que nenhuma palavra-de-ordem governamental foi formulada, em que nenhuma estratégia de luta contra a divisão e pela frente única operária foi avançada.

Podia-se também ler:

“A classe operária conserva suas forças e seu vigor combativo como o foi demonstrado nas grandes lutas operárias que marcaram o ano de 1947 na França, na Itália e, em grau menor, na Bélgica, Holanda e Inglaterra. Tais lutas abriram uma nova etapa nas relações de classe e, especialmente, nas relações do proletariado com suas direções tradicionais.

Pela primeira vez desde a “Libertação”, grandes camadas operárias lançaram-se à luta pela defesa de seu nível de vida, contra a alta galopante dos preços, contra as restrições e as dificuldades alimentares, levando suas direçi5es à ação e até mesmo ultrapassando-as, quando elas resistiam.”

É tudo muito confuso.

Seguramente, essas grandes lutas demonstraram a combatividade da classe-operária. No entanto, era da maior importância política distinguir entre os movimentos (que aliás não çorneçaram em 1947, mas bem antes) que marcaram o ano de 1947 e os primeiros meses de 1948. sobretudo na França e na Itália. A partir de novembro de 1947, os partidos stalinistas utilizaram a combatividade operária em função das necessidades da diplomacia do Krêmlin, desviaram os movimentos que impulsionavam e os conduziram ao fracasso, enquanto que as organizações e os partidos ditos *“reformistas”* faziam o que podiam para quebrá-los. seja do interior das centrais sindicais, seja no exercício de funções governamentais.

Dos dois lados, introduziu-se no interior da classe operária a linha da divisão da guerra fria.

No coração da ação política das organizações da IV Internacional, deveria estar a luta contra essa divisão, o combate pela frente única operária, que seria a única coisa capaz de abrir uma perspectiva política governamental e revolucionária para a classe operária e situar o papel político da IV Internacional e suas seções.

“O Antagonismo URSS-USA”.

Mas, na realidade, a direção da Internacional alinhou-se sobre a *“derrota”* da classe operária.

“De qualquer modo, em caso de agravamento contínuo das relações USA-URSS, de um aumento de polarização dos antagonismos sociais (sic) e da manutenção da impotência dos partidos “operários”, é provável que a ameaça reacionária torne-se mais definida na França e na Itália.

Em tais condições, é provável igualmente que esses dois países tornem-se palco de uma violenta guerra civil entre as forças da ditadura burguesa e as massas.”

A velha idéia da impossibilidade de um período mais ou menos longo de manutenção da democracia burguesa (fascismo ou soviete) reaparece aqui mas sob outra roupagem:

“Nessa perspectiva, os partidos stalinistas, ameaçados em sua existência caso não haja a possibilidade próxima de um compromisso da URSS com o imperialismo. seriam compelidos a combater - até mesmo pelas armas, como na Grécia, e até mes-

mo no caso em que, na França, por exemplo, de Gaulle chegasse ao poder pelas vias constitucionais.”

Toda a resolução e os textos do II Congresso Mundial estão marcados pela idéia que florescerá nos anos seguintes: *“A derrota total da Alemanha e do Japão, o desabamento da França, o enfraquecimento da Grã-Bretanha, destruiram completamente o velho equilíbrio entre as potências imperialistas e abriram caminho para o antagonismo dominante entre os USA e a URSS. Os USA saiu da guerra como a principal potência imperialista, empenhando-se na perspectiva da dominação do mundo. Seu principal adversário é a URSS que, apesar de seu enfraquecimento interior, controla uma vasta parte da Europa e da Ásia.”*

O mínimo que se pode dizer, do que foi colocado acima, é que a confusão étotal. O imperialismo americano dominou, com efeito, de modo esmagador, o conjunto das potências imperialistas. Mas seu *“principal ad versário”* não era a *“URSS”,* a qual, nesse caso, tornava-se uma abstração. O principal adversário do imperialismo americano era o proletariado mundial, incluindo o proletariado da URSS. No fim da guerra e no imediato pós-guerra, a burocracia do Krêmlin, ao contrário, foi o principal aliado do imperialismo. Sem a Santa Aliança contra-revolucionária, a potência política da burocracia do Krêmlin, e de seu aparelho internacional, o sistema imperialista não poderia ter se reconstruído. E, ainda em 1948, assim como ao longo de toda a guerra fria, o principal trunfo que o imperialismo dispunha contra o proletariado mundial, inclusive o da URSS, era a burocracia do Kremlin e seu aparelho internacional. O ponto dois começa assim: *“O antagonismo entre a URSS e os USA que domina as relações internacionais, evoluiu no sentido de um endurecimento da atitude de Washington e Moscou.*

No final do ponto 2, vemos: *“O antagonismo URSS-USA. domina de longe a cena internacional, mas não eclipsa totalmente os antagonismos secundários nem a importância de Outros fatores nos desenvolvimentos políticos em outros países do mundo.”*

O ponto 3, que curiosamente se chama “os antagonismos sociais”, começa da seguinte forma: *“A polarização no terreno das relações internacionais entíe a URSS*

e seus satélites de um lado, e o campo dos países capitalistas sob a égide do imperialismo americano de outro, desenvolve-se paralelamente a uma acentuação dos antagonismos de classes e a um aumento da polarização no seio de muitos países capitalistas."

Inúmeras outras formulações desse género poderiam ser levantadas. Diante da incapacidade de proceder a uma análise séria da maneira pela qual a vaga revolucionária estabeleceu de modo concreto, em escala mundial, novas relações de como a luta de classes do proletariado domina todas as relações mundiais, desenhava-se atrás das fórmulas ruminadas, mas vazias, das afirmações peremptórias, uma adaptação às aparências, ao esquematismo burguês e pequeno-burguês, à pressão stalinista sobre a divisão do mundo em blocos. Foi o preço pago por um marxismo que se tornava cada vez mais formal, e que não era mais, portanto, marxismo.

Toda a rica substância da luta de classes mundial que, tanto nos países capitalistas economicamente desenvolvidos, na Europa e nos USA, quanto na América Latina, na Ásia, na África e, sem dúvida, na Europa do Leste, dava possibilidades consideráveis às organizações da IV Internacional, de uma IV Internacional politicamente armada de verdade, escapava-lhes necessariamente.

132

XVI

OS PROBLEMAS POLÍTICOS DA CONSTRUÇÃO DA INTERNACIONAL E DE SUAS SEÇÕES

Por outro lado, a própria direção da IV Internacional se apresentava de fato como a *"solução"* ao problema da crise da direção revolucionária. A IV Internacional não precisava mais ser construída, ela já estava construída.

Estatutos extremamente centralistas e rigorosos são adotados. Seu significado político é claro: a IV Internacional estava definitivamente construída, possuía uma direção, assim como cada uma de suas seções (a famosa direção de reserva); ela e

suas seções só precisavam reforçar-se mecanicamente. Era voltar completamente as costas ao método de construção que Trotsky projetara em 1938.

Os textos do II Congresso mundial declaravam que vinte e duas seções tinham participado do Congresso, acrescentando:

“Atualmente, o movimento trotskista exerce, em escala internacional, uma influência que ultrapassa consideravelmente a de antes da guerra. Entretanto, esses progressos não são proporcionais às possibilidades objetivas e menos ainda às exigências histórica& Em toda parte, existe a tendência à transformação das organizações da IV Internacional em reais partidos de massa.

Já existe uma série de organizações que preenchem esta tarefa com um sucesso cada vez maior e que, por suas experiências, indicam o caminho de acesso às massas para todo nosso movimento internacional. Nos Estados Unidos, na Ihdia, na Bolívia e na França, as organizações da IV Internacional tem, cada uma, sua própria experiência de penetração no seio do movimento de massas. Diversas outras seçoes seguem-nas nesse caminho.”

Supondo que fosse verdade que *“em toda parte a tendência é a transformação*

das organizações da IV Internacional em reais partidos de massa’ que meios políticos que permitissem tal transformação estavam definidos? Nenhum. Fazendo *“sua experiência”,* as massas chegariam a separar o joio do trigo, os bons dos maus e terminariam por se alinharem atrás da *“direcão de reserva...”*

“A Transformação dos Grupos Trotskistas... “Mas Como?

Quando o II Congresso da IV Internacional afirmou que o objetivo a atingir, nos próximos meses e anos, era a *“transformação dos grupos trotskistas em partidos de massa”,* sem tentar explicar por quais métodos, por quais meios podia-se efetuar essa *trans formação”,* afirmou implicitamente duas coisas:

a) são as condições objetivas que resolverão a questão;

b) o partido revolucionário de massas dirigente está constituído, deve apenas se desenvolver.

A que conclusões chegar... se ele não se desenvolvesse? Primeiro, que a culpa tinha sido das condições objetivas, que não eram as que alguns pensavam que fossem... Em seguida, que a culpa tinha sido do próprio quadro da IV Internacional e de suas organizações, de seu programa, proclamados, de fato, um momento em que as condições objetivas não eram evidentemente consideradas por nenhum dos membros fundadores da IV Internacional como particularmente favoráveis. As duas respostas podiam se misturar harmoniosamente. Não é isto o que afirmam hoje em dia os autores da brochura da LCR *“O que é o OCI”,* ao escreverem:

“Um dos elementos essenciais que caracterizam então a análise dos trotskistas éuma profunda incompreensão da defasagem entre o prognóstico de Trotsky (como ele o formulava frequentemente) (sic) e a realidade objetiva do pós-guerra?”

E mais adiante, pelo que é bem mais que uma nota sem maior importância, eles justificam o *“entrismo sui generis”* de Pablo em 1952, julgando necessária a *“inserção dos trotskistas no seio do movimento de massas. A INTEGRAÇÃO NOS PC OU NOS PS.”* (sublinhado por J. J. M). Não se trata de “entrada”, mas

"integração". De fato, quando os trotskistas entraram na SFIO em 1934 - sem a elas integrarem! Eles podiam num momento ou noutro *"manobrar";* mas nunca *"capitular"* como Pablo o aconselhou em 1952. Para ser integrado ou para integrar-se num partido stalinista, épreciso, de fato, capitular.

Sobre esse ponto, os textos do II Congresso mundial confirmavam a atitude prática da *"direcão internacional"* desde sua constituição. Ela foi muito grave para o PCI visto que, estando instalada em Paris, foi, desde 1944-1945, a verdadeira direção da seção francesa. A brochura *"Alguns ensinamentos de nossa história"* observa:

"Nenhuma decisão foi tomada pelo burô político ou pelo comitê central do PCI sem seu aval."

A seção francesa era um verdadeiro campo de experimentação do Secretariado Internacional e de suas grandes manobras de política geral.

"A direção francesa", continua a brochura, *"estava completamente enfeudada a ele, participando de suas intrigas, que frequentemente ocupavam o lugar da linha polí*Em todo caso, essa situação aumentava a distância entre a atividade dos mili-

tantes trotskistas nas empresas ou nos sindicatos e a expressão política oficial e pública do combate trotskista em *"La Vérité"* ou, mais ainda, na *"IV Internacional",* Chegou-se a uma especie de coèxisténcia entre a *"ideologia"* de um lado e essa atividade de outro.

Normalmente, ambas corriam em paralelas sem se encontrarem realmente. Os redatores dos artigos de política geral ou dos grandes artigos ideológicos sentavam-se lado a lado dos redatores dos artigos que tratavam dos combates de classe, greves, problemas dos sindicatos, sem que houvesse uma preocupação comum guiando seus artigos, além do nível geral das *"idéias",* que distinguia *"La Vérjté"* de todas as outras publicações da época. *"La Vérité"* procurava dizer... a verdade sobre o que se passava na classe operária ou no cenário pol ílico. Mas, isso não basta para recrutar e construir um partido - a dissociação teórico-prática colocava em questão a própria construção do partido.

A leitura dos números de *"La Vérite" e da "IV Internacional';* entre 1945 e 1948 demonstra com evidência que a perspectiva da *"transformação dos grupos trotskistas em partidos de massa"* não se acompanhava de uma reflexão sobre a estratégia de construção do partido e portanto sobre os meios de formá-lo ligado à intervenção na luta de classes. Efetuava-se, assim, uma dissociação de fato entre os que dirigiam o partido, considerado como já construído, e os que intervinham na luta de classes.

Um Exemplo: A Greve dos Correios

Em agosto de 1946, o pessoal dos correios [1], renegando a imposição do governo tripartite contra toda a reclassificação indiciária, e também, a imposição dos dirigentes stalinistas e dos reformistas da Federação Postal, declarou-se em greve e constituiu um comitê nacional de greve para coordenar e centralizar seu movimento. O PCI foi a única organização política operária que apoiou os trabalhadores dos correios em greve. O número de 5 de agosto de 1946 de *"La Vérité" foi* inteiramente

dedicado ao movimento, sob o titulo *"Viva a greve geral dos correios",* e no final da página: *"Solidariedade com o pessoal dos correios".* Uma entrevista do camarada Margne, uma entrevista de Leprix, responsável pelo comitê de greve da região parisiense, uma reportagem nos postos de correio em greve, carta de carteiros, a apresentação das reivindicaçôes, retificações de múltiplas falsificações, etc., a saudação do burô político do PCI aos trabalhadores em greve e um editorial. De um lado, a voz dos trabalhadores em greve, de outro a posição do PCI. A saudação do burô político e o editorial desenvolveram uma mesma idéia sob duas formas ligeiramente diferente:

"Espontâneamente, a massa dos trabalhadores dos correios fez nascer sua própria direção: os comitês de greve eleitos democráticamente nas Assembléias gerais. Reunindo os melhores combatentes, os comitês de greve, de postos, centrais, comitês regionais, o comitê nacional, tomaram a direção efetiva do movimento. Magnífica lição para toda a classe operária!"

A saber, que por toda parte os trabalhadores: *"inspirar-se-ão em seu exemplo para construir sua direção democrática de luta:*

[1] *Pessoal aqui, significa tanto os funcionários que trabalham internamente quanto os carteiros (nota do tradutor).*

os comitês de greve a todos os níveis (...). Todos unidos, elas (as reivindicações) serão impostas ao patronato assim comq ao Estado burguês."

Deixando de lado o convite para seguir o exemplo dos trabalhadores dos correios, qual seria o lugar dos trotskistas nesse combate, partindo de sua intervenção, em relação ao objetivo da construção do partido? Nada foi dito a esse respeito no texto. O editorial de Jean Marcoux precisava:

"Os comitês de greve afirmam-se contra os burocratas como esboços de uma nova direção operária."

Mas qual a relação entre o PCI e tais *"esboços"?* Nenhuma palavra também a esse respeito, e o artigo da Lafiêvre. militante do PCI e secretário do comitê de greve, afirmava o seguinte:

"Nós, pessoal dos correios, demonstraremos a todos os trabalhadores que apenas os métodos de ação direta são eficazes na luta reivindicativa."

E ponto final... Em todo lugar onde havia um trabalhador dos correios militante do pei; ele lançava-se de corpo e alma ao combate e gozava da confiança de seus camaradas. Seu partido, o PCI, saudava-o e apoiava-o oficialmente pela imprensa. O que, sem dúvida, era muito importante, mas não era suficiente. A ausência de um laço entre a greve, a atividade dos trotskistas na greve, o comitê de greve e a construção do partido, traduzia-se politicamente por uma expressão bem esquemática e simplesmente denunciadora da estratégia de frente Única. O editorial de Marcoux terminava com esse simples comentário:

"Através da ação, a traição dos dirigentes tradicionais aparecerá, sem dúvida, em toda sua nudez."

Sem dúvida, o pessoal dos correios membros do PCF e da SFIO abandonaram seus partidos, mas quantos terão sido ganhos pelo PCI nesse combate? Não se encontra indicação a esse respeito em *"La Vérité"* O problema não é ganhar não importa quem, mas sim o fato dessa questão não estar no centro das preocupações dos redatores do jornal. O partido já estando construído,. diante da traição dos

dirigentes, os trabalhadorés se filiariam a ele... Não é o que se subentende desses artigos?

O combate cotidiano dos militantes operários trotskistas não era comentado, ou mais exatamente, as lições que trazia não eram apontadas. A direção e o jornal, fator de organização, estavam atrasados, muito atrasados em relação ao combate real. E com tal atitude, impedem que ele desenvolva plenamente toda força. Se a orientação política proposta pelos trostskistas e seu jornal aos militantes operários era simplesmente demonstrar que a ação direta permite a vitória ou desmascarar, através da ação, a traição dos dirigentes tradicionais, tal orientação desarmava-os para o recrutamento. Seria, pois, o PCI o *"partido da ação direta"* ou o partido dos militantes convencidos da *"traição dos dirigentes traidores'?* Isto não tenderiaa reduzí-lo a um grupo de pressão sobre os aparelhos e de denúncia desses aparelhos? Percebe-se aí um vazio, mal preenchido pela atividade eleitoral.

Uma Emenda Que Só Com o Tempo Alcançou Sua Expressão Máxima

A brochura *"Alguns ensinamentos de nossa história"* resume da seguinte forma a situação:

"No V Congresso do PCI, em 1948, Frank torna-se secretário geral. Lmperturbável, continua a enviar cartas abertas propondo a frente única ao secretário geral do PCF, Maurice Thorez. Os militantes operários prosseguem na maior indiferença suas tarefas centradas na intervenção direta na luta de classes. E Pablo continua a gerir o partido mundial da revolução socialista!"

Mas essa gestão formal e tripartite da herança não resolvia nenhum problema, a não ser em palavras. O PCI perdia sua substância, encontrando-se numa situação que parecia desmentir o prognóstico político sobre o qual estava apoiada a proclamação da IV Internacional. A urgência de uma resposta e de uma solução para tal situação aparecerá por vias indiretas. Uma parte daqueles que, com razão, tinha condenado os *"direitistas"* e sua tentativa desesperada para encontrar um atalho fulgurante para construir uma partido vasto, deixando de lado o programa, um pequeno obstáculo incômodo, uma parte desses mesmos militantes, como dizíamos, escolheu um atalho tão fulgurante quanto o outro, menos de um ano depois. A não solução dos problemas que geraram o abandono dos direitistas e sua cisão facilitou a partida do grupo Chaulieu-Lefort (1948), que logo depois abandonou toda atividade na luta de classes, assim como o grupo Pennetier-Guérin, que teve a mesma sorte.

O combate real dos militantes operários trotskistas na luta de classes chocava-se com a concepção de um partido já existente como direção potencial ou de reserva. Além da exacerbação das lutas das frações, progredia uma reflexão que se exprimiu na emenda apresentada no congresso que se seguiu à cisão de 1948:

"Se, para os trotskistas, é indiscutível que o programa da IV Internacional é o único programa sobre o qual pode-se construir o partido revolucionário, sobre o qual

pode ser construido o partido mundial da revolução socialista, não está provado que, na França, o partido de que a classe operária necessita para vencer será construído no quadro formal que o PCI hoje representa."

Em outros termos, à afirmação: o PCI é o partido revolucionário construído e que conduzirá o proletariado francês à tomada do poder -, opôs-se a necessidade de construir esse partido revolucionário, bem entendido a partir do PCI, mas sem que fosse possível prever as formas que sua construção tomaria.

A brochura *"Alguns ensinamentos de nosssa história",* depois de ter reproduzido essa emenda, precisa:

"Ela representa o primeiro momento do encaminhamento de um pensamento coletivo que, aliás, só encontrará sua expressão máxima bem mais tarde. Ainda não chegamos a ela. Em 1948, essa emenda exprimiu uma necessidade que não poderá deixar de se impor. Os trotskistas precisam começar a terminar com as pretensas verdades acabadas, começar a estudar seriamente as condições reais da construção do partido revolucionário na França, apoiando-se no método vivo do bolchevismo, contra a repetição formal das frases de "Oue fazer?"

XVII

RUMO AO PABLISMO

A importância decisiva da *"clarificação das idéias",* a medida fundamental de se construir um núcleo coerente ligado pelo programa do bolchevismo às vésperas da II Guerra Mundial e das comoções que ela anunciava, nâo deveriam dissociar o programa, as *"idéias da atividade"* de construçào do

partido, a considerá-las como duas categorias separadas, e até paralelas. O marxismo repousa sobre a unidade da teoria e da prática. A dissociaçâo. mesmo que formal, entre as duas, coloca em perigo uma e Outra e leva, mais ou menos a longo prazo, à revisão da *“teoria”* para adaptá-la à *“prática”* que se lhe torna oposta. Essas questães. decisivas desde a batalha pela fundação da IV Internacional. ressurgem nos anos que seguem à vaga revolucionária do fim e do imediato após-guerra.

Rumo ao Pablismo

Quando em 1958 Michel Pablo publica na revista do Secretariado Internacional, *”IV Internacional”,* um balanço em cinco partes intitulado “Vinte anos da IV Internacional”, ele responde assim à questào: *“Por que a IV Internacional?”*

“O que se leva definitivamente em conta para a qualidade de uma direção revolucionária, não é o grau de sua liga çâb com a classe em um dado momento, mas sim seu programa, sua doutrina, como também a continuidade, a conseqüência com a qual

estes são difundidos pelos quadros revolucionários. Se o programa, a doutrina correspondem efetivamente não à consciência, à mentalidade conjuntural da classe, mas àsituação objetiva, e se a organiza ção defende com conseqüência e perseverança suas idéias, MAIS CEDO OU MAIS TARDE (sublinhado por nós - J. J. M.), ela *realizará sua conjunção com as massas colocadas em movimento na mesma direção pelas condições objetivas, que determinam em definitivo as lutas das massas.“(IV Internacional, 1958, p.63).*

“Mais Cedo ou Mais Tarde”

Isso quer dizer que a *“defesa do trotskismo”* a *“defesa do marxismo”* não éa atividade que visa Construir o partido através e pela intervanção na luta de classes, mas sim a defesa abstrata de um programa reduzido a um corpo de *“idéias”* - as palavras-de-ordem do *“Programa de Transição”* tornando-se assim *“idéias”* melhores que aquelas das direções traidoras - que, mais dia, menos dia, *“mais cedo ou mais tarde”,* encontrarão o movimento objetivo. Nenhuma necessidade, pois, de uma estratégia de construção do partido. Ele já existe em miniatura, como uma *“direção de reserva”,* que anahsa, critica e denuncia, esperando a conjunção entre o movimento objetivo e seus propósitos.

Esse *“objetivismo”* leva a uma espécie de mecanismo fatalista: esperemos, o momento chegará. Aliás, no mesmo texto, Michel Pablo, ao definir a função do *“Programa de Transição”* precisa:

“Se, consequentemente, se elaborar o programa não adaptando-o à mentalidade conjuntural das massas mas sim às condições objetivas, poderemos estar certos de que CEDO OU TARDE (Nós que sublinhamos - J. J. M.), *as massas farão suas linhas diretrizes e as palavras-de-ordem de um tal programa. Eis aqui o sentido e a força do marxismo revolucionário.”*

Então, *“Cedo ou tarde’;* as massas se reconhecerão no programa graças ao próprio movimento objetivo. Uma tal atitude objetivista leva a dissociar radicalmente a teoria (formalizada e reduzida a uma espécie de código) e a prática (reduzida à espera do movimento espontâneo). A construção do partido, quer dizer, a luta consciente para realizar esta tarefa, que nada e ninguém pode levar a bom termo no lugar dos revolucionários, se reduz à repetição de fórmulas prontas, herdadas de *“Que fazer?’* ou das resoluções dos quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista.

Assim, a luta de classes continuando, não *“cedo ou tarde”,* mas sim bem de mediato, cada dia, a insuficiente assimilação dos princípios do bolchevismo, e sua formalização iriam conduzir os dirigentes da Internacional a procurar atalhos e substitutos à luta consciente para Construir o partido. Essas tentativas, por si só e seus fracassos, deveriam conduzir a revisões teóricas múltiplas e fundamentais.

A Procura de Substitutos: A Iugoslávia

A mais “radical” pertence ao grupo Chaulieu-Lefort, que daria origem ao grupo Socialismo ou Bárbárie. A tendência se constituiu no decorrer do verão de 1946 e colocou em causa, ao mesmo tempo, a análise da URSS como Estado operário degenerado e a definição da burocracia como uma casta parasitária nascida em um acidente da história; ela aí via uma nova classe exploradora, questionando a palavra-de-ordem governamental de um governo PC-PS-CGT (pois ela terminaria por dar o poder aos partidários de uma nova classe exploradora), e, no fundo, a própria necessidade de um partido a construir. Em consequência desse atalho, chegar-se-ia a um abandono puro e simples do marxismo e de seus fundamentos elementares.

A pressão do stalinismo, na origem dessa tentativa que vai desembocar dois anos mais tarde em uma ruptura completa, se exerce sob outras formas. Ela está na origem das rupturas de Rousset-Leblanc e de Schwartz. E ela vai se exprimir até ao nível da direção da Internacional, com o caso iugoslavo. Em outubro de 1948, Stálin excluiu o PC iugoslavo do Kominform, constituído especialmente para permitir esta operação. Os trotskistas não aceitaram o “diktat” de Stálin: *“Tito fascista’* Eles se mobillzmam para defender a revolução iugoslava - se bem que controlada por um pesado aparelho burocrático - contra o Krêmlin e sua campanha de calúnias histéricas. Essa ruptura entre o Krêmlin e o PC iugoslavo exprimia, apenas trêsanos após o fim da guerra, auise que já corrola a burocracia stalinista, ainda aureolada pela derrota do nazismo. Levar em conta essa ruptura, encontrar os meios para a intervenção da IV Internacional nesse caso, era uma necessidade... Não foi exatamente nesse sentido que se orienttxi a direção da IV Internacional, cujos escritos tomavam cada vez mais a forma de tmna apreciação sobre a amplitude e a rapidez com as quais o aparelho do PC iugoslavo... adotava posiçães justas e corretas, enfim se orientava em direção à IV Internacional...

Assim, a 3 de julho de 1948, *"La Verité"* difundiu sob forma de panfleto um suplemento intitulado "Aonde vai a Iusgoslávia?", convocando para um comício a 8 de julho. O texto indicava muito justamente o sentido da ruptura, mas uma pequena manchete colocava a seguinte questão, que é mais que uma fórmula jornalística: *"Tito é trotskista?"*

As coisas avançaram rapidamente. *"IV Intenacional"* publicou em seu número de outubro-novembro de 1949 um artigo de Pablo intitulado *"'A evolução do PC iugoslavo".* Aí ficava-se sabendo da grande novidade: *"Não pode ser exagerado pensar que, se o caso iugoslavo evolui favoravelmente, se o regime de Tito não se compromete com o imperialismo mas desenvolve, pelo contrário, UMA LINHA REVOLUCIONARIA MAIS CONSEQLjENTE (sublinhado* por nos - J. J. M.), *será possível assistir nos anos que virão à derrota do stalinismo em grandíssima escala...). Não se trata de esperar que o Partido Comunista iugoslavo chegue por suas pró prias forças A SE MANTER SOBRE UMA PLATAFORMA JUSTA E QUE A IUGOSLÂVIA CONTINUE SOZINHA A SE BATER EM UMA DUPLA FRENTE CONTRA O IMPERIALISMO E CONTRA O KRÉMLIN."* (sublinhado por nós – J. J. M.).

Este *"sozinha"* risca do papel a IV Internacional que manifestamente não serve para nada. E isto não é jamais colocado em questão nesse artigo; suas tarefas, nessa situação aparentemente tão favorável, não são jamais evocadas. Com a chegada do mes-

sias iugoslavo, seria a IV Internacional supérflua no pensamento do autor? É por isso que, algumas semanas mais tarde, na sua resposta à Vlahovitch. o Secretariado Internacional qualifica o PC iugoslavo de *"organização revolucionária"* - enquanto que no artigo de Pablo, ele não passou ainda de uma *"corrente centrista de esquerda"* evoluindo a grandes passos sob os olhos deslumbrados de nosso autor.

A *"Resolução sobre a crise do stalinismo e os desenvolvimentos da revolução iugoslava"* adotada pelo VIII Plenum do Comitê Executivo Internacional na primavera de 1950 aparece no número de maio-julho de 1950 da *"IV Internacional",* no mesmo momento em que, por uma ironia amarga da história, estoura, no inicio de julho, a guerra da Coréia. que vai enviar o infeliz substituto à lata de lixo do passado.

Aí ficamos então sabendo que:

"A evolução progressiva própria do PC iugoslavo (...) contém potencialmente a maior chance, dede a revolução russa, do movimento operário Internacional renascer sobre a plataforma do marxismo revolucionário (...). O PC iugoslavo seguiu um curso que ultrapassa, apenas dois anos após a ruptura, os prognósticos mais otimistas. Os progressos ideológicos realizados pelo PC iugoslavo e as realizações correspondentes na Iugoslávia provam a profundidade do movimento revolucionário que levou esse partido ao poder e as qualidades remarcáveis de sua equipe dirigente."

Após essa demonstração extasiada de satisfação ornada com uma apreciação lisonjeira sobre as dificuldades com as quais o autodidata fez seus progressos,

"progressos ainda mais apreciáveis pelo fato de se realizarem em uma conjuntura internacional onde se exerce a enorme pressão conjugada do imperialismo e da burocracia soviética sobre a revolução iugoslava, enquanto que a ajuda do proletariado permanece ainda muito fraca", aprende-se enfim que, o PC iugoslavo ao firmar de maneira *"cada vez mais clara e cada vez mais potente (...) a essência eminentemente democrática da ditadura do proletariado (...), TORNAR-SE-*

A O TRAMPOLIM MAIS PODEROSO DE ONDE PARTIRÁ O ASSALTO DECISIVO CONTRA O STALINISMO EM CRISE (sublinhado por nós – J. J. M.), (...), *na medida – é evidente - em que ele se mantiver nessa via, e se desembaraçar dos últimos vestígios ideológicos stalinistas, encontrará o elo orgânico entre o avanço da revolução iugoslava e a revolução mundial"*

O Secretariado Internacional chamava pois o Partido Comunista Iugoslavo a servir de trampolim par IV Internacional. Sua ruptura com o Krêmlin mostrou sem dúvida que ele não era mais um partido stalinista, mas nem por isso deixava de ser um partido burocrático subordinado aos interesses da burocracia iugoslava. Pensar que ele pudesse tornar-se um semelhante trampolim, sem abalos e crises internas, sem combates nem rupturas violentas em seu seio, graças a uma *'equipe de dirigentes com qualidades remarcáveis",* era já dizer que a burocracia podia, e até devia, jogar um papel revolucionário.

A contribuição dos *"dirigentes remarcáveis"* do PC iugusíavo, passando com armas e bagagens para as fileiras da IV Internacional e insuflando-lhe um sangue novo... Não vemos aí a expressão do queStephaneJust chama de uma *"concepção de aparelho"* da IV Internacional? Alguns meses mais tarde, os representantes iugoslavos apoiam os Estados Unidos na ONU na guerra da Coréia: o Messias tornava-se Judas...

XVIII

O PABLISMO

Longe de tirar a conclusão de que não se podia esperar nada de revolucionário por parte da burocracia. Pablo estendia ao conjunto da burocracia stalinista as virtudes com as quais ele tinha, por instantes, tentado enfeitar apenas à burocracia delito. Esta revisão vai se chocar de início com a oposição *"teórica"* daqueles que iriam tornar-se em seguida os seus mais fervorosos partidários: Germain, Frank, Privas... Pois eles iriam rapidamente capitular sob os ultimatos de seu secretário. Gerentes de um *"partido mundial"* acabado, mas sem papel dirigente real, viam abrir-se escancarado, sob seus pés, o abismo de sua incapacidade real em edificá-lo. Sob as fórmulas rituais, que eles repetiam, Pablo estendia sub-repticiamente uma tábua de salvação: durante séculos de transição, a burocracia iria assumir a missão, tão difícil, de levar a termo a revolução proletária e edificar o socialismo... Que presente e que alívio!

"Para Onde Vamos?"

Prosseguindo uma evolução começada há vários anos, Michel Pablo revisava em seu artigo *"Para onde vamos?"* ("IV Internacional" de fevereiro-março de 1951) os próprios fundamentos do marxismo: a história não repousava mais sobre a luta de classes, mas sim sobre a luta entre dois blocos - os maoístas diriam hoje entre as superpotências. Embora estas linhas já tenham sido citadas dezenas de vezes, é necessá-

rio lembrá-las. Pablo colocava de início o seguinte princípio:

"O problema para um verdadeiro movimento marxista - revolucionário não é o de querer fazer com que a nova realidade entre a todo custo em suas normas de pensar do passado, mas de ampliá-las e modelálâs de modo a colocá-las em hamonia com os novos desenvolvimentos objetivos".

Quais eram então esta *"realidade nova"* e esses *"novos desenvolvimentos objetivos",* enfim esse *"novo"* estado do capitalismo, irredutível às *"normas de pensamento do passado'?* Pablo respondia, retomando quase que ao pé da letra os direitistas de 1947-1948:

"A realidade social objetiva para nosso movimento é composta essencialmente do regime capitalista e do mundo stalinista. De resto, quer se queira ou não, somente esses dois elementos constituem a realidade objetiva, pois a esmagadora maioria das forças opostas ao capitalismo se encontram atualmente dirigidas ou influenciadas pela burocracia soviética."

As massas soviéticas - incluindo-se os deportados e os aprisionados eram pois parte integrante do *"mundo stalinista".* Quanto às massas do *"regime capitalista"* pois bem:

"O elan revolucionário das massas erguidas contra o imperialismo se une como uma força suplementar às forças materiais e técnicas que combatem este imperialismo".

Em uma palavra, a classe operária se vê reduzida a uma função de *"suplemento"* do potencial econômico e das forças armadas da URSS e dos países do Leste controlados pela burocracia.

De 22 de março a 17 de maio de 1951, Michel Pablo publicou em *"La Verité"* uma

série de cinco artigos sob o título *"A guerra que eles preparam",* e que precisava certas aplicações estratégicas e táticas de seu artigo *"teórico"* publicado antes em *"IV Internacjonal".* Após haver demonstrado a impossibilidade da coexistência pacífica, ele analisou o ascenso da revolução nas colónias como o prenúncio do fim próximo do capitalismo:

"Sem as colônias, esse sistema está irremediave/mente condenado; ele entrará em urna tal crise que será rapidamente submergido sob os golpes da revolução inevitável nas metrópoles".

E, após haver sublinhado que para sobreviver o capitalismo orientava sua economia *"rumo à economia de armamento, cuja lógica é a própria guerra",* Pablo afirmou, sob o título de *"A natureza da guerra que eles preparam"* que:

"A guerra em preparação é a da contra-revolução imperialista contra a revolução sob todas suas formas".

Esse conceito *"novo"* da *"revolução sob todas suas formas",* Pablo o define nesses termos:

"(...) a revolução sob todas suas formas: a URSS, as democracias populares, a China, os outros territórios asiáticos em revolta, os movimentos revolucionários das massas coloniais e proletárias".

Toda a URSS, não somente seu... *"território",* e eis a burocracia que se vê assm tornar-se, na URSS, nas *"democracias popu/ares"* e na China, uma das formas da *"revolução sob todas suas formas",* das quais a última é, *"trotskismo oblige", "os movimentos revolucionários das massas coloniais e proletárias".* Mas isto não é senão

uma máscara fraseológica, pois não são elas que vão jogar um papel decisivo na *"guerra civil internacional"* que Pablo nos promete para logo... Com efeito, ele nos diz:

"O caráter da guerra civil que nós visualizamos está fundamentalmente dado pelo fato de que ela oporá antes de tudo as forças do imperialismo às forças da revolução sob todas suas formas, e não pelo caráter stalinista da direção dessas forças (regimes e movimentos) aqui e ali (aqui e ali? Sic!).

É desse aspecto preciso, *concreto, fundamental, que falamos e de nenhuma outra coisa, E preciso, consequentemente, partir antes de tudo dessa constatação básica. Em seguida, é preciso examinar o que pode se passar no interior do campo da revolução em conflito com o imperialismo."*

Naturalmente, este campo não é homogêneo e puro (ufa!).

"A burocracia soviética e suas agências jogam ainda (?) um papel muito importante(?) na direção dos países e dos movimentos que, por sua natureza de classe, se opõem ao imperialismo."

Pablo, o Stalinismo e a Burocracia do Krêmlin

Além de ser bastante surpreendente ver um prognóstico tornar-se um *"aspecto preciso, concreto",* uma *"constatação",* e espantoso ouvir que a burocracia, cujo poder político repousa sobre um monopólio político absoluto, *"joga ainda (!) uma papel muito importante na direção dos países...",* está claro que, para Pablo, a burocracia

se situa aqui plenamente - se bem que de maneira impura — no campo da revolução E QUE NÃO É DEVER, EM NENHUM CASO, BATER-SE CONTRA ELA. Pablo coloca aliás os pingos nos “is” após uma evocação do *“duplo caráter”* da burocracia:

“Quando a guerra começar, toda a primeira etapa será a das massas fazendo frenteANTES DE TUDO CONTRA O IMPERIALISMO, e a luta contra a burocracia passará através da luta contra o imperialismo.

A guerra civil da qual falamos não poderá e não deverá colocar imediatamente sobre o mesmo plano a luta das massas contra o imperialismo e contra a burocracia soviética.

Nem na URSS, nem nos países da Europa do Leste, nem nos países capitalistas, nenhum operário consciente poderá conceber a luta dessa maneira”.

Posto que nenhum operário consciente poderá conceber - mesmo se ele vive na URSS, na Hungria ou na Polônia - a necessidade de lutar contra a burocracia em *“toda* (somente?) *a primeira etapa”,* o mínimo que se espera é que os trotskistas se alinhem a seu lado e façam como ele... Enfim, é preciso se enfileirar no campo da “revolução sob todas suas formas”, quer dizer, da burocracia, sabendo que esta é contra-revolucionária *(“nós devemos estar ideológicamente preparados para esse papel inevitável da burocracia”),* e nos consolarmos dessa colaboração imediata e provisória graças à perspectiva aberta por Pablo, que é pródiga em *“inevitabilidades”.*

“A burocracia soviética e com ela ostalinismo perecerão inevitavelmente no desenvolvimento revolucionário desse período, no desmoronamento do capitalismo

em uma escala muito maior ganhando os países mais avançados, nos desdobramentos cada vez mais livres das forças revolucionárias no mundo.

Esse processo, ninguém agora pode barrá-lo ou controlá-lo segundo sua vontade. O ascenso da revolução em sua forma fundamental de DESTRUIÇÃO DO REGIME CAPITALISTA E DO IMPERIALISMO (não da burocracia! J. J. M.) *se cumpre em uma escala sempre maior graças à autodecomposição* (é muito mais fácil! - J. J. M.) *do regime e ao movimento revolucionário das massas.”*

Um ano mais tarde, Michel Pablo tirava as conseqüências práticas dessa revisão fundamental do marxismo no informe que ele apresentava no Comitê Executivo da IV Internacional. A aproximação da guerra iria provocar em *“toda organizaçao operária de massa”* um movimento *“contra a tendência oportunista direitista e pela transformação em centrismo”.*

“As tendências oportunistas direit,stas (sic!) do stalinismo, inclusive da burocracia soviética, inerentes à sua natureza, são constantemente contrariadas e levadas ao fracasso pela evolução da situação, tanto pela atitude dos capitalistas quanto pelas reações das massas”

O que significava para Pablo “Integrar-se ao Movimento Real das Massas”

Aonde isso nos leva?

“Nessas novas condições, que a burocracia soviética não criou voluntariamente mas que ela sofre obrigatoriamente, o stalinismo faz reaparecer tendências centristas que prevalecerão sobre o oportunismo direitista.”

Consequência prática: os trotskistas devem entrar nos partidos de massa stalinistas (e secundariamente social-democratas onde os partidos stalinistas não representam senão seitas) e devem tudo fazer para isso:

“A fim de se integrar no real n,ovirn.nto das massas, de trabalhar por exemplo nos síndica tos de massa, as “astúcias” e as “capitulações” não são somente admitidas mas necessárias.”

A necessidade da capitulação diante do stalinismo, para se integrar ao *“movimento real das massas”,* como ressalta Stéphane Just.

“... significa a liquidação política, pois a “capitulação”, mesmo entre aspas, tem um sentido preciso face aos aparelhos... Além da liquidação dos militantes tomados individualmente, isso significava a liquidação das organizações trotskistas da IV Internacional” (Em Defesa do trotskismo, tomo 1).

Tendo a evolução ulterior de Pablo o levado ao rompimento, inclusive formal, com a IV Internacional e cora o bolchevismo, seus herdeiros tentam hoje reduzir suas posições de então, que eles assinavam em baixo e que conduziram à explosão da IV Internacional, ao nível de urna espécie de epifenômeno.

Assim, revendo o texto de Pabio *“Aonde vamos?”,* Michel Laquenne afirma em *“Crítica Comunista”* de maio-junho de 1976:

“O que se pressupõe da análise desse texto, é a inevitabilidade, a curto prazo, de uma terceira guerra mundial, cujos pra taoc’nistas seriam de um lado a URSS, a China

e as “democracias populares”, prudentemente chamadas de “Estados não capitalistas” e, de outro lado, os Estados imperialistas e seus satélites burgueses...’.

Os três autores da brochura *“O que é a OCI”,* J. M. Freysset. M. Dupré e F. Ollivier. membros da LCR, retomam o argumento:

“O prognóstico errôneo de Pablo (então compartilhado pela maior parte das correstes políticas) da iminência da terceira guerra mundial fundamentava a coerência de sua análise.”

E difícil de se entender: quando Trotsky e seus camaradas proclamam a IV Internacional, adotam o Programa de Transição e um *“Manifesto aos trabalhadores do mundo”,* eles pensam que a II Guerra mundial é iminente... Eles não tiram disso absolutamente conclusão de que a burocracia vai evoluir à esquerda e que os trotskistas devem capitular para entrar nos partidos que ela controla. Eles não tiram mesmo sequer a conclusão inversa, uma vez que essa iminência é uma das razões essenciais da fundação da IV Internacional. Uma terceira guerra mundial nos início dos anos 50 era uma eventualidade, uma *“possibilidade”;* pensá-la não era absolutamente absurdo, e acreditar nela não levava absolutamente de modo automático às conclusões que Pablo supôs deduzir. Na realidade, o movimento é inverso. *“A guerra que vem”* e *“A guerra que eles preparam”* são posteriores ao texto *“Aonde vamos?”,* que data de janeiro de 1951.

Nossos três autores, sem dúvida um pouco embaraçados pela grosseria de uma

explicação que inrlerte até a própria cronologia, se precipitam em juntar a isso uma outra explicação **-** dez linhas abaixo:

"O ascenso do movimento das massas nos países coloniais ou semicoloniais, conjugado com a perda de uma série de mercados para o imperialismo mundial, a incompreensão das conseqüências econômicas da trégua deixada **à** *burguesia pelos partidos burgueses, fazem prognosticar a Pablo a iminência de uma crise econômica generalizada desembocando em enfrentamentos decisivos entre as classes e isso em escala mundial. Esse prognóstico revelando uma análise errônea da situação objetiva, seu desenvolvimento, seus ritmos* **-** *vai fundamentar todas as perspectivas da Internacional, introduzindo assim toda uma série de conclusões políticas erradas."*

E eles afirmam um pouco mais adiante:

"O núcleo teórico dessa análise formará mais tarde o centro das posições polí-ticas da corrente "pablista" dos anos 60: um objetivismo repousando sobre uma superestimação do movimento de massas, de sua radicalização, de seu nível de consciência."

É porque Pablo superestima as massas que ele confia à burocracia uma missão revolucionária... Entenda quem puder!

Que a revisão efetuada por Pablo não tem nada a ver com um prognóstico circunstancial, desmentido pelos fatos, sobre o desencadeamento próximo da guerra, pode-se encontrar uma estranhosa confirmação no texto que ele publica em cinco partes na revista *"IV Internacional"* em 1958, intitulado *'Vinte anos da IV Internacional".* Ele aí afirma, de fato, falando da URSS:

"As novas relações de propriedade atravessaram com sucesso todas as provas do isolamento e da guerra, fortificaram-se e estão atualmente em vias de desabrochar com

uma rapidez, uma forca, um estrondo que, nos anos que virão, prenunciarão o fim do capitalismo, inclusive no terreno econômico."

Ponto final desta citação integral! O lirismo dessa rapidez, dessa força, desse estrondo e desse desabrochamento de novas relações de propriedade sob a batuta da burocracia é espantoso!. Assim, longe de entravar - como a simples observação o demonstra a qualquer um que queira simplesmente abrir os olhos - o desenvolvimento das forças produtivas com base nas novas relações de propriedade, longe de desviar pela fraude o desperdício, o desenvolvimento fantástico dos privilégios e pela baixa produtividade do trabalho com a qual a classe operária reage contra sua usurpadora, a burocracia cumpriria uma missão altamente progressista e garantiria a expansão rápida, vigorosa e estrondosa das *"novas relações de propriedade".* Aqui a revolução política para afastar essa usurpadora parasitária e pata regenerar essas relações de propriedade não só é absolutamente desnecessária mas um perspectiva lamentável: um verdadeiro fator de desordem nesse processo tão harmoniàso.

E a apologia mais cínica do staiiriismo, da burocracia e do *"socialismo em um só país"* e isso sem ao menos o pretexto da guerra iminente: a burocracia cumpre uma missão emancipadora, segundo Pablo, em todas as circunstâncias...

XIX

A MAIORIA DO PCI ENGAJA O COMBATE...

Apreciando o combate contra o pablismo que se desenrolou no PCI, de dezembro de 1950, data do IX Plenum do Comitê Executivo internacional, a julho de 1952, data do VIII Congresso do PCI, após o qual a maioria da seção francesa foi excluída da Internacional, a brochura *"Alguns ensinamentos de nossa história"* traz o seguinte julgamento:

"Os dirigentes da Comissão Operária se pronunciaram contra as teses pablistas, mas não quiseram de in,'cio participar da organização da fração anti-pablista. Isto, por diversas razões. Os dirigentes da Comissão Operária tinham a menor confiança nos principais "teóricos" do antiplablismo. Germanin, mas sobretudo Bleib trem que, apesar de ter compreendido de inicio, o mais amplamente possível, o significado capitulador do pablismo, era um perfeito pequeno-burguês. Por outro lado, os mernbros da Comissão Operária professavam o maior desprezo em relação à impotência pretenciosa de Frank e *sobretudo de Privas. No plano organizacionaf, a Comissão Operária tinha infinitivamente mais confiança em Pablo.*

Mas as hesitações da Comissão Operária tinham motivos mais profundos, em parte válidos, em parte errados. De fato, em 1950, os dirigentes operários NÃO AVALIAVAM TODO O ALCANCE PRINCIPISTA DA LUTA POLÍTICA.

Eles esperavam, contra toda evidência, que a discussão reabsorveria a crise sem danos para a unidade do partido e tencionavam permanecer na Internacional.

Eles adotaram de início uma atitude conciliadora (mas) a Comissão Operária teve que escolher (...). A grande maioria dos militantes operários trotskistas que haviam levado, nas fábricas e nos sindicatos, a bandeira da IV Internacional, recusou-se a capitular com Plablo diante do stalinismo".

O que significava o Pablismo para o PCI

Pedir a esses militantes formados na luta contra o aparelho stalinista nas fábricas que se integrassem, *"capitulando"* e *"manobrando"* no PC, era de fato pedir-lhes que se liquidassem.

O engajamento dos militantes operários do PCI na luta contra o pablismo leva ao mesmo tempo a uma reflexão política sobre o papel real do PCI, dividido, mas ainda real. Assim a resolução política do VII Congresso, que ocorreu em julho de 1951, coloca a construção do partido como uma tarefa a realizar (ao mesmo tempo em que a apresenta em outras passagens como já realizada). Ela afirma em um momento a necessidade de alcançar *"o objetivo que permanece sendo nosso: construir o partido operãrio".* E o editorial de *"La Verité"* que apresenta os resultados do Congresso caracteriza o PCI como *"um grupo de propaganda revolucionária"...* e coloca como tarefa a realizar:

"Acentuar a transformação do PCI de grupo de propaganda revolucionária em organização agindo no seio das massas trabalhadoras, tarefa articulada em torno de uma perspectiva de organização no terreno da frente única: a luta pela constituição de COMITÊS DE UNIDADE DE AÇÃO DEMOCRÁTICOS", dos quais um inicio de

realização, sob o impulso dos trotskistas, materializou-se na RATP e nos estaleiros de Brest.

Por Outro lado, ao mesmo tempo e contraditoriamente, encontram-se as formulações tradicionais sobre o partido dirigente na conclusão da resolução política que afirma:

"Nosso partido cerrará e reforçará suas fileiras para se inscrever como direção na vanguarda por uma justa orientação em relação às massas."

Mesmo incompleta, essa reflexão é totalmente oposta às teses da minoria pablista aprésentada por Pierre Frank, que não usa meias palavras: "A guerra é inevitável em prazos relativamente curtos." Frank fala de *"Estados operários"* dos quais desapareceu o epíteto de *"degenerados"* e define: *"É falso dizer que é preciso vencer o stalinismo para vencer o imperialismo."* Ele detalha as perspectivas brilhantes que a guerra abrirá:

"O desencadear da guerra não será uma "grave derrota" do proletariado como o diz o texto da maioria e não será marcado desde seu início por um reforçamento dos aparelhos burgueses e stalininstas sobre as massaS. Na Europa e na Ásia a guerra será, ou a consequência da revolta das massas, ou o sinal da sublevação das massas. Nessa guerra nós estaremos em frente única com as organizações stalinistas".

Essas perspectivas abertas por Frank para um PCI de 200 membros não resolvem os problemas delicados da construção do partido? As preocupações da Comissão Operária e do relatório sobre o trabalho nas fábricas e no sindicato adotado no Congresso não parecem pouca coisa ao lado desses arrebatamentos líricos que, anunciando já Posadas e seus desenvolvimentos históricos, desembocam em proposições visando a liquidar todo trabalho sindical e da juventude independente. Os pablistas propõem até

mesmo enviar os trotskistas para encontrar o caminho das massas coabitando com os pequenos burgueses pró-stalinistas ou stalinistas no Movimento da Paz: para ter acesso aos operários do PC, é necessário colocar-se a serviço do stalinismo! Tal é a lição do pablismo

Julho de 1952: O VII Congresso do PCI

A maioria da seção francesa engajou a luta contra as teses revisionistas pablistas com as *"Dez teses"* que Ernest Germain havia redigido, mas que ele próprio se recusou a defender em seguida. Elas só serão publicadas nos números 300-304 de *"La Verité"* (novembro-dezembro de 1952). Em seguida, haverá uma série de artigos de Bleibtreu: *"Aonde vai o camarada Pablo?"* que serão publicados imediatamente após as Dez *Teses":* nos dois casos, a maioria só tornará público os documentos após a cisão perpetrada no VIII Congresso de julho de 1952 pelos defensores franceses do pablismo. A maioria do PCI procurou, de fato, desde o início, defender suas posições no quadro da Internacional. Ela acabou mesmo poraceitarum burâ político onde, se bem que ela fosse maioria, em unia relação de quatro contra um, o

representante do Secretariado Internacional. Ernest Germanin. tinha voz preponderante.

Antes disto, e desde o início, o Secretariado Internacional multiplicará as medidas burocráticas contra a seção francesa para impedir a discussão que ela queria engajar em escala internacional a propósito das teses de Pablo: recusa em comunicar os documentas do PCI às outras seções, em particular as teses de orientação internacional. recasa em submetê-las aos voto do III Congresso Mundial, pois elas... não são conhecidas das delegados; tentativa de instalar, por decreto do congresso, depois do Secretariado Internacional. uma direção composta só de minontários; tentativa de impor o abandono da tendência classista na CGT; suspensão ilegal da maioria do comitê central; proibeção ao burõ político de difundir na organização os documentos submetidos a discussao. tentativa de instalar Pierre Frank como secretário único do PCI. Durante os meses em que se desenrola a luta fracional para a qual o Secretariado Internacional impõe a dandestinidade, dezenas de militantes deixam um partido paralisado por Pablo e seus agentes, no exato momento em que esses últimos decidem o *"entrismo sui generis"* quer dizer siternático, nos partidos stalinistas. não importa a que preço. Pablo persegue o objetivo claro e confesso de liquidar a organização francesa, a tal ponto que seus partidãrios, dois meses antes do VIII Congresso convocado em julho de 1952, dedaram ser, na surdina, à prefeitura de policia, um segundo PCI.

O VIII Congresso se reuniu em julho de 1952. A cisão perpetrada pelos pablistas que arrasta perto de trinta militantes, é consumada. A quase totalidade dos militantes operários (salvo os de Brest). que não podem, sem se suicidar, capitular de qualquer maneira para entrar de novo ria CGT - de onde, em geral, eles haviam sido excluidos, como o O. Renard, sob uma torrente de calúncias - menos ainda no PC. se alinham do lado da maioria, cerca em uma centena de militantes... O partido está exangue, mas a continuidade política do trotskismo fóra preservada contra aqueles que queriam dissolvê-lo no aparelho stalinista. O VIII Congresso proclama:

"Será a falência da IV Internacional? Absolutamente. A IV Internacionacional, é antes de tudo um programa que sobreviverá a uma hipotética liquida ção de sua organização pelos revisionistas. Mas (...) a IV Internacional não pode degenerar, não existe nela nenhuma base objetiva para a degenera çâb: não há nem a ligação com a burguesia de onde nasceu a degeneração da II Internacional, nem a ligação com a burocracia do Krêmlin que causou a degeneração do Komintern. Por essa razão o revisionismo não pode aí mergulhar raízes profundas para prosperar: seu reino só pode ser efêmero.

Uma tal constatação não pode entretanto desviar o PCI da luta pela salvaguarda de todas as aquisições da IV Internacional (...). Nós declaramos e proclamamos que a IV Internacional é NOSSA Internacional; nós defenderemos nossa Internacional contra todos seus inimigos declarados ou camu fiados. Nós combateremos sem descanso pelo reconhecimento do PCI como secão oficial da IV Internacional."

Com o congresso de julho de 1952, um novo período se abre. O PCI, paralisado durante meses, está muito fraco. Mas mantendo-se no maior isolamento, as posições fundamentais do trotskismo, contra as posições e as proposições que levavam à sua liquidação definitiva, o PCI, assegurou a continuidade do trotskismo e

abriu o caminho para seu reerguimento futuro. Ele manteve a herança e o quadro político da luta para defendê-lo. Por maior que tenha sido o preço, essa decisão preserva o futuro.

XX

O PCI NA LINHA DO REERGUIMENTO DA IV INTERNACIONAL

O PCI não pode aceitar que lhe fosse negado o direito formal e a possibilidade real de defender no interior da IV Internacional suas posições e nem ser desagrega do enquanto minoria internacional e organização francesa. Mas sua orientação é clara: ele combate pelo reerguimento da IV Internacional e não por uma outra Internacional; ele rejeita o *"nacional-trotskismo"* que o levaria a considerar que era preciso, no início, construir-se como organização nacional francesa para, em seguida, tomar uma resolução sobre a Internacional. Do exterior da IV Internacional, como o fez no interior, enquanto existia a mínima possibilidade, aceitar indo até mesmo a discussão da aplicação do "entrismo sui generis". á seção francesa, o PCI prosseguiu o combate pelo reerguimento da IV Internacional.

Abertura da Discussâ'o entre o PCI e o SWP

Pablo beneficiou-se da ajuda influente ou explícita das direções de outras seções da IV Internacional para tentar liquidar o PCI. No momento em que ele desenca-deava as últimas manobras destinadas a esse fim, em nome da direção francesa, Daniel Renard enviava, a 16 de fevereiro de 1952, uma carta a James P. Cannon, principal dirigente do SWP, para lhe explicar o sentido da luta do PCI contra o pablismo e os métodos sem princípios de Pablo.

J. P. Cannon só respondeu a 29 de maio a carta de Daniel Renard. Ele aprovara a linha do III Congresso da Internacional que definia o *"entrismo suigeneris"* e defen-dia de antemão as decisões do XI Plenun que deveria ocorrer em junho. Contra a seção

francesa. cuja direção regularmente eleita no VII Congresso do PCI será destituída, este XI plenum deveria decidir que o VIII Congresso do PCI fosse transformado em uma conferência de aplicação do *"entrismo suigeneris."*

J. P. Cannon escreve:

"Sua carta, camarada Renard, como também a declaração de seu burô político sobre o X Plenum, explica que a essência política de sua posição no conflito, é a oposição ao "pablismo". Você o define como uma tendência revisionista visando a "uma pura e simples integração ao stalinismo ", e assim a uma capitulação diante dele. Essa questão, como você talvez o saiba, tem uma história dentro do Socialist Workers Party e, consequentemente, nos é familiar. Desde 1950, quando a nova virada tática foi indicada pela primeira vez, os jonhsonistas (tendência ultra-esquerdista que pertencia na época ao SWP), tentaram aterrorizar o partido com o espantalho do "oablismo Eles procuravam mostrar uma luta do "cannonismo" contra o "pablismo" no movimento trotskista internacional. Como nós estivemos, desde o início, completamente a favor da nova virada histórica, nós não tinhamos nenhuma

base para uma tal oposição de tendênciai Nós julgamos a política da direção internacional pela linha que ela elabora nos documentos oficiais no período recente, pelos documentos do III Congresso Mundial e do X Plenum. Nós não vemos aí nenhum revisionismo. Tudo o que vemos, éuma clarificação da evolução do após guerra do stalinismo e as grandes linhas de uma nova tática para combatê-lo mais eficazmente.

Nós consideramos esses documentos inteiramente trotskistas."

Assim aos olhos de J. P. Cannon, não somente os textos do III Congresso, mas ainda do X Plenunm eram *"inteiramente trotskistas"* Que os textos do III Congresso Mundial pudessem ter sido proveitosos, ainda passa: o PCI os havia caracterizado como *"confusos e contradit6rios",* quer dizer entrelaçando orientações opostas. com a *"linha trotskista"* não tendo outra razão de ser que a de fazer passar o revisionismo. Por outro lado, os documentos do X Plenum, sobretudo esclarecidos pelos artigos do próprio Pablo, não podiam ser considerados proveitosos por um dirigente tão experiente como Cannon:

"O stalinismo, inclusive a burocracia soviética, é colocado desde a "guerra fria" em novas condições, em relação a tudo o que tinha sido a situação até então. Suas tendências oportunistas direitistas inerentes à sua natureza são constantemente coo trariados, levadas ao fracasso pela evolução da situação, tanto pela atitude dos capitalistas quanto pela reação das massas. As condições que permitiram seu jogo até o fim da guerra não se renovarão nunca mais (...).

A burocracia soviética está encurralada no combate final e decisivo: o movimento stalinista em toda parte é tomado entre essa realidade e as reações das massas diante da crise final incessantemente agravada do capitalismo.

Essas condições particulares, que a burocracia não criou, mas que ela sofre obrigatoriamente, exigem não somente "manobras" mas "capitulações", não apenas admissíveis, mas necessárias."

Seria possível que a direção do SWP, que J. P. Cannon estimasse que esses documentos eram "inteiramente trotskistas?"

A verdade se mostrou evidentemente diferente no imediato pós-guerra, a direção do SWP se desobrigou da responsabilidade da direção da IV Internacional. Ela con-

siderou que devia consagrar o essenctal de suas forças a construir o partido revolucionário nos Estados Unidos, ainda mais porque ela achava que a revolução americana era iminente. Era-lhe suficiente manter o indispensável elo de princípio entre o SWP e a IV Internacional, a construção da Internacional viria depois, pelo efeito mecânico do *"desenvolvimento"* do SWP. A revolução americana não aconteceu. Ao contrário, após os poderosos movimentos de greve que se seguiram imediatamente à guerra, a burguesia contra-atacou, editando leis repressivas, entre elas a famosa lei Taft-Hartley. Em seguida, ao mesmo tempo em que o imperialismo dos Estados Unidos desencadeava a *"guerra fria",* o maccarthysmo se desenvolveu, inflingindo duríssimos golpes contra o SWP. Não há nenhuma dúvida de que esses anos foram anos difíceis para o SWP e sua direção.

A confusão política era a contrapartida inevitável dos erros de apreciação da direção do SWP sobre as perspectivas americanas e sobre as do SWP, bem como, suas dificuldades. A tendência do retraimento nos Estados Unidos se reforçava

igualmente. O SWP estava forçasamente muito desarmado face ao revisionismo que começou a se afirmar no início dos anos 50. Sua direção deixava inteiramente as mãos livres à *"direção"* do *"Partido Mundial"* em relação às seções européias, notadamente o PCI, desde que o SWP não estivesse diretamente implicado e que sua zona de atividade permanecesse sob seu controle. Mais que isso a direção do SWP encobria formalmente o SI.

Pablo ataca todas as Seções

Não era somente a direção do SWP que, nesses anos, procedia desse modo, mas praticamente todas as seções importantes da IV Internacional. Todas votaram no II Congresso Mundial estatutos super-centralizados. Todas deram generosamente o título de *"direção da Internacional"* ao SI, considerando que tudo isso era formal e sem grande importância. No mesmo espírito, elas participaram no CEI, no III Congresso mundial e de todo o ritual. Atrás da aparência do *"partido mundial"* supercentalizado se esconde o desenvolvimento, na maior parte das seções, de uma espécie de *"nacional-trotskismo'* Todas deixam Pablo empreender a destruição da seção francesa e o acobertam, desde que o SI as deixe fazer que elas bem entendem em sua *"zona de influência".*

"O stalinismo faz reaparecer tendências centristas que sobrepujarão o oportuismo direitista."

Assim, até então, o stalinismo não havia desenvolvido senão simples *"tendências oportunistas direitistas!"* Toda a ação contra-revolucionária do stalinismo, *"conforme sua natureza",* jamais existiu. Não se fez senão sucitar *"tendências oportunistas"* que, evidentemente (pleonasmo), são *"direitistas'*~ Felizmente, essas *"tendências"* vão de agora em diante ser suplantadas inelutavelmente por *"tendências centristas'* Nós somos remetidos de volta aos anos 1923-1933 quando, segundo Trotsky, a política da burocracia do Krêmlin e da IC deveria ser caracterizado como *"centrismo burocrático".*

Se um tal fenômeno pudesse se produzir, é preciso dizer claro que a IV In-

ternacional seria um erro histórico. Seria necessário retomar uma orientação de reerguimentos por PC5, na falta da IC, e regeneração da burocracia do Krêmlin. Por outro lado, toda organização que age nesse sentido seria ela própria supérflua. Pablo explica: as cohdições *"objetivas"* agem com uma potência irresistível, o melhor é deixá-las atuar. Na verdade, organizações combatentes segundo os princípios e a perspectiva da IV Internacional são obstáculos que só podem dificultar o movimento objetivo da regeneràcão espontânea da burocracia do Krêmlin e dos PCs, do qual se pode muito bem esperar que ele vá até a fazer da burocracia e de seu aparelho internacional intrumentos da revolução, tal é a sua potência. Assim Pablo preconiza o *"entrismo sui-generis".*

A política dessas seções não é o menor de seus erros. Não somente agindo desse modo elas pisoteiam os princípios da Internacional, mas elas preparam as condições do ataque do centro liquidador contra suas próprias seções. Dispondo dos

poderes que lhe conferem os estatutos supercentralizados, encoberto pelas tomadas de posição anteriores das direções das seções, o SI tem meios para atacar, outras seções após a seção francesa. E, sobretudo, a política de destruição da seção francesa não pode parar, o pablismo deve atacar as outras seções da Internacional... em nome da Internacional.

O SWP não demora a sofrer as consequências. Pablo suscita em seu interior uma oposição que, em nome da linha do III Congresso Mundial, dos X e XI Plenums, que a direção do SWP aprovou, entende aplicar a política liquidadora de Pablo. Clarke. que foi durante muitos anos o representante do SWP no SI, forma com Cochran a Bentell uma tendência que quer aplicar nos Estados Unidos uma forma de *“entrismo sui-genens”.* O conflito explode entre essa tendência e a direção do SWP a partir de fevereiro de 1953.

Pablo não constitui somente nos Estados Unidos sua própria fração, mas igualmente nas seções inglesas. ceilanesa, boliviana, etc.

Através de uma carta datada de 27 de maio, Cannon colocava brutalmente a Pablo a questão de saber se ele apoiava a tendência Clarke-Cochran-Bentell. que só lhe foi respondida por evasivas. Rapidamente, de forma não oficial mas, mais ou menos camuflada, a luta toma uma dimensão internacional.

Gerry Healy havia sido, até então, um dos mais fervorosos pertidários de Pablo, chegando até a votar no SI o projeto de texto sobre *“Ascenso e declínio do stalinismo”,* preparado com vistas ao IV Congresso Mundial. Mas, sob seu impulso, a seção inglesa apoiou a direção do SWP contra a fração Clarke-Cochran-Bentell.

Em fins de agosto. Pablo fez agir sua fração no interior da seção inglesa. No decorrer de uma reunião do comitê executivo da SLL. Lawrence intimou Gerry Healy a aplicar a disciplina do SI e a defender a linha do *“Ascenso e declínio do Stalinismo”,* que ele havia votado no SI, e cessar de apoiar a direção do SWP. Entretanto, Gerry Healy recusou este gênero de *“disciplina”* e foi apoiado pela maioria da seção inglesa. Por seu lado, a direção da seção do Ceilão manobrava sem se engajar.

Luta Internacional Contra o Pablismo

É só em setembro que a direção do Socialist Workers Party se decide a engaiar abertamente a luta contra Pablo no interior da IV Internacional.

Carta de J.P. Cannon à Farrel Dobbs, Los Angeles, Califórnia, 18 de setembro de 1953. Nova Yorque.

Prezado Farrel,

Recebi sua carta de 16 de setembro que relata discussão no interior do grupo em Nova Yorque. Sua reflexão parece ter caminhado paralelamente com a nossa sobre cada ponto, inclusive a questão das decisões a se tomar. Vincent e eu temos amplamente discutido e chegamos a conclusões idênticas quanto à continuidade de nossa ação.

Essa continuidade pressupõe uma decisão fundamental da direção do partido, decisão que deve ser tomada compreendendo-se claramente todas suas implicações. Deve ficar claro, antes que nós comecemos, que essas novas ações não representam simplesmente o prosseguimento da luta contra a minoria de

Cochran. Elas exigem uma nova decisão em um outro nível. É uma decisão infinitamente mais séria que aquela que nós tomamos ao lançar contra os amigos de Cochran a luta aberta, e essa não se trata do mesmo gênero de de decisão.

A ruptura aberta com os amigos de Cochran não significava a ruptura de uma coalisão ou de uma aliança existente ao nível da direção. Ao contrário do que alguns puderam pensar na época, os amigos de Cochran jamais desempenharam papel verdadeiramente essencial, sem mesmo falar de um papel indispensável, na direção real do movimento. Isto foi amplamente provado pela linha da direção desde a ruptura aberta com os amigos de Cohran, em janeiro último.

Houve uma ligeira mudança em relação ao período precedente, mas naquilo que concerne à tomada de decisões políticas e à direção do trabalho do partido, essa mudança assemelhava-se ao “clic” que se ouvequando um vagão passa de um trilho para outro. Além disso, os amigos de Cochran jamais tiveram um papel indispensável na divisão do trabalho no seio da direção ou mesmo no trabalho de conjunto do partido, como alguns puderam pensar. Isso foi amplamente demonstrado particularmente desde que a campanha organizada de sabotagem deu provas de sua futilidade.

A situação no plano internacional é completamente outra. Aí, nós tivemos de fato uma aliança no trabalho político mais importante e também uma divisão de trabalho. Desse ponto de vista, uma ruptura aberta com os dirigentes de Paris será comparável ao grande abalo de 1940. A cisão dos amigos de Shachtman convulsionou uma coalisão que existia desde longa data, como também uma divisão de trabalho, e foi preciso reorganizar tudo completamente. E necessário compreender claramente que uma ruptura aberta com Pablo e companhia só poderia engendrar os mesmos efeitos.

Eu não acentuo essas conseqüências para argumentar contra as decisões que você propõe tomar. Ao contrário, estou cada vez mais persuadido que essa linha é inevitável.

Mas antes de começar, cada parte interessada deverá pesar o conjunto das conseqüências das ações empreendidas, como parece que os dirigentes de Paris fizeram, por sua parte. Todas as dúvidas, todas as hesitações deverão ser deixadas para trás, quando começar a guerra aberta.

Eu duvido muito da possibilidade de restabelecer um “modus vivendi” nas antigas bases, uma vez que a luta se desenvolverá abertamente. Essa possibilidade, por menor que seja, dependerá da relação de forças que se estabelecer na luta aberta. Naquilo que concerne ao SWP, a luta está praticamente terminada nesse sentido. As rela-

ções de forças mais favoráveis que nós podemos esperar no próximo período estão desde já estabelecidas. Se o mesmo sucesso se produz na Grã-Bretanha, O combate internacional já se terá virado a favor do trotskismo ortodoxo.

A Constituição do Comitê Internacional

Os contatos estabelecidos com o PCI, desemboCaram em um acordo de princípio entre as seções inglesas, francesas, suiça, em apoio à direção do SWP. E a 16 de novembro, o orgão do SWP publicava uma *“Carta aberta aos trotskistas do*

mundo inteiro". Por ocasião do 25º aniversário do SWP, um texto era publicado *"contra o revisionismo pablista",* a 23 de novembro, o Comité Internacional (Cl) da IV Internacional estava constituido.

O *XIV Plenum do SI,* no qual os representantes das organizações membros do Cl não participaram, *"suspendia"* todos os militantes que manifestassem seu acordo com a *"Carta aberta aos trotskistas do mundo inteiro"* e com a constituição do Comitê Internacional.

A resolução constitutiva do ci declarava:

"Nós consideramos o Secretariado Internacional dos usurpadores pablistas, que consagrou sua atividade à revisgo do trotskismo, à liquida ç5o do InternaciOnal, à destruiçâo de seus quadros, destituído.

O XIV Plenum do SI, por sua vez declarava:

"A existência desses elementos e grupos na Internacional era e permanece sendo possível, com a condição de respeitar a disciplina e as regras de funcionamento da Internacional enquanto partido mundial centralizado."

O XI Plenum convocava para o mês de julho de 1954 o *"IV Congresso Mundial".* A direção do Lanka Sarna Samaya Party (seção ceilanesa) desempenhou um papel de equilíbrio, pedindo ao SI que todas as medidas contra os membros do Cl fossem suspensas, que a data do IV Congresso fosse adiada, que uma comissão paritária preparasse o iv Congresso. Além disso, o comité central do LSSP caracterizava o texto *"A scen*so *e declínio do stalinismo"* como *"uma revisão fundamental das posições trotskistas sobre o stalinismo que nega toda justificativa à existência de um movimento trotskistas independente."*

No entanto, a seção ceilanesa participou do *"IV Congresso",* fazendo emendas ao texto *"Ascenso e declínio do stalinismo",* mantendo a proposição de uma comissão paritária para organizar uma conferência comum, mas permanecendo como membro do *"Secretariado Internacional".* Desempenhando esse papel, com a anuência de Pablo, a direção do LSSP deu-se os meios para praticar sem constrangimento uma política que não deixava finalmente nada a desejar à de Pablo, e que iria conduzi-la a participar, dez anos mais tarde, de um governo de tipo frente popular. Nesse mesmo congresso, a ala ultra-pablista, com Clarke, Lawrence, Michêle Mestre, rompia abertamente com a iv Internacional para juntar-se diretamente aos PCs.

Acrescentemos que logo após uma conferência Iatino~americafla organizada àmaneira pablista, para aplicar segundo as condições da América Latina o *"entrismo sui generis",* Posadas, uma esperança de Pablo. reforçava seu controle sobre o Secre-

tariado Latino-Americano. A conferência de dezembro de 1953, apoiada pelo *"SI"* e pelo *"IV Congresso Mundial",* intimava a direção do POR boliviano, a mais forte organização trotskista na América Latina a entrar no MNR, sob o pretexto de *"se integrar no movimento de massas",* e engajar uma luta de fração contra a direção de Guilherme Lora, que iria dar, em pleno desenvolvimento da revolução, golpes muito duros no POR e enfraquecê-lo consideravelmente. Mais tarde, Posadas declarará que a IV Internacional é o secretariado Latino-Americano, e romperá com o *"SI"* levando até o absurdo as teses de Pablo, apelando em suas resoluções à terceira guerra mundial e fazendo suas, exagerando-as, as posições de então do Partido

Comunista Chinês.

E um fato inegável: nesse ano de 1953, a IV Internacional se desagregava organizacional e politicamente. A fundação da IV Internacional, em 1938, não estava em causa. A IV Internacional se desagrava, sem nenhuma dúvida, sob a pressão de enormes forças sociais, o imperialismo e a burocracia do Krêmlin Entretanto, essa explicação é muito insuficiente. Precisamente, em 1953, com a abertura do período das revoluções políticas no Leste da Europa, a greve geral francesa, a derrota do imperialismo francês no Vietnã, a revolução boliviana, a combinacão da crise do sistema imperialista e a da burocracia do Krêmlin e das burocracias parasitárias, verif~ava-se o valor do programa da IV Internacional, assim como a necessidade de sua fundação e de sua existência. Mais ainda, os elementos favorereciam o reagrupamento do proletariado em torno de um novo eixo, no momento em que milhões de proletários procuravam uma nova bandeira, que não poderia ser senão a da IV Internacional.

Em última análise, a razão mais importante para um marxista deve ser procurada ao nível da direção e dos quadros da IV Internacional. Eles não foram capazes de recolher e fazer frutificar a herança teórica e política que Trotsky lhes deixou.

O stalinismo conseguiu exterminar a geração de Outubro, liquidar gerações de militantes experientes. Ao assassianr Trotsky, Stálin sabia o que fazia. A repressão fascista antes e durante a guerra combinou-se com os crimes da burocracia do Krémlin. Os novos dirigentes eram muito inexperientes, muito fracos politicamente. Alguns desertaram. Outros ainda não estiveram à altura de sua responsabilidade histórica, apesar de permanecerem irrepreensíveis combatentes revolucionários.

A formação de uma direção é essencial. Eis a principal lição que nos deixam esses quinze primeiros anos da IV Internacional. Mas, é claro, nenhuma receita milagrosa pode resolver esse problema. Só a luta política o permite, e essa luta deve se desenvolver na linha da reconstrução da IV Internacional.

Jean Jacques Marie,
20 de agosto de 1978